ADILSON ROGÉRIO DO AMARAL

TERREIRO DO SÃO DOMINGOS: MEMÓRIA, PERMANÊNCIA E INOVAÇÃO

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

PUC / SP
2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

ADILSON ROGÉRIO DO AMARAL

TERREIRO DO SÃO DOMINGOS:
MEMÓRIA, PERMANÊNCIA E INOVAÇÃO.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob orientação do Professor Doutor Enio Jose da Costa Brito.

PUC / SP
2006

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Exu e peço a ele seja o mensageiro dos meus agradecimentos.

Agradeço a Olodumure por permitir a minha criação.

A Obaluayie por ter me escolhido por seu filho.

Ao povo brasileiro por ter criado, no meu entender, uma das religiões mais completas que conheci e pude me aprofundar no seu íntimo: a Umbanda.

À baixinha, minha esposa, que sempre me incentivou nos estudos e cuidou sozinha dos nossos filhos, tendo constantemente que sair de casa por algumas horas para que eu pudesse escrever.

À Luiza, minha filha, luz da minha vida, que teve que aprender a esperar para usar o computador nos finais de semana, enquanto eu escrevia.

Ao Theo, meu filho, por se contentar só com a atenção da mãe, para que eu pudesse escrever.

Ao meu amigo-irmão, Leocrécio Rosso, que se não tivesse aberto o seu templo e, de certa forma, sua vida para minhas pesquisas, nada disso teria acontecido.

A Naia, com sua memória maravilhosa, por ter me contado suas histórias que, sem elas, seria impossível concluir este trabalho.

A todos os adeptos e freqüentadores do Terreiro do São Domingos, que me acolheram de braços abertos em todos os dias que lá estive.

Aos meus pais, que me ensinaram sempre a respeitar todas as religiões e sempre me deram liberdade de escolha para seguir a que eu mais me identificasse.

Aos meus filhos e amigos da Ile Oba Atoto e do CERY, por entenderem minha ausência em vários dias neste período e, em especial, à Clélia por sua disponibilidade nas idas ao Terreiro do São Domingos.

A minha primeira sacerdotisa, Mãe Ditinha, que já não se encontra entre nós, pelos ensinamentos que me transmitiu sobre a Umbanda. Sua benção!!!

A minha amiga e irmã, Denise Trevizan Silva, que teve a ousadia de me deixar na metade do curso de mestrado para ir morar no Orun! Saudades!!!!

A todos os professores e amigos do programa, em especial à professora Maria José Rosado Nunes e aos professores Fernando Londonõ e Edin Sued Abmansur. À Andréia pela paciência e ajuda.

À Brígida, pela revisão do trabalho e dicas para melhorá-lo.

Ao meu orientador, amigo, quase um protetor espiritual/intelectual, professor Dr. Ênio José da Costa Brito, meu muito obrigado pela paciência e seriedade nas orientações!!!

Aos professores José J. Queiroz e Teresinha Bernardo, pelas indicações dadas no exame de qualificação.

Ao meu amigo Wiron, por cobrir minha ausência na empresa e por suportar meu tremendo mau-humor nestes dias.

A Neuza Ana Thomam, pelas informações fornecidas.

Aos meus amigos e amigas do Curso de Ciências da Religião, Pérola, Elisangêla, Monalisa, Letícia, Teresinha, Michel, Renato, Antônio e outros.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente colaboraram para execução deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho visa levantar os motivos da permanência, por mais de sessenta anos, da *Tenda Espírita Pai João*, conhecida, na cidade de Americana-SP, como *Terreiro do São Domingos*, por situar-se no Bairro São Domingos, na mesma cidade, para tanto trabalharemos dialeticamente com os conceitos de tradição e de inovação.

Trata-se do mais antigo templo praticante de Umbanda da cidade, constituído juridicamente. Por outro lado, o mesmo serve de modelo à maioria dos templos constituídos posteriormente, tornando-se, assim, um marco na trajetória histórica da religião de origem africana na cidade.

Pretendemos apresentar, com este trabalho, as adaptações ocorridas nos rituais, em especifico, nos processos iniciáticos, oriundas do sincretismo com a religião católica e suas influências no Terreiro do São Domingos, desde sua fundação até os dias de hoje.

A abordagem qualitativa se faz presente nesta trajetória, composta por entrevistas que compreendem depoimentos orais dos membros do templo, a partir do uso do gravador; levantamento documental em acervos públicos e privados; trabalho de observação de campo, principalmente a descrição dos rituais; e utilização de fontes iconográficas, neste caso, a utilização de fotografias como fontes de dados.

Desta forma, a partir dos dados obtidos no campo foi possível chegar à seguintes conclusões: o detalhamento de alguns rituais ameaçados de desaparecer, devido a um processo “naturalmente” sincrético, a importância de se ter a posse da terra, sendo este uma das peças fundamentais para a perpetuação do terreiro, o constante jogo entre tradição e inovação e a valorização do Exu, enquanto entidade espiritual, criando vínculos de amizade entre divindade e adeptos.

Palavras-chaves: Umbanda, terreiro do São Domingos, memória, rituais permanência

Abstract

The present project aims establishing the reasons why the Spirit Tent Father John has been settled in Americana – São Paulo for more than sixty years. It is known in the city as São Domingos Spirit Site, because it is in São Domingos district. We will deal with the tradition and innovation concepts dialectically.

As far as it is concerned it is the oldest temple practicing Umbanda in the city and juridically constituted. On the other hand, it is a model to the most temples constituted afterwards becoming this way, a reference point in the African religion historical path in the city.

Through this project we intend to show the adaptations occurred in the rituals, specifically in the initial processes, coming from the syncretism with the Catholic religion and its influences in the São Domingos Spirit Site, since its foundation until present days.

The qualitative approach is present in this analysis made of interviews which contain the temples' members oral testimonies, with the use of a tape recorder, documental survey made in public and private libraries, observation *in loco*, especially the rituals' description and the use of iconography; in this case the use of photos as a data source.

This way, from the data obtained in the Spirit Site it was possible to come to the following conclusions: The details of some rituals running the risk of disappearance due to a syncretic "natural" process, the importance of having the possession of the land, taking into account that this is one of the essential items for the perpetuation of the Spirit Site, the constant game between tradition and innovation and the Exu valorization, as a spiritual entity, creating links of friendship between divinity and believers.

Key words: Umbanda, São Domingos Spirit Site, memory, rituals, has been settled

Sumário

Introdução 12

PARTE I - A Umbanda nas terras do Coronel Norris 23

Capítulo I – O Terreiro do São Domingos 23

1.1- Americana, passado e presente 23

1.1.1 – Formação da cidade de Americana 24

1.1.2 – A religião na cidade de Americana 26

1. 2 - A Umbanda, uma religião brasileira 30

1.2.1 - A busca da memória 36

1.3 - O terreiro do São Domingos 39

1.3.1 - A fundação do Terreiro 39

1.3.2 – O Espaço Físico 45

1.3.2.1 - O Salão Maior 47

1.3.2.2 - O Salão Menor 48

1.3.2.3- Os quartos dos Orixás e de Exu 50

1.3.3 - A organização do terreiro 52

1.3.3.1 - Os cargos religiosos e administrativos 52

1.3.3.2 - Os sócios e freqüentadores 53

Capítulo II – Ritos e Cerimônias 54

2.1 – Os Rituais 55

2.2 - A gira dos Orixás 58

2.2.1 - O Encerramento da Gira dos Orixás 62

2.3 - A gira de Exu 62

2.3.1 - O Encerramento da Gira de Exu 66

2.4 – O Batismo no Terreiro do São Domingos 67

2.5 – O Camarim, a iniciação 69

2.6 – A mesa dos Orixás 76

2.7 – O Levante do Camarim 78

2.8 - O Batismo de Exu 81

2.9 - Os Preceitos 83

2.10 - O Estouro de Panela 83

PARTE II - Os ajustes entre tradição e inovação 89

Capítulo III – Oralidade, vestes e personagens 89

3.1 – Da oralidade à escrita 89

3.2 - As vestes, suas representações e suas funções 95

3.3 - O espetáculo das giras na Umbanda 106

3.3.1 – O espetáculo e os personagens no Terreiro do São Domingos 110

Capítulo IV – As razões da permanência 115

4.1 – O novo reforçando o antigo 115

4.2 – A permanência do Terreiro 123

4.3 – O Terreiro, atualidade e futuro 125

4.3.1 - Desafios: aprofundamento, sucessão e conflitos 133

4.3.2 – Fatos que suscitam esperança 134

Conclusão 138

Bibliografia 143

Apêndices 149

Entrevista realizada dia 20/10/2004 com Leocrécio Rosso 149

Entrevista realizada dia 18/02/2005 170

Entrevista realizada em 14/04/2005 com Leocrécio Rosso 195

Entrevista realizada em 17/11/2005 com Leocrécio Rosso 204

Entrevista realizada em 18/01/2006 com Leocrécio Rosso 207

Questionário 209

Calendário das festas comemorativas 210

Os orixás e suas características 211

Anexos 212

Lista de Figuras

Capítulo I – O Terreiro do São Domingos

Trajes usados antes das mudanças introduzidas por Pai Benê 42

Trajes usados depois das mudanças introduzidas por Pai Benê 44

A fachada do Terreiro do São Domingos 46

A placa inaugural fixada na frente do terreiro 46

O salão maior do Terreiro do São Domingos 48

Salão Menor do Terreiro do São Domingos – Espaço do Sagrado 49

O salão menor do Terreiro – Espaço da Assistência (profano) 50

O quarto dos Orixás no Terreiro do São Domingos 51

O quarto dos Exus no Terreiro do São Domingos 51

Capítulo II – Ritos e Cerimônias

Fotos da Gira de Orixá no Terreiro do São Domingos 61

Fotos da gira de Exu no Terreiro do São Domingos 65

Batismo no Terreiro do São Domingos 68

Iniciandos durante o recolhimento 74

Espaço onde ficam confinados os iniciandos durante todo o período da iniciação e que recebe o mesmo nome da própria obrigação "*camarim*" 74

A mesa dos orixás, cerimônia que antecede do *levante de camarim* 77

Cerimônia de levante de Camarim, conduzida pelo atual sacerdote, Leocrécio Rosso, à frente, trajando verde 79

Cerimônia de Batismo de Exu 82

Local onde são depositadas as panelas depois da cerimônia 86

Capítulo III – Oralidade, vestes e personagens

Pai Benê entregando Deka a uma adepta 95

Pai Benê trajado para um Levante de Camarim 97

Traje usado em cerimônias comuns no Terreiro do São Domingos 104

Trajes usados em dia de festividades no Terreiro do São Domingos 105

Trajes usados nas cerimônias de Levante de Camarim 107

Incorporação no período de Pai Benê 112

Incorporação no período de Pai Benê 113

Introdução

O trabalho de pesquisa aqui apresentado *Terreiro do São Domingos: Memória, Permanência e Inovação,* na verdade, é a complementação de um outro trabalho que desenvolvi sobre o mesmo objeto de estudo, ainda na graduação, que intitulei *Tenda Espírita Pai João: relatos de sua história e do funcionamento ritualístico, místico e sincrético*. No primeiro trabalho levanto a história deste templo desde sua fundação em 1945 até 2002.

Meu primeiro contato com um templo de Umbanda aconteceu quando eu tinha uns seis anos e meio na cidade de Americana, no interior de São Paulo, devido a uma doença que atingiu meu pai. Havíamos procurado todas as formas possíveis e imagináveis para sanar tal moléstia, sem resultados positivos. Apesar da pouca idade, lembro-me, como se fosse hoje, de nossas andanças atrás de médicos, exames sofisticados, remédios importados dentre outras técnicas “aprovadas”, tanto pela ciência, como pela igreja. Isso porque, apesar de meu avô materno ser espírita Kardecista, minha mãe e o restante da família eram católicos.

Gastamos o que tínhamos e às vezes até o que não tínhamos para tentar a cura para a doença de meu pai. Ele tinha surtos psicóticos, ficava totalmente transtornado. Não chegava a ficar agressivo, mas era quase impossível segurá-lo. Ele afirmava ver coisas, olhava para as paredes e dizia que havia alguém lá. Olhava para o teto e dizia enxergar bichos, dentre outras coisas, entendidas pela ciência médica como alucinações.

Nós não tínhamos controle sobre esses surtos, pois meu pai não demonstrava nenhum indício antes de iniciar o processo. Dormíamos, na época, no mesmo quarto e minha mãe quase não conseguia dormir de medo que as crises pudessem se repetir. As internações em hospitais psiquiátricos tornaram-se inevitáveis. Foram uma, duas, três, muitas vezes e o tempo de hospitalização geralmente era de um mês, às vezes até mais.

O diagnóstico médico era sempre o mesmo: surto de loucura com alucinações. Iniciamos, então, uma série de exames, na época, caríssimos. Fizemos

todos os tipos possíveis e imagináveis de testes, e os resultados foram sempre negativos.

Em uma das internações, um médico carioca que estava atendendo na Clínica São Lucas, em Americana, perguntou a minha mãe por que ela não procurava levar meu pai até um centro de Umbanda, pois acreditava que meu pai não tinha doença física. Sua doença era puramente espiritual. Lembro-me que minha mãe, ao receber essa notícia, ficou atônita, e veio para casa muito desanimada. Contou a minha avó e perguntou o que ela deveria fazer. Minha avó, como boa católica, apesar de ser benzedeira, disse a minha mãe que ela deveria ir procurar um padre e que ela a acompanharia. No dia seguinte, foram as duas conversar com o padre João, da paróquia Dom Bosco, em Americana, onde morávamos. Padre João aconselhou minha mãe a não procurar essas coisas, "pois isso é coisa do demônio". Ela deveria sim ter mais fé e acreditar mais na sua religião, em vez de ir atrás de outras.

Em resumo, um mês depois estávamos levando meu pai numa Tenda de Umbanda denominada "Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro", que tinha como sacerdotes a Dona Dita[1] e o Sr. Dito, em funcionamento até os dias de hoje.

Passei minha infância, quase toda, tendo contato com este universo religioso, enquanto meus amigos ficavam felizes por irem para Aparecida do Norte, eu adorava ir para as festas de Iemanjá, em Santos.

Com o avançar da idade comecei a me interessar mais pela Umbanda e a pesquisar o assunto com maior profundidade. Foi quando resolvi fazer Sociologia. Meu projeto para o trabalho de conclusão de curso foi levantar toda a história da Tenda Espírita Pai João, conhecida na cidade como "Terreiro do São Domingos"[2], por estar situada no bairro de São Domingos, na cidade de Americana, desde a sua fundação até os dias atuais.

A escolha deste templo para o desenvolvimento da pesquisa foi por se tratar do terreiro mais antigo da cidade em pleno funcionamento desde a década de 40 até

---

[1] A sacerdotisa Dona Benedita faleceu em novembro de 2005.

[2] Adotarei a partir de agora a denominação Terreiro do São Domingos, quando me referir a Tenda Espírita Pai João.

aquela data, sendo a “casa mãe”[3] de vários outros templos da região, inclusive o do Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro, no qual levamos meu pai, em meados dos anos 70.

Meu interesse nesta pesquisa é dar continuidade e aprofundar o trabalho iniciado na graduação, bem como responder as indagações que foram surgindo durante a pesquisa de campo.

A primeira pesquisa foi desenvolvida num período de três anos e, durante o seu desenvolvimento, constatei dados e fatos instigantes, sem poder examiná-los a fundo, pois ultrapassavam os objetivos do estudo que estava sendo desenvolvido.

No início do trabalho de campo, notei que grande número dos templos de Umbanda da região tinha uma ligação com o Terreiro do São Domingos, mas com um diferencial: após a morte do sacerdote fundador, geralmente, fechavam as portas.

O Terreiro do São Domingos, mesmo com o falecimento de dois sacerdotes dirigentes e sem ter tido suas sucessões feitas por consangüinidade, permaneceu funcionando e congregando novos adeptos. Como explicar este fato? Quais as razões de sua permanência?

O presente trabalho nasceu desta inquietação: tentar responder a questão acima e verificar quais os motivos que fizeram e fazem com que este Terreiro permaneça em plena atividade. Várias hipóteses surgiram no decorrer da pesquisa, dentre elas: o Terreiro permaneceu por ser um templo paradigmático para os demais templos da região, por ser um dos mais antigos e por ter ajustado seus rituais à modernidade. Voltaremos às hipóteses mais adiante.

O objetivo principal do presente trabalho será o de levantar os motivos que fazem o Terreiro do São Domingos permanecer em pleno funcionamento desde sua fundação, em meados de 1945, até os dias de hoje, agregando novos adeptos.

Pretendo identificar as razões, as causas, que fazem com que o Terreiro vá contra os modelos que se tem como padrão na região, no que se refere à transitoriedade e à permanência dos templos de Umbanda. Essa identificação dar-se-á através da história de vida de pessoas envolvidas com seus rituais e práticas.

---

[3] Casa Mãe, aqui, tem o significado de a mais antiga, local de onde surgiu a maioria dos sacerdotes da região.

O primeiro passo para desenvolvimento deste projeto foi realizar um amplo levantamento bibliográfico. Inicialmente, optei por trabalhar com obras mais gerais no âmbito da sociologia da religião, da antropologia e das ciências da religião. Encontrei vários autores que trabalhavam a Umbanda enquanto religião, mas nenhum que trabalhasse a questão da permanência, por ser este um fato não muito comum entre os templos de Umbanda.

Diferentemente do Candomblé, que tem toda uma hierarquia dentro dos seus templos, a Umbanda não tem a mesma sistematização no que diz respeito à sucessão de seus sacerdotes no caso de falecimentos. Na Umbanda, os sacerdotes são responsáveis por todas as funções e, em alguns templos, os pais pequenos, mães pequenas e auxiliares particulares, chamados de cambones[4], ajudam, mas o encargo sempre está por conta dos sacerdotes.

Entende-se, então, a diferença entre o modelo de sucessão na Umbanda e no Candomblé. São raros os templos de Umbanda que após a morte de seu sacerdote continuam com suas portas abertas. Geralmente, o grupo se dissolve e funda novos templos, em outros lugares. Refiro-me aos templos localizados na região de Americana, interior de São Paulo.

Não se pode discorrer sobre a história da Umbanda sem citar Lísias Negrão e sua obra *Entre a Cruz e a Encruzilhada*[5]. Nela, Negrão apresenta um estudo específico sobre a formação da Umbanda no Brasil, dividindo por períodos temporais, trazendo à tona todos os principais acontecimentos sociais, culturais e políticos que fizeram com que a Umbanda se fosse firmando enquanto religião em nosso País.

Guerra dos Orixás[6]*,* de Yvonne Maggie, é outro que podemos citar. Trata-se da tese de doutorado da autora, na qual ela traz, por meio de um relato denso, uma experiência vivida em um terreiro de Umbanda na cidade do Rio de Janeiro, tecendo as relações entre o sacerdote e um pesquisador e todas as transformações ocorridas no grupo devido a isso.

---

[4] Denominação dada no Terreiro para o cargo das pessoas que ficam auxiliando os médiuns que estão em transe.
[5] Cf. Lísias Nogueira NEGRÃO, *Entre a Cruz e a Encruzilhada*.
[6] Cf. Yvonne MAGGIE, *Guerra de Orixá*.

A obra de Clifford Geertz, *A interpretação das culturas*[7], nos traz subsídios para que possamos entender as várias formas de culturas, pois ela, de certa forma, revigora a maneira de estudar a cultura como um sistema simbólico. Através de estudos empíricos, o antropólogo Geertz não nos deixa afastar muito das imediações da vida social para nos apresentar seu conceito de cultura.

Memória em Branco e Negro[8] e *Negras, Mulheres e Mães*[9] são duas obras nas quais a autora Teresinha Bernardo nos oferece sua contribuição de forma agradável e precisa, com uma interpretação própria, através da história de vida dos atores de cada obra, colhida oralmente. Estas obras nos fornecem um "modelo" de como podemos trabalhar ou reinterpretar a história de um povo através da sua memória.

Já na obra *O antropólogo e sua Magia*[10], Vagner Gonçalves da Silva revela os caminhos da pesquisa etnográfica do universo polifônico criado no diálogo entre o antropólogo e o grupo que estuda. Leva-nos, ao longo da leitura, a perceber que o conhecimento é sempre vivido dentro de uma tradição cultural cuja tecedura consiste em ações e história, interpretadas ininterruptamente.

É importante que se diga que no âmbito acadêmico esse é um tema que não foi muito discutido. Existem inúmeros trabalhos que tratam da questão da tradição e da permanência dos Candomblés, outros da história da constituição da Umbanda, mas não encontrei, até o momento, nenhuma obra que tratasse especificamente da permanência dos templos de Umbanda.

No decorrer do meu primeiro trabalho, realizado neste mesmo templo, no qual levantei toda a sua história e seus rituais, desde sua fundação até os dias de hoje, comecei a verificar certas anomalias. Os rituais iniciáticos são diferentes dos demais templos de Umbanda visitados na região, como também a hierarquia, o sistema de comando e a própria estrutura do prédio.

A maior parte dos templos da região localiza-se nos fundos das casas dos sacerdotes. O Terreiro do São Domingo é o único na cidade que tem suas portas abertas para a rua, e isto desde sua fundação, na década de quarenta.

---

[7] Cf. Clifford GEERTZ, *A interpretação das Culturas*.
[8] Cf. Teresinha BERNARDO, *Memória em Branco e Negro*.
[9] Cf. IDEM, *Negras Mulheres e Mães*.
[10] Cf. Vagner Gonçalves da SILVA, *O Antropólogo e sua magia*.

A relevância do tema reside na forma com que tentarei esclarecer, através da história de vida da adepta mais velha e do sacerdote atual deste terreiro, as mudanças ocorridas nos rituais, bem como a forma como ele é administrado, seja como sociedade civil, seja como uma instituição religiosa, para verificar quais dessas ações contribuíram ou tiveram uma forte influência na sua permanência.

Isto poderá ou não trazer dados que possibilitem verificar a capacidade de adequação da Umbanda em um determinado momento social, tanto no que diz respeito aos seus rituais mais sagrados, quanto na própria forma de administração do templo.

Trabalharei a história de vida da adepta mais antiga e a do sacerdote atual do templo, de 1945 até a atualidade, utilizando-me da história oral para resgatar a memória do Terreiro com seus fatos mais importantes.

A ligação entre o passado vivido e a atualidade se fará necessária para que se possa interpretar os vários olhares de cada ator sobre um determinado fato.

A abordagem será de cunho antropológico e histórico na medida em que enfocarei a história de vida dos entrevistados para entender a dinâmica da permanência deste templo e responder as seguintes perguntas:

- Porque o Terreiro do São Domingos apresenta uma sólida durabilidade no contexto de transitoriedade que vem caracterizando os templos de Umbanda?
- Quais as características deste templo?
- Como este templo se estrutura hierarquicamente?
- Qual a caracterização dos adeptos, da assistência e do seu comprometimento?

Para tal, parto da hipótese central de que a sobrevivência do Terreiro estudado se deve a um processo de relação entre inovação e tradição em suas práticas ritualísticas, à forma de exercer o poder e à adaptação ritualística. Tais fatores responderiam pela permanência do Terreiro por todo este período.

Uma outra hipótese: o Terreiro é paradigmático em suas transformações, síntese da elaboração da Umbanda paulista, cujo processo vai desde as suas referências às tradições afro até as adaptações à modernidade: da tradição oral à escrita , além da diminuição do tempo de iniciação.

A pesquisa tem como objetivo estudar através deste Terreiro o processo histórico de transformação do sistema de crenças e ritos umbandistas, desde sua fundação até a atualidade, e a perpetuação deste espaço religioso em especial.

O estudo trará subsídios para que se possa entender a fundamentação da Umbanda, enquanto religião, no interior de São Paulo, facilitando, assim, a compreensão da organização social dos participantes do Terreiro estudado, em termos de normas e relações em todo o período de sua existência.

Finalmente, terei condições de analisar a capacidade de sobrevivência, de uma religião freqüentemente perseguida, até os dias de hoje.

Diversos autores delineiam a questão da fundamentação da Umbanda enquanto religião, trazendo contribuições importantes no que diz respeito à passagem da Umbanda por estágios transitórios, em suas relações com a sociedade global, até se consolidar como religião brasileira. Estudos dão conta das várias nações que se misturaram no período da escravidão como fator importante na consolidação da Umbanda, muitos deles supervalorizando os Iorubás e dando menos importância às demais nações, como a dos Bantos.

A Umbanda, no seu processo de consolidação, atravessou várias fases. Tais etapas foram interpretadas por diversos estudiosos das mais variadas formas, que justificam ou vinculam o seu crescimento aos seguintes fatores:

- A necessidade de marcar uma ascensão social de uma parte da população adepta;
- Um interesse maior pelas religiões que fazem um apelo emocional diferenciado;
- O homem, vivendo num mundo de incertezas, busca nas religiões explicações para aquilo que não consegue obter respostas racionais;
- O caráter nacionalista da Umbanda, como sendo uma religião puramente brasileira;
- O branqueamento étnico da Umbanda, trazendo a classe média para os terreiros, como resposta cultural necessária a um tipo peculiar de sociedade, urbanizada e industrializada.

A constituição dos primeiros templos umbandistas no estado de São Paulo, legalmente registrados em cartório, e os do Rio de Janeiro, apresenta uma pequena lacuna de seis anos entre um e outro. Bandeira cita que, no Rio de Janeiro:

> As referências às primeiras organizações formais de centros de culto, reuniões e federações aparecem principalmente a partir de 1920. Em 1924 foi fundada a Tenda Espírita Mirim, em 1939 foi fundada a Federação Espírita de Umbanda e em 1941 reuniu-se o 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, no Rio. [11]

Em São Paulo, somente em 1930, foi registrado em cartório o primeiro centro umbandista[12]. Vale ainda ressaltar que estamos citando templos constituídos legalmente, registrados em cartório. Alguns pesquisadores comentam sobre templos constituídos antes desse período, no estado paulista, que não tiveram seus estatutos devidamente registrados em cartório.

Embora naquela época os adeptos estivessem querendo organizar-se enquanto religião socialmente legítima, a Umbanda ainda era vista pela sociedade como uma expressão religiosa marginalizada, “religião de negros e de classe baixa”. Os ajustes realizados para garantir essa legitimação social são levantados por Concone:

> ... marcar a Umbanda como verdadeiro cristianismo, como religião na qual os homens são considerados verdadeiramente iguais, e finalmente uma preocupação em se defender de ataques Kardecistas.[13]

A grande preocupação nesse sentido levou a maioria dos templos de Umbanda, a adotar nomes que os identificassem com o espiritismo e o catolicismo. O Centro Espírita Pai João, objeto de estudo deste projeto, deixou de usar as expressões Terreiro de Umbanda ou Tenda de Umbanda, vindo acompanhado por um nome de santo católico.

---

[11] Cavalcanti BANDEIRA apud Maria Helena Vilas Boas CONCONE, *Umbanda:* uma religião brasileira*,* p.135.
[12] Reginaldo PRANDI, *Os Candomblés de São Paulo*, p. 50.
[13] Maria Helena Vilas Boas CONCONE. *Umbanda:* uma religião brasileira, p.136.

A grande efervescência cultural brasileira desse período permitiu a diversos templos de Umbanda regularizarem sua situação jurídica. No caso do Terreiro do São Domingos, a regularização dos documentos se fez graças a algumas facilidades burocráticas que o período permitia, e também devido à influência política de alguns dos freqüentadores.

A opção por trabalhar a memória através da história de vida dos membros foi assumida depois de vários diálogos com possíveis freqüentadores do Terreiro. Fiquei impressionado com as narrativas de diversos acontecimentos ocorridos no templo e a clareza com que eles transmitiam essas informações. Como esclarece Teresinha Bernardo:

> A opção pela memória se dá porque o que interessa são situações vividas que, embora possam parecer insignificantes à primeira vista, após a análise, poderão se mostrar plenas de significados. Na realidade, o estudo da memória se revela como um recurso metodológico por excelência[14].

E é exatamente nesta linha que pretendo desenvolver o trabalho, tendo também como base o entendimento de Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva:

> ... cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes.[15]

A execução deste projeto de pesquisa implicará a utilização de documentos, história de vida da adepta mais antiga e do sacerdote atual, colhidos através de entrevista em profundidade, relatos orais, materiais iconográficos e um questionário realizado com outros freqüentadores do templo. Utilizarei a abordagem qualitativa, contando com as seguintes estratégias de trabalho:

- Levantamento bibliográfico sobre estudos de história de vida e memória;

---

[14] Teresinha BERNARDO, *Memória em Branco e Negro*, p. 29.
[15] Maurice HALBWACHS, *A memória coletiva*, p. 69.

- Levantamento de possíveis colaboradores e/ou entrevistados que possam trazer mais elementos para o entendimento deste projeto;
- Coleta de depoimentos e transcrição a partir da utilização de gravador;
- Observação participante;
- Análise de documentos públicos, privados e materiais iconográficos;
- Sistematização, análise e interpretação de dados, nas quais utilizarei a mesma técnica empregada pela antropóloga Teresinha Bernardo em sua obra *Memória em Branco em Negro*, intercalando a fala dos entrevistados e a teoria, tecendo desta forma, um texto que conjugue a memória vivida dos entrevistados e algumas teorias sobre memória e permanência.

Dividimos nosso trabalho em duas grandes partes, a primeira denominada de *A Umbanda nas terras do Coronel Norris* e a segunda, *Os ajustes entre a tradição e a inovação*, cada uma composta de dois capítulos, a saber:

No Capítulo I, intitulado *O Terreiro do São Domingos*, iniciamos com a história da cidade de Americana, depois traçamos um paralelo com a história da constituição da Umbanda, enquanto religião, trazendo algumas interpretações sobre o conceito de memória para alicerçar nosso trabalho teoricamente, pois foi através dele que chegamos à história do terreiro, sua fundação e toda a sua estrutura.

No capítulo II, *Ritos e Cerimônias*, inicialmente abordamos teoricamente a questão dos rituais para, em seguida, mergulhamos nos rituais e nas cerimônias realizados no Terreiro do São Domingos, oferecendo uma descrição detalhada dos mesmos, bem como suas cantigas e suas funções.

No capítulo III, *Oralidade, vestes e personagens*, num primeiro momento, discutimos a transição da oralidade para a escrita, em seguida discutimos a questão das vestimentas ritualísticas, suas representações e funções e, para finalizar, a questão do espetáculo dentro da Umbanda e do Terreiro do São Domingos.

No capítulo IV, *As razões da permanência,* trabalhamos com a questão do novo e do antigo, da tradição, da permanência do Terreiro, da atual situação e dos desafios para o futuro, mediante não só os depoimentos colhidos, como também através de um questionário aplicado nos adeptos e nos freqüentadores.

É através destas “quatro portas” que eu convido o leitor a adentrar o universo umbandista, conhecer um pouco mais desta religião, suas normas, seus rituais, e em particular aqueles praticados no Terreiro do São Domingos.

PARTE I - A Umbanda nas terras do Coronel Norris

Capítulo I – O Terreiro do São Domingos

Desde seu surgimento, em meados 1900, a Umbanda vem sendo considerada uma religião de cunho popular, por tratar-se de uma mescla do catolicismo popular, do kardecismo, das religiões africanas e indígenas e do esoterismo. Uma religião *da cidade,* urbana, ou podemos arriscar até em dizer que construída para servir aos modelos impostos pelo capitalismo industrializado. Enfim, uma religião que se ajustou à vida dos moradores das cidades.

É exatamente sobre esta Umbanda que se adapta a tudo e a todos, que iremos tratar neste capítulo. Abordaremos também, os caminhos trilhados por nosso objeto de estudo - Tenda Espírita Pai João - para conseguir constituir-se e permanecer em pleno funcionamento numa terra colonizada por americanos/protestantes e comandada pela igreja católica.

A Tenda Espírita Pai João foi constituída na década de 40, no interior de São Paulo, na cidade de Americana, a 129 km da capital. Passaremos a situá-la geográfica e economicamente, através de um breve relato sobre a região de Americana, enfocando a história da cidade, suas principais atividades, bem como apresentado as religiões que existem na região.

Em seguida, abordaremos a formação da Umbanda no estado de São Paulo e daremos uma “pincelada” na questão do resgate da memória, como um instrumento metodológico importante de coleta de dados, principalmente quando se trata de religiões consideradas “marginais”, para, em seguida, falarmos a respeito da fundação e da história do Terreiro Espírita Pai João, sua legalização, seu espaço físico, sua organização tanto ritualística quanto administrativamente e o perfil de seus freqüentadores.

1.1- Americana, passado e presente

Abordaremos a cidade de Americana segundo dois enfoques principais. Um deles diz respeito à história do desenvolvimento da cidade e as principais atividades

econômicas existentes e o outro se refere à configuração das religiões nesta cidade, desde sua formação protestante até a dominação católica e também o espaço criado para a formação da Umbanda.

1.1.1 – Formação da cidade de Americana

Os primeiros registros sobre a ocupação do território de Americana datam do final do século XVIII, quando a região era basicamente agrícola, sobrevivendo do plantio de cana-de-açúcar para a fabricação de açúcar e de aguardente.

A imigração norte-americana para o Brasil, iniciada após o término da Guerra Civil Americana, foi amplamente incentivada pelo governo imperial brasileiro, o qual apostava que a vinda e a fixação dos norte-americanos com conhecimentos agrícolas, profissionais liberais, com boa formação moral e intelectual e, sobretudo, famílias desejosas de se estabelecerem na zona rural, traria uma oportunidade de impulsionar o desenvolvimento no interior do país.

Em 1866, o Coronel Willian Hutchiinson Norris[1] comprou algumas áreas de terra da Fazenda Machadinho, sendo o primeiro norte americano a se fixar na região. Assim que se estabeleceu, o Coronel Norris passou a ministrar cursos práticos de agricultura aos fazendeiros da região, interessados no cultivo do algodão e nas novas técnicas agrícolas. Sobre este assunto Jones relata que:

> Logo que se acomodaram na casa nova, trataram de preparar o terreno para as plantações. Tiveram de comprar burros e mandar amansá-los para puxar os arados que haviam trazido. Este serviço o Coronel e Robert tiveram de fazer, pois ninguém até então tinha visto um arado, que dirá saber o que fazer com ele. O arado foi a grande novidade da região e espalhou-se rapidamente a notícia de que uns americanos tinham um instrumento para preparar o terreno para o plantio com muito mais vantagem do que a enxada. Muitos vieram ver como os americanos plantavam suas terras, outros quiseram aprender. Sem dar pela coisa, logo o coronel tinha uma boa escola prática de agricultura. Os alunos trabalhavam na lavoura do professor enquanto este os ensinava a manejar os burros e segurar o arado firmo no chão; e ainda pagavam pelo privilégio. Dizem as velhas cartas que ele administrou três ou quatro fazendas e ensinou muitos homens a trabalhar com as ferramentas novas que tinha trazido. Em uma carta ao seu filho Frank, o coronel disse que

[1] Cf. Célia GOBBO; Fanny OLIVIERI; Maria Jose Ferreira de Araújo RIBEIRO; Melquesedec FERREIRA, *Preservando Nossa História,* p. 24.

> havia ganho 5.000 dólares aquele ano, só por ensinar aos outros como cultivar suas terras.[2]

O núcleo de Santa Bárbara d'Oeste, pelo seu progresso, passou a atrair famílias que tinham se instalado em outras regiões. Diversas propriedades agrícolas foram fundadas pelos norte-americanos que cultivavam e beneficiavam o algodão, criando um intenso comércio, notadamente a partir de 1875, com a instalação da Estação de Santa Bárbara d'Oeste pela Companhia Paulista de Estrada de Ferro.[3]

Devido à presença constante desses imigrantes, o povoado que foi sendo formado nas imediações da Estação e passou a ser conhecido como Vila dos Americanos, Vila Americana, dando origem a atual cidade de Americana.

Com a fundação da Fábrica de Tecidos Carioba[4] em 1875 e com a inauguração da estrada de ferro no mesmo ano, a cidade passou a ser vista como promissora, trazendo inúmeros americanos e italianos para região a fim de se estabelecer, tornando-se um núcleo urbano. Em 1907, parte de uma fazenda denominada Salto Grande foi comprada pelo Comendador Frans Müller, proprietário da Fábrica de Tecidos Carioba, sendo construída no local a primeira usina hidrelétrica da cidade, com objetivo de ampliar a produção de sua industria têxtil. Em 1904, foi criado o Distrito de Paz de Villa Americana, anexado à comarca de Campinas, mais um grande passo para o contínuo progresso da cidade.

A cidade encontra-se na região metropolitana de Campinas, com cerca de 197.185 habitantes[5]. A cidade faz questão de exaltar a sua colonização americana, alemã e italiana, em detrimento da presença de negros que, sabe-se, trabalharam nesta região.

Atualmente, Americana é um pólo industrial, especializada na industrialização de tecidos, levando até mesmo o título de princesa tecelã. Várias empresas têxteis

---

[2] Judith Mac Knight JONES, *Soldado Descansa!,* p. 150-151.

[3] A construção da estrada de ferro atraiu um grande número de pessoas para região e aqueceu o comércio, conforme descreve *Ibid.,* p. 231.

[4] Empresa que deu início ao processo de industrialização de Americana, construída às margens do Ribeirão Quilombo. O topônimo quilombo – mocambo sediou uma comunidade de quilombos. A toponímia regional pôde contribuir ao estudo dos quilombos paulistas. "No Brasil, era comum que acidentes geográficos, sobretudo de regiões tardiamente ocupadas, habitadas por quilombolas, por falta de denominação, fossem apontados como o arroio do quilombo, a ilha do mocambo, etc. Esses acidentes geográficos terminavam mantendo a denominação mesmo quando as comunidades não mais existiam". Mário MAESTRI, *Deus é grande, o mato é maior!*, p. 39.

[5] Site oficial da prefeitura de Americana. *www.americana.sp.gov.br.* Acesso em: 12 fev 2005.

baixaram as portas, devido à entrada de tecidos coreanos no mercado brasileiro por um terço do valor, conseqüência dos aos incentivos dados pelo governo federal. Os salões industriais vazios ou abandonados aumentam dia a dia, para a felicidade das igrejas neopentecostais, que, desta forma, podem alugá-los e montar seus templos por um preço mais em conta.

Como todas as cidades das regiões metropolitanas, apresenta um crescimento desordenado, falta de trabalho e todos os outros problemas causados pela falta de uma infra-estrutura adequada. Possui apenas um hospital público. Os dois cinemas tradicionais da cidade já não existem mais. Um, por sorte, tornou-se o teatro municipal e o outro um bingo.

1.1.2 – A religião na cidade de Americana

No final do século XIX e início do século XX, a religião dominante em Americana era o catolicismo, apesar do grande número de protestantes na região. Os pastores celebravam os cultos nas propriedades particulares, deslocando-se entre elas e entre os diversos núcleos de imigração americana. Sobre a construção da primeira capela Gobbo, Oliveiri, Ribeiro e Ferreira afirmam:

> Em 1871 iniciou-se a campanha para construção da primeira capela. Em 1878 este velho sonho da comunidade é realizado com a inauguração do primeiro templo que atendia às três denominações protestantes: Presbiteriana, Batista e Metodista.
>
> O solo do Campo era instável e a capela teve que ser reconstruída várias vezes. A primeira capela de tijolos foi construída em 1903. A construção atual data de 1962.[6]

Somente em 1895 foi fundada a primeira Igreja Presbiteriana, no povoado da Estação. Conforme relatam Gobbo, Oliveiri, Ribeiro e Ferreira:

> Foi Charles Hall quem doou o terreno para a edificação do primeiro templo Presbiteriano, em 1894, e que foi inaugurado em 12 de junho de 1985, tendo os Reverendos Álvaro Reis e J. Smith dirigido a cerimônia de abertura dos

[6] Célia GOBBO; Fanny OLIVEIRI; Maria Jose Ferreira de Araújo RIBEIRO; Melquesedec FERREIRA, *Preservando Nossa História*, p. 76.

> trabalhos religiosos. Seu nome é lembrado até hoje, tal o seu empenho na construção desse edifício, obra do seu zelo, esforço e trabalho.
>
> Devido a insuficiência de espaço foi preciso edificar um segundo templo em 1941, e mais tarde o atual no dia 12 de agosto de 1967, no mesmo local à Rua 7 de setembro, 363 no centro da cidade.
>
> A organização eclesiástica da Igreja Presbiteriana deu-se no dia 17 agosto de 1947, sob o pastorado do saudoso Ver. Paulo Villon. A partir dessa data a comunidade presbiteriana passou a integrar a comunidade maior do País, a Igreja Presbiteriana do Brasil, IPB.[7]

Como os norte-americanos, na época, não podiam enterrar seus mortos nos cemitérios administrados pela igreja católica, então começaram a sepultar seus mortos próximos à sede de suas fazendas ou nos quintais de amigos. Conforme relata Jones:

> O pequeno Henry veio a falecer aos dois anos de idade em 7 de julho de 1869. Avisaram todos os amigos e estes vieram para levá-lo ao cemitério da vila, em Sta. Bárbara. Qual não foi a surpresa quando ao chegar lá, o padre se recusou a dar permissão para o enterro. A criança não era batizada, como é que queriam enterrá-la em cemitério católico? As facilidades prometidas por D. Pedro ainda não tinham chegado aos ouvidos do cura da pequena vila. Mesmo de outra forma ele não saberia resolver essa questão sem precedentes – Que fazer agora? Já era muito tarde para voltar até o Barrocão. O caminho era muito longo. Uma alma piedosa de descendência alemã, se condoeu da situação e disse: “Em meu quintal há lugar. Vamos enterrar a criança lá.” – Esta foi a experiência mais dolorosa que os americanos tiveram com uma igreja diferente da sua. (contado por Bony Mc Alpine, que foi testemunha).[8]

Vários outros estrangeiros não católicos, que residiam na região, vieram a falecer e também não puderam ser enterrados no *cemitério dos católicos*. Como forma de exemplificar tal situação, citamos Jones:

> Os Loose, a família de alemães que morava em Valinhos e tinha hospedado os Steagall tinham se mudado para Vila da Constituição, para onde diversos dos seus patrícios já tinham ido. Havia uma epidemia de tifo e Georg, o filho dos Loose contraiu a doença e veio a falecer vitamado por ela. Quando chegou a hora do enterro, os padres não permitiram que fosse enterrado no

---

[7] Célia GOBBO; Fanny OLIVEIRI; Maria Jose Ferreira de Araújo RIBEIRO; Melquesedec FERREIRA, *Preservando Nossa História*, p. 76.
[8] Judith Mac Knight JONES, *Soldado Descansa*!, p. 183-184.

> cemitério deles, o único na cidade. Os alemães não eram batizados no catolicismo, como podiam ser enterrados no cemitério?
>
> A família do sr. Jacó Diehl se prontificou a ceder lugar na sua chácara para que enterrassem o jovem lá. O caso foi muito comentado na cidade, sendo este o primeiro que aconteceu. Chegou aos ouvidos do moço Prudente de Moraes que era deputado desde o começo do ano. Ele se interessou muito pelo caso e cuidou disso pessoalmente. Procurou convencer os padres que o Imperador tinha garantido liberdade religiosa no Brasil aos cidadãos de outros países que viessem se estabelecer aqui, mas os padres disseram que os cemitérios pertenciam à igreja e que as pessoas não batizadas não podiam de maneira alguma, ser enterradas dentro dos seus muros.
>
> Eles estavam com a razão: era mandamento da Igreja e eles estavam apenas obedecendo suas leis.[9]

Como podemos verificar tal fato ocorria em quase toda a região, devido ao grande número de estrangeiros na época. Como forma de lidar com esta situação, em meados de 1867, com o falecimento da esposa do Coronel Oliver, o mesmo sepulto-a em suas terras. Foi construído o cemitério localizado na Vila de Santa Bárbara, que posteriormente passou a ser conhecido como Cemitério do Campo[10] ou Cemitério dos Americanos, sendo que até os dias de hoje os descendentes das famílias americanas são enterrados nele.[11]

Em outubro de 1887, chega ao Brasil uma grande comitiva de imigrantes italianos chefiada pelo Sr. Joaquim Bôer, que passaram a residir na Fazenda Salto Grande, de propriedade do Sr. Francisco de Campos Andrade.[12] Com a chegada de

---

[9] Judith Mac Knight JONES, *Soldado Descansa*!, p. 184.

[10] Segundo Célia GOBBO; Fanny OLIVEIRI; Maria Jose Ferreira de Araújo RIBEIRO; Melquesedec FERREIRA, *Preservando Nossa História*, p. 26-27: "A denominação Campo deriva do fato dessa área apresentar uma vegetação rasteira. O Coronel Oliver enterrou a esposa em uma área de pastagem, construindo uma cerca em volta da sepultura. O mesmo ocorreu quando duas de suas filhas faleceram nos anos subseqüentes. A tradição ali se iniciou, sendo destinada uma área de aproximadamente um hectare para que as famílias americanas enterrassem os seus mortos. Apesar dos cemitérios no Brasil terem sido abertos aos não católicos na última década do século XIX, as famílias americanas preservaram o Cemitério do Campo, enterrando seus descendentes até os dias atuais. O Campo passou a representar o centro da vida religiosa e social da comunidade. Em 1928, o Cemitério do Campo foi oficializado pela Prefeitura de Santa Bárbara. No ano de 1954, a área foi doada pela família Bookwalter à Fraternidade Descendência Americana, responsável por sua preservação. Naquele local são realizadas reuniões quadrimensais e uma ampla reunião anual. Nesta ocasião, os descendentes das famílias americanas revivem os hábitos e tradições de seus ancestrais usando uniformes confederados e vestidos inspirados nos trajes do século XIX, apresentando danças típicas do grupo. A festa, realizada no parque em frente à Igreja, é uma oportunidade para entrosamento dos descendentes e a preservação de suas tradições".

[11] O resgate da história dessas famílias e sua contribuição ao desenvolvimento das localidades de Americana e Santa Bárbara d'Oeste foi magistralmente relatado pela historiadora Judith Mac Knight JONES em sua obra *Soldado Descansa!*.

[12] Célia GOBBO; Fanny OLIVIERI; Maria Jose Ferreira de Araújo RIBEIRO; Melquesedec FERREIRA, *Preservando Nossa História,* p. 28.

muitos italianos, na sua maioria católicos, foi construída a primeira capela católica, na fazenda Salto Grande em 1894.

Como toda a cidade interiorana ainda o sobrenome carrega um certo valor e também as questões religiosas têm uma grande importância. Tendo como padroeiro Santo Antonio, os católicos festejam o santo no dia 13 de junho, mesmo dia em que um dos terreiros de Umbanda mais antigo da cidade, o Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro, faz a sua festa ao orixá Exu.

A tolerância religiosa na cidade em relação à Umbanda tem um grau elevado, não havendo até hoje depredação de terreiros, nem desrespeito às sacerdotisas ou aos sacerdotes das religiões de matrizes africanas, diferentemente daquilo que pudemos constatar nas relações estabelecidas por católicos e protestantes na formação da cidade de Americana.

Uma vez que a história chamada de oficial ressaltou no seu discurso a presença dos elementos americanos / protestantes e europeus / católicos na sua formação, faz-se necessário introduzirmos a questão da memória, uma vez que nosso objeto de estudo encontra-se enquadrado nas religiões afro-brasileiras, tendo, em sua origem, uma forte presença da população negra. Com referência a esse fato, podemos afirmar que a memória oficial faz calar, mais uma vez, a memória marginal[13]. Como nos esclarece Pollak:

> Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais freqüência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante.[14]

O que pretendemos é fazer brotar essa *memória subterrânea*, utilizando os termos de Pollak, e trazer à tona, através dos depoimentos colhidos no trabalho de campo, a história de um terreiro de Umbanda fundado na cidade de Americana na década de 40, que é um dos mais antigos templos de Umbanda do interior estado de São Paulo, e tentar explicar os motivos de sua permanência. Porém, antes de

---

[13] Entendendo aqui memória marginal como sendo aquela que fica à margem da sociedade, não estando vinculada à criminalidade.
[14] Michael POLLAK, Memória Esquecimento Silêncio, *Estudos Históricos*, p. 5.

falarmos especificamente a respeito deste terreiro, discorreremos a respeito da formação da umbanda e de seus elementos peculiares.

Como podemos notar tanto os protestantes quanto os umbandistas conseguiram superar as barreiras religiosas encontradas na região. A cidade cresceu e prosperou, como dizem os protestantes *com a benção de Deus* e, porque não dizer também, com a ajuda dos guias do terreiro. Americana cresceu, desenvolveu-se e atualmente possui em seu território vários templos protestantes em pleno funcionamento e diversos terreiros de Umbanda, que praticam seus cultos livremente.

1. 2 - A Umbanda, uma religião brasileira

Diversos autores[15] delineiam a questão da fundamentação da Umbanda[16] enquanto religião, trazendo contribuições importantes no que diz respeito à passagem da Umbanda por estágios transitórios em suas relações com a sociedade global, até se consolidar como religião brasileira. Estudos[17] dão conta das várias nações[18] que se misturaram no período da escravidão, configurando-se como fator importante na consolidação da Umbanda. Alguns[19] supervalorizam os Iorubas, dando menos importância às demais nações, como é o caso dos Bantos.

A questão da vinculação a uma determinada nação é geralmente costume nos templos de candomblés. Na Umbanda não é dada muita ênfase a essa

---

[15] Lísias Nogueira NEGRÃO, Maria Helena Vilas Boas CONCONE, Jose Guilherme Cantor MAGNANI.

[16] Optamos por escrever Umbanda em letra maiúscula devido ao fato de não haver um consenso entre os autores trabalhados.

[17] Vagner Gonçalves da SILVA, *Candomblé e Umbanda*; Juan Elbein dos SANTOS, *Os Nagôs e a Morte;* Raul LODY, *Candomblé.*

[18] Nação Ketu-Nago, Jexa ou Ijexa (Ioruba), Nação Jeje (Fon), Nação Angola, Congo e Angola-Congo (Banto), Nacão de Caboclo (modelo afro-brasileira). Cf. Raul LODY, *Candomblé*: religião e resistência cultural.

A palavra nação, dentro dos templos de Candomblé, tem dupla função. Além de definir a origem étnica, ela pode estar definindo o tipo de culto praticado por aquele templo. E comum ouvir a seguinte fala: “Eu sou de Keto”. Quando perguntado o significado disso, eles dizem que é a maneira pela qual são feitas as iniciações; outros complementam diferenciando o tipo de obrigação que é feita nos terreiros chamados de nação Keto e nos de nação de Angola, por exemplo.

Mariza de Carvalho SOARES, em sua obra *Devotos da Cor*, p. 103, trata nação como sendo: “A palavra nação, por sua vez, diz respeito à “gente de um país ou região, que tem língua, leis e governos à parte”, podendo ser assim considerados portugueses, franceses e judeus. O termo é aplicado ainda à raça, casta e espécie.Nesse sentido diz respeito a povos que podem ser gentios, ou não, mas cujo reconhecimento se dá pela possibilidade de partilhar um território associado a interesses, costumes e, freqüentemente, uma língua comum”.

[19] Pierre Fatumbi VERGER, Reginaldo PRANDI, Roger BASTIDE.

particularidade e limita-se a caracterizar um terreiro como sendo Umbanda cruzada[20] ou não. Mas, mesmo dentro da Umbanda, seja ela cruzada ou não, existe uma grande diversidade de cerimônias que são comuns a uns templos e a outros não, devido à grande quantidade de cultos existentes no Brasil.

Pressel[21] divide em cinco itens os cultos afros e acrescenta elementos colhidos de outros estudos, a fim de verificar de que modo a Umbanda se vincula ao quadro dos demais cultos. Ele os divide da seguinte forma: 1º Catimbó rural, 2º Novos cultos caboclos, 3º Cultos africanos "tradicionais", 4º Formas de culto menos elaborados, 5º Formas resultantes de mescla.

Apontamos abaixo parte do item cinco, descrito por Concone, para que haja uma maior compreensão, pois é dentro deste item que se enquadra nosso objeto de estudo: "5º - Formas resultantes de mescla entre elementos Banto e Ioruba, que teriam resultado na Macumba carioca e de São Paulo" [22]. Esta forma resultante de mescla é muito presente dentro do templo estudado, tanto nos rituais, como nos trajes, e também em outros aspectos que poderão ser melhor observados no desenvolvimento do texto.

A Umbanda, no seu processo de consolidação, atravessou várias fases. Estas foram interpretadas por diversos estudiosos[23] das mais variadas formas, que justificam ou vinculam o crescimento desta religião aos seguintes fatores:

- Necessidade de marcar a ascensão social de uma parte da população de adeptos;
- Interesse maior pelas religiões que fazem um apelo emocional diferenciado;
- O homem, vivendo num mundo de incertezas, busca explicações nas religiões para aquilo que não consegue obter respostas racionais;
- Caráter nacionalista da Umbanda, como sendo uma religião eminentemente brasileira;

---

[20] Esta expressão é dada a templos de Umbanda que agregaram em suas cerimônias alguns rituais do candomblé, como, por exemplo, oferecer comidas e raspar a cabeça dos filhos nos processos de iniciação.
[21] PRESSEL apud Maria Helena Vilas Boas CONCONE, *Umbanda:* uma religião brasileira, p. 58
[22] *Ibid.,* p. 59.
[23] Lísias Nogueira NEGRÃO, José Guilherme Cantor MAGNANI, Renato ORTIZ.

- Branqueamento étnico da Umbanda, trazendo a classe média para os terreiros;
- Resposta cultural necessária a um tipo peculiar de sociedade, urbanizada e industrializada.

Todos os fatores enunciados acima reafirmam e nos demonstram a realidade política, social e econômica que o país passava. Estávamos entrando no período da "redemocratização" do Brasil, que começa no final do Estado Novo e consolida-se no governo Eurico Gaspar Dutra. Foi também neste período, em 18 de setembro de 1946, que a nova constituição foi promulgada [24]. Alencar traz o seguinte relato sobre este período:

> No final dos anos 40, a industrialização do país, embora dependente era um fato irreversível, de modo que se tornava cada vez mais difícil aos setores agro-exportadores continuar sustentando o mito da "vocação agrária".
>
> A expansão capitalista e urbana aumentava o número e a importância das classes sociais mais novas: a burguesia industrial e financeira, o proletariado urbano e as camadas médias ligadas à burocracia estatal, às empresas privadas e ao setor de serviço[25].

Todo este processo de industrialização fez com que inúmeras pessoas se mudassem para as cidades, dentre estas, sacerdotes das religiões africanas que praticavam seus cultos em fazendas, em sítios e em pequenas propriedades agrícolas. Vieram em busca de uma melhoria de vida nos centros urbanos.

Com a chegada à cidade, esses sacerdotes, antes acostumados a viver no campo em volta da natureza e cercados por todas as ervas e espaços sagrados por eles utilizados nos seus rituais, foram obrigados a mudar e a adequar seu estilo de vida, devido aos horários das jornadas de trabalho nas indústrias e ao próprio espaço físico de suas moradias.

O convívio mais próximo com diversas etnias e religiões fizeram com que alguns sacerdotes repensassem seus rituais, desafiados pelas novas normas impostas por uma sociedade agora industrializada. Alguns ajustes tiveram que ser

---

[24] Para um maior aprofundamento no assunto a obra de Boris FAUSTO, *História do Brasil,* é uma excelente fonte de pesquisa.

[25] Francisco ALENCAR; Lucia CARPI; Marcus Venício RIBEIRO, *História da Sociedade Brasileira*, p. 290.

feitos para que os adeptos dessas religiões, na nova condição de cidadãos urbanos, pudessem continuar a cultuar as religiões de matrizes africanas.

O processo de gestação de uma religião urbana estava instaurado, o contato com toda essa industrialização, mais as diversas etnias, costumes e religiões, criou certas necessidades que esta nova religião teve que suprir. Foi nestas condições que se constituiu a Umbanda, uma religião puramente brasileira, agregadora, que conseguiu reunir em um só altar os santos católicos, as divindades indígenas, os símbolos esotéricos, o kardecismo, as religiões africanas, reforçando e valorizando a diversidade cultural existente no Brasil.

As datas de constituição dos primeiros templos umbandistas no estado de São Paulo, legalmente registrados em cartório, e do Rio de Janeiro, apresentam uma pequena lacuna de seis anos entre um e outro. Bandeira afirma que no Rio de Janeiro:

> As referências às primeiras organizações formais de centros de culto, reuniões e federações aparecem principalmente a partir de 1920. Em 1924 foi fundada a Tenda Espírita Mirim, em 1939 foi fundada a Federação Espírita de Umbanda e em 1941 reuniu-se o 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, no Rio. [26]

Encontramos várias datas que enunciam o período de constituição dos primeiros templos de Umbanda: uns consideram 1900, outros década de 20, outros a de 30. Negrão, por exemplo, após citar em sua obra uma matéria feita por um repórter da Folha de São Paulo em um Centro Espírita, na qual o repórter faz uma descrição do local, deixando entrever claramente que se tratava da descrição de um típico templo de Umbanda daquela época, comenta que: “Bastide afirmou não ter encontrado, na década de 40, tais terreiros em São Paulo, quando na realidade eles existiam, conforme vemos, desde a década de 20” [27].

Prandi, por sua vez, comenta que: “São Paulo, 1930. É desse ano o surgimento do primeiro centro umbandista de São Paulo registrado em cartório com

---

[26] BANDEIRA apud Maria Helena Vilas Boas CONCONE, *Umbanda:* uma religião brasileira*,* p. 135.
[27] Lísias Nogueira NEGRÃO, *Entre a Cruz e a Encruzilhada*, p. 65.

o nome de Centro Espírita Antonio Conselheiro[28]" [29]. Acrescenta que: "Até 1952, os registros cartoriais acusam a criação de mais de setenta centros de Umbanda, mas é apenas nesse ano que o termo Umbanda vai aparecer num título de terreiro em São Paulo, a Tenda de Umbanda Mãe Gertrudes" [30].

Sobre esse assunto Concone comenta: "Pressel não fala em Umbanda, enquanto Bastide, por exemplo, inclui a Umbanda no seu livro sobre religiões africanas em território brasileiro" [31].

Notamos que nas obras pesquisadas não existe uma data precisa do surgimento da Umbanda enquanto religião, nem tão pouco um consenso entre os autores sobre a data.

Na década de quarenta, os adeptos da Umbanda já buscavam organizá-la como uma religião socialmente legítima, mas ela ainda era vista pela sociedade como uma expressão semi-marginalizada: *religião de negros e de classe baixa*. Os ajustes realizados para garantir essa legitimação social são outra preocupação apontada por Concone: "... marcar a Umbanda como verdadeiro cristianismo, como religião na qual os homens são considerados verdadeiramente iguais, e finalmente uma preocupação em se defender de ataques Kardecistas" [32].

Essa preocupação levou a maioria dos templos de Umbanda à adesão aos nomes que os identificassem com o espiritismo e com o catolicismo. Por exemplo, o que estudamos foi registrado no cartório como Tenda Espírita Pai João, mas na placa colocada na parte de fora do terreiro consta Centro Espírita Pai João. Alguns templos adotaram nome de santos católicos como, por exemplo, Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro, situado também na cidade de Americana. Essa forma de disfarce foi uma constante naquela época, pois se evitava, assim, a exposição e a perseguição tanto política quanto religiosa.

---

[28] Neste exemplo dado por PRANDI, podemos verificar duas formas de estratégicas de ação dos umbandistas daquela época: a primeira colocar a expressão "Centro Espírita" no nome, evitando o afrontamento direto com a igreja católica, diminuindo a perseguição dos padres e dos policiais aos terreiros; a segunda um apelo ao catolicismo brasileiro (popular), ao colocar o nome de Antonio Conselheiro, importante personagem do cristianismo popular, amado por uns e odiado por outros. Um maior aprofundamento sobre a historia de Conselheiro pode ser encontrado na obra de Alexandre H. OTTEN, *Só Deus é Grande.*

[29] Reginaldo PRANDI, *Os Candomblés de São Paulo,* p. 50.

[30] *Ibid.*, p. 50.

[31] Maria Helena Vilas Boas CONCONE, *Umbanda*: uma religião brasileira, p. 60.

[32] *Ibid.,* p. 136.

A Umbanda, desde seu surgimento, teve que usar diversas artimanhas para continuar praticando seus rituais. Evoluiu gradativamente, passando por vários estágios até se constituir como religião, mas sempre tendo que carregar o pesado fardo histórico-social atribuído aos grupos não dominantes.

Negrão[33] divide os estágios transitórios da Umbanda em doze períodos, de 1929 até 1989[34]. O Terreiro de São Domingos enquadra-se no item Tempos Heróicos, delimitado entre 1929 à 1952, subdividido em dois períodos, o primeiro de 1929 à 1944 e o segundo 1945 à 1952:

> Abra-se este período com a redemocratização de 1945, o que significa a cessação do combate sistemático à Umbanda nascente, por conta da política populista que se instaura a partir de então. Isso não significa que a repressão tenha deixado complemente de existir, mas que a interferência de interesses políticos, ao menos nos casos de maior repercussão, a tenha desestimulado.[35]

Como podemos notar, a época escolhida pelos adeptos para construir a sede do terreiro e abri-lo ao público foi uma das mais favoráveis, pois, pelo menos na capital, havia um certo abrandamento das perseguições aos templos de Umbanda. Porém, mesmo com este relaxamento nas perseguições, os fundadores do templo enfrentaram diversos problemas quando resolveram começar a construir a sede e, principalmente, quando as sessões se iniciaram.

Apesar das primeiras reuniões terem sido na propriedade do Sr. Francisco Dias dos Santos, um dos adeptos que colaborou para a fundação do Terreiro, a construção da sede foi num terreno de propriedade da Sra. Antonieta[36], que ficava nas imediações, de onde se encontra construído o Terreiro hoje.

A grande efervescência cultural brasileira desse período também veio de certa forma ao encontro da possibilidade de formalização dos diversos templos de Umbanda do país, o que não foi diferente no caso do Terreiro do São Domingos. A regularização dos documentos se fez graças a algumas facilidades burocráticas que

---

[33] Lísias Nogueira NEGRÃO, *Entre a Cruz e a Encruzilhada*, p. 69-141.
[34] Os estágios são: 1º - 1929 à 1944, 2º - 1945 à 1952, 3º - 1953 à 1959, 4º - 1960 à 1963, 5º - 1964 à 1967, 6º - 1968 à 1970, 7º - 1971 à 1973, 8º - 1974 à 1976, 9º - 1977 à 1979, 10º - 1980 à 1982, 11º - 1983 à 1985 e 12º - 1986 à 1989. Cf. *Ibid.,* p. 69-139.
[35] *Ibid.,* p. 75.
[36] Antonieta Fratucelli, descendente de italianos, nasceu em 1906 e faleceu em 02/11/1982.

o período permitia e também devido à influência política de alguns dos freqüentadores[37].

1.2.1 - A busca da memória

Como podemos constatar a própria localização do templo já é um dos seus diferenciadores, pois como já descrito acima, a cidade de Americana trata-se de uma cidade interiorana e foi fundada por americanos, que tinham como religião praticante, na época, o protestantismo. Vale destacar também que na época da fundação, inicio da década de 40, a cidade era predominantemente católica, apesar desta ter sido fundada por americanos protestantes, como dissemos. Estes são alguns dos motivos que nos levaram a pesquisar os fatores da sobrevivência deste templo por todo esse período.

Para reconstruir a história, com intuito de verificar os possíveis motivos da permanência deste templo por todo este período, 1940 à 2005, optamos por trabalhar a memória através da história de vida do atual sacerdote e de alguns freqüentadores e colaboradores mais antigos do templo. Como esclarece Bernardo:

> A opção pela memória se dá porque o que interessa são situações vividas que, embora possam parecer insignificantes à primeira vista, após a análise, poderão se mostrar plenas de significados. Na realidade, o estudo da memória se revela como um recurso metodológico por excelência[38].

Realmente, a questão da memória, como diz Bernardo, além de nos mergulhar no mundo particular do entrevistado, nos abre uma porta de diálogo com o passado, fazendo com que re-vivenciemos os episódios mais íntimos vividos pelos depoentes. Halbwachs entende que: "... cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes" [39]. Para ele, memória coletiva é:

---

[37] Na época, o freqüentador que mais contribuiu para a regularização do templo foi o Sr. Mário Possenti, tabelião da cidade, que ocupou um cargo na diretoria.
[38] Teresinha BERNARDO, *Memória em Branco e Negro*, p. 29.
[39] Maurice HALBWACHS, *A memória coletiva*, p. 69.

> É o grupo visto de dentro e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que de modo geral, lhe é bem inferior. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesma que certamente se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele sempre se reconheça nessas imagens sucessivas. A memória coletiva é um painel de lembranças, é natural que se convença de que o grupo permaneça, que tenha permanecido o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo e o que o mudou foram as relações ou contatos do grupo com outros.[40]

Proust também contempla o tema memória e o descreve, em um de seus textos, da seguinte forma:

> Mas quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis, porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações.[41]

Como podemos notar este *aroma* e este *sabor*, de que fala Prost, nada mais é do que duas das muitas formas que podemos utilizar para buscar no nosso *depósito de lembranças* as nossas memórias e, em conseqüência disso, nosso passado. Mas, além das duas formas de utilização da memória, não podemos deixar de levar em consideração a sua função da lembrança. Bosi cita W. Stern para esclarecê-la:

> A Função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo.[42]

Sabemos das armadilhas de se trabalhar com história oral, como também sabemos os prejuízos que já tivemos por não ter trabalhado com ela no passado,

---

[40] Maurice HALBWACHS, *Memória Coletiva*, p. 109.
[41] Marcel PROUST apud Ana Lucia ENNE; Cristiane TAVARES, *Memória, Identidade e Discurso Midiático,* p. 1.
[42] W. STERN apud Ecléa BOSI, *Memória e Sociedade*, p. 68.

pois quando não se tem história, esta pode ser criada e manipulada por grupos dominante para legitimar seus interesses[43].

Uma das constatações feitas nos primórdios da utilização da história oral, pelos pesquisadores como fonte de dados, foi que a história que vinha sendo contada poderia ser mudada. Thompson afirma:

> A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança, isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigações; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história - seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. [44]

O ponto mais importante, ao nosso ver, na utilização da história oral, é reconstruir a história individual, que ao mesmo tempo torna-se coletiva. Aquela história mais próxima da vivida e não aquela que foi escrita, pois, como o próprio Thompson ressalta: “Uma vez que é da natureza da maior parte dos registros existentes refletir o ponto de vista da autoridade, não é de admirar que o julgamento da história tenha, o mais das vezes, defendido a sabedoria dos poderes existentes”[45]. E complementa:

> A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo.[46]

Foi nesta linha de raciocínio que direcionamos o processo de elaboração desta pesquisa, através de entrevistas qualitativas com os mais antigos membros: o

---

[43] Um maior aprofundamento sobre essas conseqüências pode ser verificado na obra de Paul THOMPSON, *A voz do passado*.
[44] Paul THOMPSON, *A Voz do Passado*, p. 22.
[45] *Ibid.*, p. 25.
[46] *Ibid*., p. 25.

sacerdote atual e alguns colaboradores. Assim, é através de suas histórias que tentaremos rastrear e apresentar os fatores que auxiliaram na permanência do Terreiro do São Domingos por tanto tempo.

1.3 - O terreiro do São Domingos

1.3.1 - A fundação do Terreiro

A Tenda Espírita Pai João foi fundada no início dos anos quarenta clandestinamente, ou seja, sem registro em nenhum órgão da cidade de Americana, interior de São Paulo, por um pequeno grupo de pessoas de classe média. Continua em plena atividade até os dias de hoje. Apesar de constituída na década de quarenta, somente em 12 de setembro de 1955 obteve seu registro no Cartório de Registro das Pessoas Jurídicas de Americana, fato comum na época. A palavra *espírita*, segundo o atual sacerdote, teve que ser colocada para facilitar os registros, mas no templo eram praticados os cultos de Umbanda, conforme já dissemos neste capítulo. Este fato é uma prática normal adotada pelos terreiros de Umbanda naquela época, conforme relata Negrão:

> O que na realidade ocorreu é que tais terreiros de Umbanda, cuja identidade pudemos perceber somente por meio de detidos exames em seus estatutos e atas de fundação, travestiram-se de espíritas para obterem os registros em cartórios que lhes asseguraria o caráter de organização religiosa legalizada.
>
> Se os santos católicos constituíram-se em uma primeira “máscara branca” atrás da qual se esconderam rostos negros, o Espiritismo veio a constituir-se na segunda. Mas o artifício era conhecido dos órgãos repressivos[47].

A Tenda Espírita Pai João, por estar localizada em um bairro denominado São Domingos, na cidade de Americana, ficou conhecida na cidade por Terreiro do São Domingos, denominação esta que passaremos a utilizar para citá-lo. O Terreiro do São Domingos é tido como o templo mais antigo da cidade, devidamente registrado, e um dos únicos a possuírem sede própria e com portas abertas para a rua. Birman comenta o seguinte sobre este fato:

---

[47] Lísias Nogueira NEGRÃO, *Entre a Cruz e a Encruzilhada,* p. 74.

> As casas de culto de Umbanda, na sua maioria, possuem a peculiar propriedade de serem quase invisíveis aos olhos dos leigos. Ao contrário das igrejas cristãs, que ocupam pontos de destaque na geografia urbana, os terreiros são difíceis de encontrar, o que é compatível com o lugar social da religião na nossa sociedade.
>
> E isso não depende da vontade de seus dirigentes. Por eles certamente suas casas teriam destaque igual ao que possuem as igrejas, socialmente mais legítimas.[48]

O fato de estar localizado em bairro de classe média é outro fator que o faz diferente, pois a grande maioria dos templos de Umbanda na região, confirmando, então, a citação acima, geralmente está situada em bairros de periferia, utilizam parte da casa de moradia dos sacerdotes ou são pequenas construções nos fundos do terreno. Sobre a constituição da tenda, Amaral nos relata que:

> Toda a estruturação da Tenda Espírita Pai João nasceu de reuniões feitas na casa do sr. Francisco Dias dos Santos, conhecido como "Chico Carro", que residia em uma chácara localizada nas imediações de onde hoje se localiza o templo. Participavam dessas reuniões também a sra. Geni Lucia Cometti, o sr. Mário Possenti e a sra. Antonieta Fratucello, fundadora da Tenda e sua primeira sacerdotisa. De descendência italiana, nascida no dia 1º de dezembro de 1906, dona Antonieta Fratucello dirigiu o templo de 1940 à 1946 mesmo sem ter passado por nenhum processo iniciático.[49]

Antonieta Fratucello[50], juntamente com os demais adeptos, começou a realizar as sessões já na sede nova, que foi construída em sistema de mutirão com a participação de todos que freqüentavam o templo na época, independentemente de gênero. Era uma pequena construção nos fundos do terreno, onde hoje se encontra a lavanderia do mesmo.

---

[48] Patrícia BIRMAN, *O que é Umbanda*, p. 71.
[49] Adilson Rogério do AMARAL, *Tenda Espírita Pai João,* p. 49.
[50] Antonieta Fratucello Bergrem nasceu em 01 de dezembro de 1906 e faleceu em 02 de novembro de 1982. Foi a fundadora e a primeira sacerdotisa do Terreiro do São Domingos, dirigiu o templo de 1940 à 1946, mesmo sem ter passado por nenhum processo iniciático. Tinha descendência italiana, vinda de São Paulo, de uma família católica, foi casada com um grande industrial da região, pertencente a classe média alta na época, vindo a se separar após alguns anos. Teve somente um filho. Segundo depoimento de sua sobrinha, Sra. Neuza Ana Thomann, em janeiro de 2005, após a separação do primeiro marido, ela viveu amasiada com o Sr. Bendito Minarelli por um período, vindo a separar também. Segundo ela, "continuaram a amizade" e dirigiam o terreiro. N. T., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 11/02/2005.

Segundo depoimentos colhidos no decorrer do trabalho de campo, o terreiro era enquadrado na época como sendo Umbanda branca[51]. Alguns adeptos usavam trajes brancos nas sessões e outras roupas comuns e, pelos depoimentos, podemos detectar várias assimilações de ritos do catolicismo e do espiritismo, como é esperado dentro da grande maioria dos templos de Umbanda.

Antonieta, também chamada de madrinha pelos seus adeptos, além das sessões de Umbanda também praticava o benzimento. Numa de minhas visitas ao terreiro, encontrei com a Sra. Nair Nogueira[52], que ao ser perguntada sobre seu estado de saúde, disse que tinha estado adoentada, devido a um problema na perna e respondeu:

> Está bom, mas poderia estar melhor, pois se a Madrinha estivesse viva com um só benzimento dela essa erisipela já teria sido curada, me lembro que quando eu tinha isso na época dela ela resolvia com um benzimento só. É, mas agora estou aqui jogada num canto. [53]

Na época, assim como hoje, era comum a pessoa, mesmo sendo católica, praticar o benzimento, muitas vezes sem a aprovação de alguns padres. Cabe ressaltar que a perseguição naquela época era bem mais agressiva do que é nos dias de hoje, devido ao fato do domínio da igreja[54].

A Sra. Antonieta pode ser considerada uma heroína dentro destes tempos heróicos, pois sendo mulher, branca, pertencente à classe média, em uma cidade do interior de São Paulo, teve coragem para abrir um terreiro de Umbanda.

No inicio, as sessões eram feitas semanalmente, mas não eram realizados os ritos de abertura; somente eram feitas algumas preces católicas e, na maioria das vezes, os guias que incorporavam eram os Pretos Velhos, Caboclos, quando entoadas algumas canções sem os atabaques.[55]

---

[51] Denominação dada aos templos em que os adeptos usavam somente vestimentas brancas e que não ocorria a incorporação do orixá Exu.
[52] Nair Nogueira é a mais antiga adepta viva do terreiro, hoje, com 86 anos.
[53] N. N., Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 16/12/2005.
[54] Sobre benzimento ver o interessante estudo de Núbia Pereira de Magalhães GOMES, Edimilson de Almeida PEREIRA, *Assim que se Benze em Minas Gerais*: Um estudo sobre a cura através da palavra.
[55] Cf. L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 14/04/2005.

Os adeptos, na sua maioria, não possuíam vestimentas ritualísticas apropriadas, conforme foto abaixo. Geralmente as incorporações eram feitas com as roupas do dia a dia, sem nenhuma preocupação com a coloração[56] dos tecidos e com a vinculação com os orixás[57]. Aos poucos foram se adequando e passaram a usar vestimentas brancas: as mulheres saias compridas e blusas brancas e os homens calças brancas e camisas brancas.

Trajes usados antes das mudanças introduzidas por Pai Benê [58]

[56] Na Umbanda, como na maioria das religiões africanas e afro-descentes, é dada grande importância às cores, pois, através destas, podemos descobrir, somente olhando, a qual orixá pertence aquele adepto, as cores mais apropriadas para determinadas situações e a proibição do uso de alguma cor. O assunto será aprofundado no capitulo III.

[57] A relação das divindades cultuadas no Terreiro do São Domingos, bem como o sincretismo pode ser encontrada nos Anexos.

[58] Foto pertencente ao acervo particular da Sra. Ana Neuza Thomann, tirada em 24/06/1954, durante uma festa de São João. Sincretizado no terreiro com o orixá Xangô. A pessoa fotografada era o médium Cristiano de Paula, incorporado pelo Preto Velho Pai João.

Com o passar do tempo, o terreiro foi agregando mais e mais adeptos, a procura aumentando, não só de pessoas que quisessem entrar na religião, mas para pedir proteção, tomar passe, etc. [59]

Em 1945, o terreiro recebe a visita do Sr. Benedito Minarelli, um sacerdote de Umbanda, nascido em São Paulo, que na época residia na cidade do Rio de Janeiro e tinha sido convidado por um adepto para visitar e conhecer o templo.

Durante a sessão, segundo depoimento do Sr, Leocrécio Rosso[60], o Sr. Benedito foi conversar com a entidade incorporada na Madrinha, chamado de Pai Timbira[61],e o mesmo disse a ele que ele deveria ficar no terreiro e dirigi-lo juntamente com seu cavalo[62]. O Sr Benedito aceitou o convite e permaneceu no terreiro, passando a dirigi-lo juntamente com a Sra. Antonieta. Em pouco tempo ele se tornou o sacerdote do terreiro. [63]

Devido ao considerável aumento de adeptos, Pai Benê teve que aumentar as dependências do terreiro. Nesta época foi construído somente um pavimento, a parte de baixo, utilizando o desnível do terreno. Somente na segunda etapa, alguns anos depois, foi construído o segundo pavimento, ficando o andar de cima para as linhas da direita[64] e o andar de baixo para as linhas da esquerda[65].

---

[59] N. T., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 14/04/2005.
[60] L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 14/04/2005.
[61] Entidade pertencente à Linha de Oxossi dentro da Umbanda, chamado também de caboclo. Apesar da diversidade doutrinária que diferencia os terreiros, todos seguem um esquema geral que compreende as sete linhas dos orixás. São elas:

1. Oxalá
2. Iemanjá
3. Ogum
4. Iansã
5. Xangô
6. Oxossi
7. Cosme e Damião (Chamada também de Ibeji)

Algumas linhas se subdividem da seguinte forma:

- Oxalá em Linha dos Pretos Velhos, Linhas das Almas, Baianos.
- Iemanjá em Linha do Oxum, Linha de Nanã e Linha dos Marinheiros.
- Oxossi em Linha de Caboclos da Mata e Linha de Caboclos Boiadeiros

Estas Linhas são chamadas de Linhas da direita.
A Linha de Exu é chamada de Linha da esquerda, que também se subdivide em:

- Exus “batizados” (batizados na Sexta-feira Santa): são aqueles que são doutrinados e que após o batismo passam a ajudar os seus “cavalos”.

Exus pagãos (também chamados de Exu da Rua): são aqueles que fazem o mau para as pessoas.
[62] Expressão usada na Umbanda para os médiuns que incorporam os guias.
[63] L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 14/04/2005.
[64] Linhas da direita são as linhas de Oxossi, Iemanjá, Iansã, Xangô, Ogum, Oxalá, Ibeji, Pretos Velhos, Caboclos.
[65] Linha de Exu, e Baianos.

Tanto o adepto que o convidou como os demais adeptos que freqüentavam o terreiro na época não tinham noção das mudanças trazidas ao terreiro em função da permanência do Sr. Benedito. Pai Benê, como passou a ser chamado pelos adeptos, trouxe consigo os rituais iniciáticos, as cantigas, os ritos de abertura, novas vestimentas e mais uma infinidade de procedimentos que anteriormente o terreiro não possuía. Com isso, seu nome ficou conhecido em toda região e fora dela também. Sua fama foi aumentando dia a dia e trouxe uma centena de novos adeptos ao terreiro.

Trajes usados depois das mudanças introduzidas por Pai Benê[66]

[66] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

1.3.2 – O Espaço Físico

Ao contrário da maioria dos templos que visitamos para elaboração deste trabalho, somente o Terreiro do São Domingos e mais dois templos na cidade de Americana têm sua porta de entrada diretamente voltada para a rua, pois os demais estão geralmente nos fundos da casa dos sacerdotes. Somente dois deles têm placa indicativa do templo, enquanto que os outros não colocam nenhuma indicação. Essa é uma das conseqüências da longa história de opressão porque passou a religião.

No Terreiro do São Domingos, a fachada é discreta e há um muro alto acinzentado com uma placa inaugural pequena no lado direito com os seguintes dizeres: “Centro Espírita Pai João do Congo, fundado em 1945, Mocotoni Benedito Minarelli, Xangô Aro, seções às 3as e 6as feiras”. Do lado de fora não se consegue ver nada além do muro alto e uma cobertura quase que na frente toda. Existem dois portões, um maior para entrada de veículos e um menor que dá acesso aos freqüentadores. O portão menor fica na direção da entrada do salão maior.

Na frente do templo, na parte interna do prédio, existe uma construção que se parece com uma caixa, de mais ou menos um metro de altura por sessenta centímetros de largura, com portas de madeira, que é chamada de *trunqueira*[67].

Do lado direito da porta de entrada do templo maior existe uma pequena rampa que dá acesso a dois banheiros, um masculino e um feminino, usados tanto pelos adeptos quanto pela assistência. Do lado esquerdo da porta existe um corredor que dá acesso ao salão menor[68], à cozinha, ao quarto de búzios, ao quarto dos Orixás e de Exu e, finalmente, à casa onde reside o sacerdote. Neste mesmo corredor existe uma escada que dá acesso aos vestiários que ficam no andar de cima. O templo é dividido em dois grandes pavimentos e, dentro destes, vários outros espaços menores.

[67] Espaço dedicado a Exu para proteger o templo de demandas. É a defesa da casa.
[68] Local onde são realizadas as giras de Exu.

A fachada do Terreiro do São Domingos[69]

A placa inaugural fixada na frente do terreiro[70]

[69] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.
[70] Foro pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

1.3.2.1 - O Salão Maior

O salão maior mede aproximadamente quinze metros de comprimento por sete de largura. Nesse espaço, onde se concentram tanto a assistência quanto os adeptos, são realizadas somente as giras de orixá. Ele é dividido em duas partes, mas não exatamente ao meio. A divisão é feita por uma cerca de madeira de aproximadamente um metro de altura e também por uma cortina colocada desde o teto até o chão, de coloração vermelha. O local onde ficam as pessoas que assistem ao trabalho é bem menor do que a outra parte, onde são realizadas as giras. Nessa parte existem quatorze bancos de madeira, que acomodam cerca de cinco pessoas cada um, e são colocados lado a lado deixando um corredor entre um e outro de cerca de um metro e meio. O piso nessa parte é do tipo cimento queimado de cor vermelha, sempre muito bem encerado e limpo. A cor das paredes do salão é gelo e a iluminação é feita por lâmpadas fluorescentes.

Os bancos colocados do lado direito, de quem entra no templo, são reservados para os homens, os do lado esquerdo para as mulheres, segundo o sacerdote, em sinal de respeito aos orixás[71]. As crianças geralmente ficam sentadas com as mães. As pessoas ficam sentadas nos bancos, não conversam e se portam de forma séria e respeitosa. Há uma cortina que separa o espaço do sagrado e o da assistência, que fica fechada até determinada hora, mesmo depois do início da cerimônia.

No espaço do sagrado, onde são evocadas as divindades, o piso é de madeira (taco) envernizada, sempre brilhando. Existe uma porta na lateral, à direita de quem entra, com uma pequena escada de madeira de três degraus, que dá acesso aos vestuários masculino e feminino e os adeptos entram geralmente pelo lado de fora.

Nos fundos do salão existe um nicho onde se encontram as imagens das divindades da Umbanda e de alguns santos católicos, algumas colocadas sobre uma pequena pedreira construída sobre o altar e outras no próprio altar. Na parte debaixo do altar são colocados materiais usados nos rituais, sendo que este local é coberto por uma cortina de pano bordada com diversas cores. Logo na frente do altar existe uma cadeira mais sofisticada que é a do pai de santo. A mesma ordem de

[71]Cf. L. R., depoimento concedido ao autor, diário de campo, Terreiro do São Domingos, Americana, 26/08/2005.

separação de sexos existente na assistência é mantida no espaço sagrado, os homens do lado direito e as mulheres do lado esquerdo. Existem também, tanto do lado direito como do lado esquerdo, cadeiras que são usadas pelas pessoas graduadas no templo, que ficam encostadas na parede.

No lado direito do templo, encontram-se quatro atabaques[72], que são usados para acompanhar os cânticos ritualísticos e, próximo ao altar, existe uma abertura que dá acesso ao salão menor através de uma escada.

O salão maior do Terreiro do São Domingos[73]

1.3.2.2 - O Salão Menor

Neste espaço são realizadas as giras de Exu e, em dias de cerimônias iniciáticas, também é usado como camarim para os adeptos ficarem recolhidos. Este espaço fica embaixo do salão maior, mas não tem toda a metragem do de cima. O

[72] Instrumento de percussão utilizado em quase todos os rituais, feito de madeira, variando o tamanho entre 90 cm a 1.20 m. Tem forma cilíndrica com um pedaço de couro de animal tampando uma de suas cavidades. Sobre a importância destes instrumentos na religião, trataremos posteriormente com maior profundidade.
[73] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

piso na parte em que fica a assistência é de caco de granito de cores variadas e na parte do sagrado o piso é de madeira (taco).

Uma fileira de quatro colunas, do teto até o chão, serve para dar sustentação ao pavimento superior (salão grande). Logo na entrada há uma imagem de São Miguel Arcanjo, ainda no espaço do profano. Segundo o sacerdote, é ele quem dá a permissão para os Exus virem à terra. [74]

Ao fundo, no espaço do sagrado, está um nicho com uma cruz com cerca de um metro e meio de altura, feita de granito de coloração preta, com as seguintes inscrições: "TRDA" significando *Tranca Rua das Almas*[75], que pode ser coberta por uma cortina, que, no templo, é de cor vermelha. A parede em volta é revestida de pedra pintada de cinza metálico. Há pequenos vitrais para dar ventilação ao recinto.

Diferentemente do salão maior, há somente uma pequena cerca de madeira para dividir o espaço do sagrado e do profano, não há cortinas. Ao invés de bancos, existem cadeiras de madeira escura para a assistência sentar-se.

Do lado esquerdo de quem entra, localiza-se uma escada que dá acesso ao pavimento superior, geralmente usada nos dias de *levante de Camarim*[76]. Embaixo da escada encontra-se um pequeno depósito e uma bancada com ferramentas.

Salão Menor do Terreiro do São Domingos – Espaço do Sagrado[77]

[74] Cf. L. R., depoimento concedido ao autor, diário de campo, Americana, 26/08/2005.
[75] Nome do exu do Sr. Benedito Minarelli.
[76] Nome dado à cerimônia de iniciação no Terreiro do São Domingos, descrita no capítulo II.
[77] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

O salão menor do Terreiro – Espaço da Assistência (profano)[78]

1.3.2.3- Os quartos dos Orixás e de Exu

Esse recinto mede cerca de quatro metros de comprimento por dois metros e meio de largura e se localiza sobre a cozinha da moradia do sacerdote. No local existem diversas imagens de santos católicos e algumas divindades da Umbanda, que são dispostas no chão contornando a parede. Há também várias *quartinhas de barro*[79], que provêm das cerimônias de batismo dos adeptos e alguns assentamentos de orixá. Nele também são oferecidas as comidas nos dias de cerimônia de camarim.

Este cômodo é menor do que o quarto dos orixás, medindo cerca de três metros de comprimento por dois de largura. Nele são colocadas as imagens dos Exus, da mesma forma que as dos orixás, também existindo vários assentamentos de Exu. O diferencial nesse cômodo é que existe uma imagem do Exu Tranca Rua das Almas em tamanho natural.

---

[78] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.
[79] Pequenos potes de barro com tampas.

O quarto dos Orixás no Terreiro do São Domingos[80]

O quarto dos Exus no Terreiro do São Domingos[81]

[80] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.
[81] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

1.3.3 - A organização do terreiro

A preocupação pela legalização do Terreiro vem desde sua constituição informal em meados 1940, pois mesmo não tendo os devidos registros, o terreiro tentava se organizar. Somente em 1955, ele conseguiu registrar no cartório de registro sua primeira Ata, a de fundação, juntamente com seu Estatuto, já com uma diretoria para tratar dos assuntos junto à sociedade.

A primeira eleição da diretoria do Terreiro foi em 27 de abril de 1955. Conforme o Livro de Ata foi a seguinte[82]:

Presidente: Mario Possente, Vice Presidente: Eduardo Chavel, 1º Secretário: Moacyr Rego, 2º Secretário: Jose Mottola, 1º Tesoureiro: Francisco Carlos, 2º Tesoureiro: Jose Cometti, 1º Bibliotecário: Alberto Gigeck.

O Terreiro nunca pertenceu a nenhuma federação ou organização religiosa, segundo o sacerdote atual, "eles têm estatuto próprio, não precisam de ninguém para representá-los, eles mesmos o fazem" [83].

Mantinham um livro de assinaturas, para saberem a assiduidade dos freqüentadores e uma ficha cadastral para cada médium. O interesse de documentar tudo vinha, segundo relatos, de Pai Benê. Quando perguntei ao atual sacerdote se eles mantinham guardados esses livros, inclusive um em que eram marcadas as obrigações, ele respondeu: "Tinha, mas sumiu tudo. Sumiram, roubaram, levaram embora. Depois que o velho morreu (Pai Benê) fizeram um limpa, aí. Até roupa de santo dele, as relíquias roubaram, levaram embora" [84].

O livro de ata ainda continua sendo o mesmo desde sua fundação, pois teve um tempo que as atas não eram transcritas, mas todo o ano era realizada a eleição da nova diretoria.

1.3.3.1 - Os cargos religiosos e administrativos

Os cargos hierárquicos no Terreiro do São Domingos são semelhantes aos da maioria dos terreiros de Umbanda. Os cargos e suas respectivas funções são os seguintes:

---

[82] Ver Anexos.
[83] L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 20/10/2004.
[84] L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 18/02/2005.

Ogã: Tocador de atabaques;

Yao: Médium iniciante no terreiro;

Babalao: Assim que conclui suas obrigações de sete anos e recebe o DEKA[85];

Babalorixa: Quando faz o primeiro Yao;

Mucamba: Auxilar do sacerdote, geralmente pessoa que já passou pelas obrigações iniciáticas;

Colofé: Pessoa encarregada de cantar para os orixás;

Mãe e Pai pequeno: Auxiliar direto do sacerdote e possíveis sucessores;

Vodun: Depois da feitura de 7 Babalaôs e 33 Yaôs;

Mocotoni: Maior cargo dentro da religião, considerado como o Papa para os católicos.

A parte administrativa é de responsabilidade do sacerdote atual e do tesoureiro, que fazem os pagamentos e as compras de materiais utilizados nos rituais. Apesar de ter toda uma diretoria constituída, as decisões, na maioria das vezes, ficam a cargo do sacerdote.

1.3.3.2 - Os sócios e freqüentadores

A assistência[86], os adeptos e os freqüentadores do terreiro são pessoas das mais variadas idades e classes sociais. Não existe critério para aceitar ou não novos adeptos, bem como novos sócios freqüentadores do terreiro, apesar de constar em ata que os casos de admissão de novos sócios teriam que ter, antes, a aprovação da diretoria.

Os adeptos pertencem a várias faixas etárias, entre eles muitos jovem de diversas profissões e formações. As crianças só entram para fazer parte desse quadro acompanhadas dos pais e se não forem atrapalhar os estudos. Logo que o

---

[85] Segundo Eduardo FONSECA Jr., *Dicionário Antológico da Cultura Afro-brasileira*, p.287: “Decá: Subs. Corrupt. Afro-bras. Ritual e consagração de uma pessoa iniciada no ritual de Kêto ou Nagô, que tenha mais de 7 anos de “feita no santo”. Nessa cerimônia a pessoa recebe o direito, por capacidade, de iniciar outras pessoas no ritual Kêto. Original em Yorubá: Deká”

[86] Nome dado às pessoas que vão se consultar com as entidades e não fazem parte internamente do ritual.

adepto começa a fazer parte da sociedade, é preenchida uma ficha[87] e o mesmo passa a ser sócio, tendo que pagar um valor mensalmente, para suprir as despesas do terreiro, tais como: consumo de água, energia elétrica e telefone.

Quanto aos freqüentadores, trata-se também de um grupo bem diversificado, composto de pessoas de ambos os sexos, que geralmente freqüentam o terreiro até resolverem seus problemas, depois se afastam e voltam somente quando necessitarem de ajuda espiritual. Também, os freqüentadores, se quiserem, podem se associar e pagar um valor mensalmente.

Como pudemos notar, as especificidades deste terreiro o torna paradigmático na região, levando em conta todo seu processo histórico de constituição. O mesmo conseguiu realizar uma verdadeira revolução nos rituais umbandistas naquela época e agregar no seu quadro de adeptos um número considerável de pessoas da região e da capital do estado. Inovando e trazendo o luxo para suas festas e cerimônias numa época em que a Umbanda ainda era considerada uma religião de pessoas menos favorecidas, o mesmo conseguiu o mérito de ultrapassar todas essas barreiras e se perpetuar, enquanto modelo, em toda a região até os dias de hoje.

As obrigações iniciáticas trazidas por Pai Benê continuam sendo realizadas no Terreiro do São Domingos e nos demais terreiros em que seus sacerdotes tiveram uma vinculação com ele por menor que fosse. São sobre essas cerimônias e rituais que passaremos a tratar no próximo capítulo.

[87] Ver Anexos.

Capítulo II – Ritos e Cerimônias

Como vimos no capítulo anterior, somente após a chegada de Pai Benê o terreiro passou a realizar as cerimônias iniciáticas revolucionando de certa forma a Umbanda na região. Neste capitulo trataremos dos rituais e cerimônias realizados no Terreiro do São Domingos denominados de: Giras de Orixá e Exu, Batismo, Camarim, Os Preceitos, O batismo de Exu e o Estouro de Panelas. Optamos por agrupar em um único capítulo para um melhor entendimento de todo processo iniciático, bem como de sua dinâmica.

Esses rituais e cerimônias vêem sendo realizados no terreiro desde 1945. Alguns sofreram alguns ajustes ao longo do tempo, outros permanecem da mesma forma sem nenhum tipo de alteração, demonstrando, assim, que a permanência de alguns destes rituais só foi possível devido aos ajustes realizados no decorrer desse período. Assim sendo, a descrição dos rituais torna-se necessária para podermos analisar os ajustes ocorridos.

2.1 – Os Rituais

Vários autores[1] já trabalharam a questão dos rituais com, definições distintas para este termo: uns associaram à simples repetição de ações diárias outros às religiões. Optamos por trabalhar somente as descrições de ritos nas religiões, por enquadrar-se em nossa pesquisa. Para Durkheim:

> As representações religiosas são representações coletivas que expressam realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só nascem dentro de grupos reunidos e que estão destinadas a suscitar,manter ou fazer renascer certos estados mentais desses grupos.[2]

Já Marcel Mauss:

---

[1] James G. FRAZER, Ralph LINTON, Horace MINER, Emile DURKHEIM, Marcel MAUSS, Henri HUBERT, Meyer FORTES, Edmund LEACH, Arnold VAM GENNEP,Victor TURNER, Pierre BOURDIEU.

[2] Martine SEGALEN, *Ritos e Rituais Contemporâneos*, p. 21.

> ... parte do conceito de sagrado e de sacrifício que lhe parece ser o operador do conhecimento dos ritos e dos mitos. Por isso reafirma a natureza social desses atos: "O sacrifício é uma instituição, um fenômeno social. O rito não é uma forma, uma roupagem para os sacrifícios pessoais, para renuncia moral, autônoma e espontânea. Não pode existir sacrifício sem sociedade.[3]

Para Victor Turner:

> O rito exorciza o perigo, na medida em que separa o individuo de seu antigo estatuto durante algum tempo para em seguida fazê-lo entrar publicamente no quadro de sua nova condição. Não só a própria transição é perigosa, como também os ritos de segregação constituem a fase mais perigosa do rito.[4]

Van Gennep[5] identificou três etapas dentro rito: separação, margem e agregação, as quais Turner[6] as rebatizou de: preliminares, liminares e pós-liminares. Os principais tipos de ritos são os propiciatórios[7], de passagem ou transição[8] e de iniciação[9]. Existem várias outras interpretações dos ritos, bem como várias linhas de análise que não caminham somente pelo campo religioso.[10]

Por tratar-se também de uma religião iniciática, a Umbanda, ao longo de sua constituição enquanto religião, foi moldando seus ritos com o passar do tempo, mas com um diferencial. Contrariamente aos Candomblés que, na sua grande maioria,

---

[3] Marcel MAUSS apud Martine SEGALEN, *Ritos e Rituais Contemporâneos*, p.25.
[4] Victor TURNER apud Martine SEGALEN, *Ritos e rituais contemporâneos*, p. 48.
[5] Cf. Arnold VAN GENNEP, *Os ritos de passagem.*
[6] Cf. Victor TURNER, *Processo Ritual*.
[7] "Propiciatório ou intensificação - quando se suplica a benevolência dos seres espirituais. Realiza-se uma cerimônia no sentido de levar as forças sobrenaturais e atender as necessidades de dada população, favorecendo o abastecimento vegetal e animal, principalmente àquelas relacionadas com a sobrevivência. Há rituais para chover, para se defender de epidemias e para regressar vitorioso da guerra". Marina de Andrade MARCONI, Zélia Maria Neves PRESOTTO, *Antropologia*: uma introdução, p.167.
[8] "De passagem ou transição – quando um complexo de rituais é realizado por ocasião da passagem dos indivíduos de um estado social para outro, ou seja, quando ocorrem importantes modificações no status social. Estes são classificados em quatro e variam muito de uma sociedade para outra: Nascimento, Puberdade, Matrimonio, Morte". *Ibid.,* p.167.
[9] "De iniciação – cerimônia efetuada por ocasião da passagem da idade, de jovem para adulto, celebrada com festas e competições variadas. Pode fazer parte dos rituais a reclusão, mutilação, representações simbólicas da morte e ressurreição, exibição de objetos sagrados, instruções especiais". *Ibid.,* p.167-168.
[10] Para um maior aprofundamento no assunto, a obra de Martine SEGALEN, *Ritos e rituais contemporâneos*, traz de forma clara e precisa as interpretações mais relevantes sobre o tema, bem como suas aplicações.

fazem os rituais iniciáticos de maneira *padronizada*, os rituais da Umbanda variam de terreiro para terreiro.

Durante nosso trabalho de campo, realizamos várias visitas a terreiros (instalados na região há décadas, outros mais recentes) de Umbanda da região de Americana e pudemos constatar, no mínimo, quatro rituais de iniciação diferentes dentro desta pequena região.

Em alguns desses terreiros, os seus sacerdotes mantiveram, no passado, um contato, mesmo que superficial, com o Terreiro do São Domingos, ou foram iniciados nele, enquanto que outros não tiveram contato algum. Os que tiveram um pequeno contato ou passaram pelo processo iniciático no Terreiro do São Domingos conservam, na sua maioria, os rituais, uns com pequenas alterações, outros da mesma forma que lhes foi passado por Pai Benê.

Conforme colocado no capítulo I, antes de Pai Benê não se fazia nenhum processo iniciático, nem tão pouco rituais. As pessoas que iam se aproximando do templo simplesmente começavam a freqüentar as sessões e a se desenvolver, mas sem um ritual propriamente dito. Segundo depoimento do atual sacerdote, Sr. Leocrécio, os rituais constituíam-se em:

> Eram feitas preces católicas no início das sessões, não tinham atabaques e nem cânticos, algumas pessoas trajavam branco outras roupas comuns, os médiuns incorporavam, ministravam os passes, davam conselhos e depois ajudavam no desenvolvimento dos médiuns novos. As entidades que incorporavam eram os caboclos e os pretos velhos. Não possuíam um ritual como nós temos hoje. [11]

As cerimônias iniciáticas foram responsáveis, em parte, pelo crescimento do terreiro, pois, segundo relata os adeptos mais antigos, na cidade nenhum outro terreiro possuía essas cerimônias. Tal fato atraiu muitos adeptos de outros terreiros, inclusive de outras cidades e até da capital, porque na época nenhum dos terreiros da região possuía ritos iniciáticos, despertando a curiosidade dos adeptos.

Vale ainda ressaltar que existem diversos ritos iniciáticos dentro do culto da Umbanda e devido a esta variedade, acreditamos ser mais adequado usar o termo

---

[11] L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 14/04/2005.

Umbandas para designá-la, pois em função desta grande diversidade, não podemos generalizar nem tão pouco uniformizá-la.

As cerimônias iniciáticas começaram a ser realizadas anualmente, obedecendo a um calendário criado por Pai Benê, sendo a primeira chamada de batismo. Mesmo carregando grande parte dos ritos da Umbanda, foi possível constatar que no Terreiro do São Domingos se pratica uma Umbanda *diferente*, que poderá ser observada na descrição das cerimônias que traremos no próximo item.

2.2 - A gira dos Orixás

A cerimônia é realizada toda sexta-feira, com exceção da última sexta-feira do mês, e tem início, aproximadamente, às 20:00horas. Os adeptos começam a chegar ao templo por volta das 19:00 horas e trinta minutos, alguns com condução própria, outros de ônibus. Por volta das dezenove horas e quarenta e cinco minutos, os adeptos começam a se dirigir para os vestuários que são divididos por sexo (masculino e feminino), para vestirem suas roupas ritualísticas. Depois disso, eles não ficam transitando fora do espaço do sagrado.

Após todos os adeptos já estarem no templo, o sacerdote chega, geralmente com uma roupa diferenciada, demonstrando, assim, a sua posição de destaque dentro do templo. O sacerdote toca uma sineta para avisar, aos que ainda estão nos vestuários ou nos banheiros, que a cerimônia vai se iniciar. Um profundo silêncio toma conta do templo.Todos, sem exceção, ficam aguardando os procedimentos do sacerdote para dar início à cerimônia. O sacerdote inicia, então, a seguinte cantiga para a defumação:

> E pai Oxóssi, daí me licença para defumar
> Eu defumo, eu defumo esta aldeia real.[12]

Simultaneamente, adentra no templo um adepto, carregando o turíbulo com brasas incandescentes, que é colocado ao lado da cadeira do sacerdote. O sacerdote pega uma mistura para defumação contendo incenso, benjoim, mirra e

[12] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 06/2005.

várias ervas secas, trazida por uma das *mucambas* [13] e em um recipiente de plástico transparente. Ela fica segurando esse recipiente até o sacerdote pegar a quantidade necessária para colocar sobre as brasas incandescentes. Uma fumaça intensa começa a tomar conta do templo.

Assim que o pó de defumação começa a queimar, as "*mães grandes"* levantam-se de suas cadeiras, que ficam do lado direito da cadeira do sacerdote, com umas toalhas brancas sobre as mãos, algumas com bordados, outras lisas. Dirigem-se até o sacerdote, fazem uma reverência a ele, inclinando a cabeça para baixo, e repetem essa postura na frente do turíbulo e dos atabaques, vão até a porteira, cumprimentam a assistência e voltam para seus lugares. Tudo isso acontece seguindo a hierarquia da casa, isto é, sempre as mais velhas no santo à frente, seguidas das mães mais novas de iniciação. Em seguida, as *mães pequenas*[14] fazem o mesmo percurso e, por fim, as *mucambas*.

As *mucambas* saem com suas toalhas, estendem-nas no chão e, duas a duas, deitam em frente ao sacerdote dando *adoba*[15], pedindo a benção tanto ao sacerdote quanto às *mães grandes,* repetindo o mesmo ritual feito por elas. As *mucambas* não sentam em cadeiras, elas podem sentar-se somente em almofadas.

Em seguida, os médiuns não iniciados também passam em frente ao pai de santo, fazem a defumação, cumprimentam os atabaques e vão até a porteira. Voltam, em seguida, para os seus lugares. Durante todo o percurso feito pelos adeptos, é entoada a cantiga para a defumação.

É notado o respeito pelos adeptos mais velhos, independente de ocuparem cargos mais elevados ou não dentro da tenda.

Após essa primeira fase do ritual, o turíbulo é retirado do templo, a pedido do sacerdote, que ajoelha para fazer as preces de abertura. Os adeptos também se ajoelham cobrindo a cabeça com suas toalhas e o sacerdote pede a todos uma firme concentração, iniciando a seguinte evocação:

---

[13] Um dos cargos atribuídos dentro da tenda para as pessoas que servem de apoio ao pai de santo.
[14] Cargo hierárquico dentro deste templo para as mulheres já iniciadas, com os preceitos feitos e muitos anos na tenda.
[15] Nome dado ao ato de deitar na frente do sacerdote e bater a cabeça no chão em sinal de respeito e de submissão.

Abrindo nossos trabalhos pedimos a todos uma firme concentração;

Com a graça de Zambi, nosso Pai Maior, pedimos que as irradiações do sol de Oxalá, nos de força para os trabalhos que vão ser efetuados ou que efetuados forem neste terreiro.

Que Dolente Xangô, (Kaô Babecili) com seus inigualáveis ensinamentos de mística e magia nos dê forças para que nossos trabalhos sejam coroados de pleno êxito.

Que Nanã Buruque (Saluba Nanã) a Mãe das Mães nos ajude a atravessar as ondas da vida.

Que Mamãe Yemanjá (Adô Feaba) retire de nós toda a sorte de perturbações levando para o fundo do mar.

Que O Senhor Oxossi, (Okê Aro) das profundezas de suas matas nos envie com suas ervas o Bálsamo da purificação.

Que Iansã, (E Parreloia) nos envie seus raios benéficos para iluminar nosso Pegí.

Que O Senhor Ogum, (Patacori Ogum) com sua lança **invencível e sua espada** decepadora, decepe a cabeça de todos os espíritos sofredores e zombeteiros que possam perturbar nossos trabalhos

Que Etiofá (É Pras Almas) com a bondade o carinho de seus velhos africanos nos dê a Santa Missão que a nós foi confiada, a missão de bem fazer ao próximo.

Salve **Cosme E Damião, (Amim Ibegi).**

E finalmente a vós Bará (Ararue Exú) tome conta de nossa porteira para nos livrar dos inimigos.[16]

Em seguida todos rezam a prece de Cáritas:

Deus nosso pai, que sois todo poder e bondade. Daí a força aquele que passa pela provação, daí a luz aquele que procura a verdade, pondo no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus! Daí ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação e ao doente o repouso.

Pai! Daí ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia e ao órfão o pai.

Senhor! Que vossa bondade se estenda sobre tudo o que criaste.

Piedade Senhor para aqueles que não vos conhecem; esperança para aqueles que sofrem.

Que vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte, a paz, a esperança a e a fé.

[16] Extraído do folheto distribuído as adeptos e freqüentadores antes do início da sessão. Ver Anexos.

> Deus! Um raio, uma faísca do vosso amor pode abrasar a terra. Deixai-nos beber dessa bondade fecunda e infinita e todas as lágrimas secarão... todas as dores se acalmarão!
>
> Um só coração! Um só pensamento subirá até vós, como um grito de reconhecimento e de amor.
>
> Como Moisés sobre a montanha, nós vos esperamos com os braços abertos. Ó bondade! Ó beleza! Ó perfeição! E queremos de alguma sorte alçar a vossa misericórdia.
>
> Deus! Dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até vós. Dai-nos a caridade pura, a fé, a razão.
>
> Dai-nos a simplicidade de que fará de nossas almas o espelho onde se deve refletir vossa Santa Imagem.[17]

Depois, ainda ajoelhados, eles cantam essa cantiga:

> Missaranganga: Missaranganga
>
> Me Fecha A Porta E
>
> Me Abra O Terreiro.[18] (Bis)

Esta cantiga é repetida por três vezes e os adeptos e o sacerdote batem a mão fechada no chão, em quatro pontos, representando o sinal da cruz, cantando.

.

Fotos da Gira de Orixá no Terreiro do São Domingos[19]

---

[17] Extraído do folheto distribuído aos adeptos e freqüentadores antes do início da sessão. Ver Anexos.
[18] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 06/2005.
[19] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

Após todo esse ritual, são entoados vários cânticos do orixá que vem naquela gira e têm início as consultas de toda a assistência. Então, são entoadas as cantigas de subida.

2.2.1 - O Encerramento da Gira dos Orixás

Os médiuns tomam seus postos, como na abertura, com as toalhas na cabeça, ajoelhados, e o pai de santo também ajoelhado agradece aos Orixás e aos guias que ali estiveram presentes, repetindo o seguinte cântico:

> Missaranganga: Missaranganga
> Me abra a porta e
> Me fecha o terreiro.[20]

Como aconteceu na abertura, eles fazem com a mão direita uma cruz no chão e batem três vezes no chão. Após isto já estão dispensados para trocarem de roupas e irem embora, caso queiram.

2.3 - A gira de Exu

A gira de Exu é feita na parte de baixo do prédio e é realizada na última sexta-feira do mês. Os adeptos geralmente usam roupas de coloração preta e vermelha, pois é a cor consagrada a esta divindade. O início da gira de Exus segue o mesmo horário das giras dos orixás, ou seja, às 20:00 horas. A defumação é deixada do lado de fora, na entrada do salão.

É facilmente verificado o aumento tanto de adeptos quanto de consulentes nos dias da giras de Exu. Segundo o sacerdote, isto se dá porque eles são mais acessíveis e falam mais diretamente com as pessoas, dando uma certa liberdade. Já os Caboclos e os Pretos Velhos são mais sérios e não atendem determinados pedidos feitos pelos consulentes.

---

[20] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 06/2005.

O sacerdote inicia a gira cantando a seguinte cantiga para o orixá Obaluaiê[21]. Todos cobrem a cabeça com uma toalha nesse momento:

Se ver um velho no caminho
Pede a benção,
Benção de Deus, Benção de Deus, Benção de Deus
Baluaie Benção de Deus.
Abaluaie, Abaluaie, Abaluaie, atoto. [22]

Uma capa de tecido preto, bordada com sete tridentes feitos com lantejoula vermelha, é estendida no chão, na frente do sacerdote, e uma vela branca é acesa, enquanto são entoadas outras cantigas para Obaluaie, que pode incorporar em um adepto a qualquer momento. Isso, segundo o sacerdote, não é necessariamente uma obrigação, pois "... ele vem quando ele quer vir"[23]. O fato dele não incorporar em um adepto, não tem nenhum significado à gira.

Em uma das giras assistidas, de repente, uma adepta cai de bruços no chão e começa a esticar os braços para frente e a rastejar pelo terreiro até chegar na frente do sacerdote. A capa que estava no chão é imediatamente levantada por uma das mucambas e é colocada sobre o corpo e a cabeça da médium que continua a tremer, agora com mais intensidade. A mucamba, então, pega a vela que já tinha sido deixada acessa ao lado da capa e faz o sinal da cruz nas costas e na cabeça da médium, olha para o sacerdote e faz um aceno com a cabeça dizendo sim. O sacerdote saúda Obaluaie e começa a entoar a seguinte canção:

O lua aaa
O lu aieee
O meu pai já vai se embora
O lua aaa
O lu aieee

[21] No terreiro do São Domingos na maioria das cantigas ao Orixá Obaluaiê eles usam a expressão Abaluaiê. A função de Obaluaiê, no Terreiro do São Domingos, é comandar os Exus. Geralmente ele sempre incorpora em um adepto, no inicio da giras, antes dos Exus incorporarem.
[22] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 06/2005.
[23] L. R., depoimento concedido ao autor, diário de campo, Americana, 24/06/2005.

Na aruanda deu a hora

O lua aaa

O luaiee

Obaluaie, já vai embora (e são falados todos os nomes do Orixá Obaluaie que, segundo o sacerdote atual, são vários). [24]

Enquanto isso os tremores aumentam na adepta que está incorporada e, de repente, terminam com um solavanco mais forte e um gemido profundo. A adepta é, então, ajudada a se levantar e retoma o seu lugar. Ela ficou cerca de quinze minutos de bruços com o rosto virado para o chão.

Os demais adeptos continuam de joelhos e com a cabeça encostada no chão, sendo que somente os mais graduados podem ficar sem encostar-se ao chão ou cobrir a cabeça. Em seguida, a mucamba pega a capa e começa a levantá-la sobre cada um dos adeptos fazendo com que a ponta passe por sobre as costas, como se estivesse fazendo uma limpeza. Após isso, eles cantam para o tempo:

Tempo maculo dile

Tempo maculo dile

Eu venho de marajó, paragua

Eu venho de marajó

Tempo maculo dile. [25]

Somente após esse prelúdio é que são entoadas as cantigas denominadas de pontos de chamada[26], primeiramente aos Exus masculinos e depois para os femininos. Assim, os adeptos que já estão preparados para tal, começam a ser incorporados pelos Exus ou pelas Pombas-Gira. As mucambas, então, servem charutos, velas e marafo[27] às entidades já incorporadas. Algumas entidades dos médiuns atendem sentados no chão, e para outras, com mais tempo de desenvolvimento e que já tenham um certo número de obrigações, são dadas

[24] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 06/2005.
[25] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 06/2005.
[26] Ponto de Chamada é o nome dado as cantigas que evocam os orixás para incorporarem nos seus adeptos.
[27] Aguardente de cana de Açúcar.

almofadas de cor preta ou vermelha, para que as entidades possam sentar-se para atender os consulentes.

Fotos da gira de Exu no Terreiro do São Domingos[28]

Os ritos iniciais, bem como a gira propriamente dita, têm suas especificidades e não seguem o mesmo padrão ritualístico da gira dos orixás. Não tem defumação dentro do salão, mas do lado de fora do prédio; não se reza Pai Nosso, Ave Maria e nem a prece de Cáritas, como é feito nas giras dos orixás. Após eles terem cantado para as divindades, eles começam a cantar para os Exus. Iniciam pelo Exu das Sete Encruzilhadas, por ser a entidade do sacerdote, e depois continuam cantando até os demais Exus e Pombas-Gira incorporarem nos seus médiuns. Após todos os Exus terem incorporado nos seus médiuns, a assistência tem permissão para fazer consultas individuais.

[28] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

A gira não demora mais do que duas horas e meia. Após terem atendido todos os que estavam na assistência, começam a cantar para que os Exus desincorporem e, após isso, está encerrada a gira.

2.3.1 - O Encerramento da Gira de Exu

O sacerdote inicia a seguinte cantiga para encerrar a cerimônia:

> Ele é ganga misaranganga Exu
> Olha nossa banda. [29]

Assim que o adepto começa a freqüentar o templo e passa a fazer parte da corrente[30], para desenvolver sua mediunidade, o primeiro procedimento do sacerdote é saber a qual orixá pertence a cabeça do novo adepto. Os umbandistas acreditam que todas as pessoas possuem um casal de orixás[31], um masculino e um feminino, que governa a cabeça de cada ser humano.

Para isso, dependendo do templo, é utilizada uma forma distinta de se descobrir qual o orixá. No decorrer da pesquisa de campo encontramos quatro formas. Destas, a mais conhecida é o jogo de búzios[32], que é a forma utilizada no Terreiro do São Domingos. Alguns templos utilizam o calendário e se o adepto nasceu em um mês correspondente a um santo católico, fazem o sincretismo com os orixás da Umbanda, por exemplo, mês de abril, consagrado a São Jorge Guerreiro, corresponde ao Orixá Ogum; em outros, os sacerdotes determinam de quem o novo adepto é filhos pelas visões da entidade que o acompanha.

---

[29] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 06/2005.
[30] Nome dado ao grupo de adeptos que participam do ritual.
[31] Segundo o atual sacerdote, todos os adeptos possuem um casal de orixá, um masculino e um feminino, que representa para nós o mesmo que nossos pais terrenos, por isso temos o casal. Complementa dizendo que no caso do orixá Exu, também temos um casal: Exu, do sexo masculino, e Pomba-gira. O jogo de búzios é realizado logo que o adepto começa a freqüentar o terreiro para descobrir o seu orixá ou a qualquer momento que o sacerdote sentir necessidade de respostas para solucionar um problema.
[32] Jogo divinatório com 16 conchas marinhas, que são lançadas, na maioria das vezes, sobre uma peneira de fibras. Conta-se a quantidade de conchas que cai com a cavidade aberta para cima e este número é correspondente ao orixá que rege a cabeça do neófito. Também são feitas as consultas às divindades para saber seus desejos, descobrir o que está errado na vida da pessoa, dentre outras finalidades. É através do jogo de búzios que os sacerdotes conseguem uma ligação direta com os orixás, obtendo respostas sobre as cerimônias e obrigações a serem realizadas.Para uma visão mais ampla do jogo de búzios ver: Julio Santana BRAGA, *O jogo de búzios.*

2.4 – O Batismo no Terreiro do São Domingos

O batismo é realizado em cerimônia aberta, em uma sessão comum, sempre nas "Giras dos Orixás"[33], ou seja, às sextas-feiras, quando houver um novo adepto para ser batizado. São feitos todos os ritos de abertura com defumação, orações, etc. O que distingue o batismo das sessões comuns é que antes das entidades serem evocadas, o sacerdote chama o novo filho ao centro do terreiro e pede para ele se ajoelhar, permanecendo nessa posição.

Em seguida, um dos filhos mais velhos do templo, sem cargo elevado na casa, traz um alguidar[34] e o entrega ao sacerdote. Este começa a desenhar no alguidar símbolos representativos do Orixá dono da cabeça do iniciando. Tais desenhos também são conhecidos nesta casa como ponto, terminologia utilizada também para denominar as cantigas sagradas do ritual. É comum ouvir "... vamos cantar o ponto..." do Orixá tal. Uma das *mucambas* (um dos cargos atribuídos dentro da tenda para as pessoas que servem de apoio ao pai de santo) acende a vela de sete dias, de coloração verde, pois segundo o sacerdote[35], este é o tempo em que o anjo de guarda tem que ficar iluminado, para maior proteção do iniciando.

Após o sacerdote ter riscado o ponto, volta-se para os presentes, a fim de que eles possam visualizar os símbolos ali marcados. A pequena bacia de barro é colocada na frente do iniciando, que permanece ajoelhado, imóvel, esperando o andamento da obrigação de cabeça baixa. Primeiro sua cabeça é lavada com água e sabão da Costa, ao mesmo tempo em que o sacerdote começa a cantar um ponto característico dessa etapa do ritual:

> Vou Lavar
> Vou Lavar
> Na Bacia de Ouro de Iemanjá. [36]

Essa cantiga é cantada em todos os batismos, independentemente do Orixá

---

[33] Cerimônias que só incorporam as entidades da direita, excluindo o Exu dessas obrigações.
[34] Espécie de bacia de barro, medindo cerca de 50 cm de diâmetro.
[35] Cf. L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 26/08/2005.
[36] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 08/2005.

que o iniciando possuir, sempre acompanhada pelo som de três atabaques[37]. Ela é repetida inúmeras vezes por todos os presentes até o término da lavagem de toda a cabeça do iniciando. Enquanto isso, o sacerdote pede para que o mal saia da vida do iniciando e que os Orixás venham abençoá-lo. Em seguida, o sacerdote derrama lentamente cerveja branca, a bebida do Orixá (Oxossi), sobre a cabeça do iniciando, sempre orando e pedindo coisas boas para ele. No batismo que assistimos foi ainda derramado champanhe, pertencente ao Orixá Iemanjá, sobre a cabeça do iniciando, por ele ser filho deste orixá também. As guias também são submersas na mistura de bebidas que estão depositadas no alguidar, com objetivo de cruzá-las (termo usado para dizer que o colar já está bento, sacralizado).

Batismo no Terreiro do São Domingos [38]

[37] Trio de instrumentos de percussão semelhantes a tambores que orquestram os ritos. Apresentam-se em registro grave, médio e agudo, e em três tamanhos: pequeno, médio e grande. Em alguns terreiros de Candomblé são tocados com pequenas baquetas (varetas feitas com galhos de goiabeira ou araçazeiros), já nos terreiros de Umbanda são tocados com as mãos. São dados nomes a eles que variam de terreiro para terreiro, sendo os mais conhecidos: Rum, Rumpi, Lê. Eles são sacralizados e respeitados por todos os adeptos e, até, pelas divindades.
[38] Foto pertencente ao Sr. Adilson Rogério do Amaral.

Na seqüência do ritual, uma das *mucambas* recolhe a bacia e o alguidar[39] que foi usada como coletora da bebida e da água, jogada por sobre a cabeça do iniciando, e o sacerdote ordena que seja levada à casa do Orixá (um quarto onde estão assentados os Orixás). É cantado um ponto para o Orixá do novo iniciando. O iniciando conclui essa cerimônia com o semblante sonolento. Levanta-se com certa dificuldade, cambaleando de um lado para o outro. De repente, entra em transe, tomado por seu orixá Oxossi e é aplaudido por todos os presentes. Logo em seguida, o Orixá deixa o corpo do iniciando e uma das *mucambas* corre até ele, envolvendo sua cabeça com um torço branco. O sacerdote verifica se o novo adepto está passando bem e, assim sendo, segue normalmente a gira, cantando para que os demais Orixás venham incorporar em seus *cavalos* (médiuns).

A partir daí começa o chamado desenvolvimento do médium, período em que ele se prepara para realizar a primeira obrigação para seu orixá, de uma série de sete obrigações, além do batismo, que virão com o tempo, determinadas pelo sacerdote do templo. Tal desenvolvimento consiste tanto em um aprendizado espiritual quanto material, pois o novo médium terá que aprender as normas e os princípios básicos da religião e do templo, em específico.

2.5 – O Camarim, a iniciação

A segunda obrigação, chamada de camarim, é dedicada ao orixá dono da cabeça do iniciado, na qual o adepto deve permanecer recolhido por um período de três dias nas dependências do terreiro e pode ser realizada nos meses de fevereiro e de julho[40], sem uma data precisa, a qual é acertada de acordo com a disponibilidade tanto do sacerdote quanto dos adeptos.

Para um adepto passar da condição de médium para a de *Yao* (denominação dada nesta tenda para as pessoas que já tenham feito a cerimônia do camarim) deve atender a alguns requisitos. Um deles é o chamado enxoval, que consiste de:

- Roupas *íntimas virgens* (sem uso);

[39] O alguidar fica depositado no quarto dos orixás por sete dias. Após isso é lavado para que receba a comida do orixá ao qual o adepto foi consagrado e volta a ficar no quarto dos orixás por mais sete dias. Depois é oferecido em uma mata ou na beira de um rio.
[40] Calendário das Festividades. Ver Apêndices.

- Escova de dentes;
- Pasta dental;
- Sabonete;
- Papel higiênico;
- Toalha de banho e de rosto;
- Um jogo de lençol (quatro peças);
- Travesseiro;
- Dois lençóis brancos sendo um de casal e um de solteiro;
- Prendedores (que serão usados para prender os lençóis), fazendo uma espécie de biombo;
- Uma esteira;
- Um prato;
- Uma colher;
- Um copo ou caneca;
- Alfinetes;
- Guias (colares);
- Cobertor;
- Caderno;
- Lápis;
- Cabides;
- Uma camiseta e uma calça branca;
- Uma roupa especial de “gala” do orixá;
- Todos os ingredientes usados para o preparo das comidas dos Orixás que são solicitadas durante toda a cerimônia, sendo que o iniciando deve deixar uma importância em dinheiro com o sacerdote, para que o mesmo possa comprar o que for solicitado.

Todas as peças do enxoval devem ser marcadas com os nomes ou iniciais do iniciando, para que não se misturem com as dos seus irmãos.

Os preparativos se iniciam na segunda-feira, quando é oferecido um boi para os orixás. Depois disso, ele deve ser limpo, desossado e sua carne empacotada, pois será oferecida às divindades e também aos convidados no dia do levante do Camarim. As partes do animal oferecidas às divindades (cabeça, patas e alguns órgãos internos) são depositadas em um alguidar e colocadas no quarto do santo[41] e lá permanecem até o sábado, sendo levadas depois a locais pré-determinados pelos orixás através do jogo de *Iobassa*[42].

Na quarta-feira, que antecede as datas das cerimônias, são dadas as oferendas ao orixá Exu. Nesse dia são oferecidos alguns frangos ao orixá, sendo depositados também em alguidares e colocados no quarto de exu[43], onde permanecem até sábado, também tendo como destino o que for determinado através do jogo de búzios.

Estando completo todo o material solicitado, dá-se início à cerimônia. Os iniciandos concentram-se no meio do salão principal do templo para ouvir benções e recomendações para os próximos três dias. Ouvem as regras que tem que cumprir para o perfeito desenrolar da cerimônia. As regras são as seguintes:

- Não falar;
- Não levantar (sem que esteja com a toalha cobrindo o rosto);
- Não pegar nada da mão de ninguém (a pessoa deve colocar no chão);
- Para solicitar algo, só escrevendo em um pedaço de papel e colocando no chão do lado de fora do biombo;
- Não sair do camarim (espaço pequeno que é fechado com os lençóis formando uma espécie de biombo);
- Se acaso tiver que sair para ir ao banheiro, bater palmas três vezes e esperar a guardiã (pessoa mais graduada responsável para tal função);

---

[41] Espaço onde são colocadas as oferendas dos orixás, espaço de visitação restrita às pessoas iniciadas, tendo imagens de diversas divindades, dentre outros objetos sagrados.
[42] Nome dado ao sistema de consultas aos orixás, que é feito através de uma cebola de tamanho médio, cortada em quatro partes.
[43] Espaço onde são colocadas as oferendas do Exu, espaço de visitação restrita às pessoas iniciadas, tendo nesse espaço imagens de diversos exus, dentre outros objetos sagrados.

- Não olhar no espelho e nem diretamente nos olhos de ninguém;
- Não pegar em metal.

Antes de iniciar o ritual, o adepto toma um banho simplesmente para higiene pessoal, sem uso de qualquer tipo de infusão de ervas. Durante os três dias de duração do Camarim nenhum outro tipo de banho é administrado.

O termo camarim também é usado nesse templo para descrever pequenos espaços separados por lençóis, geralmente de coloração branca, pendurados em arames ou em cordas de plástico, formando uma pequena cabana, sem cobertura, onde os iniciados ficam confinados durante o período de iniciação. No Terreiro do São Domingos é usado o mesmo local onde são feitas as giras de Exu (salão menor).

Os iniciandos não trajam roupas especiais, usam pijamas, uns curtos, outros compridos, de coloração e tecidos variados. Durante o período de reclusão, os iniciandos não têm nenhuma atividade a não ser rezar e refletir sobre sua vida. O trabalho todo é desenvolvido nos bastidores pelo sacerdote e algumas pessoas mais velhas no santo[44]. "Eles têm que rezar e descansar e em mais nada"[45], diz o sacerdote. E complementa: "*Deitar*[46] o filho é fácil, o difícil é cumprir as exigências das oferendas que são requisitadas pelos orixás e que são as mais variadas possíveis, podendo ser um simples doce até um corte[47] de um animal maior" [48].

O ritual tem início na quinta feira por volta das 22:00 horas, com uma cantiga do orixá Oxossi, por ele ser o dono da cabeça do sacerdote. Em seguida, um dos médiuns mais graduados entra no salão principal do prédio com o turíbulo (recipiente onde são colocadas brasas incandescentes e jogados os pós de defumação: incenso, mirra e benjoim), com o qual é defumado o templo e as pessoas presentes.

O sacerdote solicita, então, que os candidatos a *Yao* se concentrem no meio do templo e pede a eles que esqueçam a vida lá fora, que limpem o corpo e a alma para o orixá dono de suas cabeças poder agir em suas vidas. Salienta que eles perderam seus nomes e, quando saírem do Camarim, terão uma nova vida, um novo

---

[44] Denominação dada às pessoas com muitos anos de iniciação.
[45] L. R., depoimento concedido ao autor, diário de campo, Americana, 24/02/2005.
[46] Termo usado para designar o começo do processo iniciático.
[47] Expressão usada para denominar oferendas de animais de porte maior, como cabras, bodes, dentre outros.
[48] L. R., depoimento concedido ao autor, diário de campo, Americana, 24/04/2005.

nome. Observa que o Camarim não é somente as horas que eles ficaram recolhidos, mas para vida toda. Alerta-os para não comentar com ninguém algo estranho que possam ter visto durante esses três dias de recolhimento, pois o Orixá pode trazer, no Camarim, o axé de visão, provocando nos iniciados visões e mensagens que só dizem respeito a eles mesmos. Se acaso comentarem, o orixá pode se ofender com essa atitude. Outra recomendação feita pelo sacerdote é que eles devem aproveitar ao máximo essa experiência, pois estão gastando dinheiro com ela. O sacerdote faz um último alerta, dizendo que após a reza e as benções, os iniciandos não devem mais falar. Inicia-se a seguinte cantiga:

> Ogum esta no aloni
> Ni aloni kai ango.
> (vai mudando o nome do orixá até cantar para todos)[49]

Em seguida, o sacerdote ora, pedindo proteção de todos os Orixás. Reza um Pai Nosso, uma Ave Maria, uma Glória ao Pai e evoca os Orixás, num canto, cuja tradução para o português não é permitida:

> Fala mameto Kai ango
> Omulu quando come lembra do ile
> Fala mameto Kai ango
> Omulu quando come lembra de tate.[50]

Nesse momento, os iniciandos pedem as bênçãos com uma toalha branca sobre a cabeça e se retiram para os camarins. Eles permanecem confinados durante três dias até o sábado à noite, quando se dá a cerimônia de *levante de Camarim*, uma cerimônia em que são apresentados como novos iniciados para a comunidade em geral.

---

[49] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 02/2005.
[50] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 02/2005.

Iniciandos durante o recolhimento [51]

Espaço onde ficam confinados os iniciandos durante todo o período da iniciação e que recebe o mesmo nome da própria obrigação "*camarim*"[52]

[51] Fotos pertencentes ao acervo particular da Sra. Clélia Gomes.
[52] Fotos pertencentes ao acervo particular da Sra. Clélia Gomes.

Na sexta-feira, às 05:00 horas da manhã, o sacerdote acorda os iniciandos com a seguinte cantiga para a alvorada:

> Quando o sol no horizonte azul la despontou, la, la, la, - la, la, la
>
> O Caboclo que estava dormindo acordou e depois chorou, a cabocla, sua companheira, chegou e uma canção ele cantou que falava de um grande amor, que fala de um grande amor.
>
> Maior que a terra e o mar, maior que o mar e o céu e bem maior e amor.
>
> La, la, la, la, la. [53]

Toda a vez que é oferecido algum alimento aos adeptos que estiverem em obrigação é cantada a seguinte cantiga:

> A je um a jeum ajeum oko
>
> ajeum ajeum ajeum ajeokó. [54]

Depois de dar-lhes o café da manhã, sem nenhuma comida ou bebida diferenciada, sempre auxiliado pelas *mucambas* e pela *Naia*[55], ele, então, vai consultar os búzios para saber quais são os desejos dos orixás, quais oferendas ele tem que fazer para que a iniciação seja coroada com êxito.

Depois de feita a consulta, o sacerdote pede para que um filho que tenha veículo vá às compras das especiarias e dos animais necessários para a confecção das oferendas. As despesas são pagas com o dinheiro que os iniciandos deixaram antes de entrar para o processo iniciático. O sacerdote também cobra para realizar as cerimônias, pois, segundo ele, tem que garantir o seu Anjo de Guarda[56]. Não conseguimos totalizar o custo preciso desta cerimônia, mas acreditamos não ficar por menos de um mil e quinhentos reais.[57] Nesse dia o sacerdote passa o dia todo

---

[53] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 02/2005.
[54] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 02/2005.
[55] Nair Nogueira, sacerdotisa mais antiga do templo, inclusive mais antiga do que o próprio sacerdote que está atualmente.
[56] A expressão “garantir seu Anjo de Guarda” significa que o sacerdote também tem que render oferendas a seus orixás e, para isso, ele tem que cobrar, pois se não tivesse que fazer essas cerimônias aos novos adeptos, ele não precisaria oferecer comidas aos seus orixás.
[57] Cálculo realizado em 02/2006.

cozinhando e *assentando*[58] as comidas nos seus respectivos lugares, tarefa finalizada por volta das 22:00 horas.

No sábado, logo pela manhã, inicia-se os preparativos para o *levante do Camarim* e para a *mesa dos orixás*[59]*.* Quase todos os orixás se manifestam no ritual, de Oxalá a Cosme e Damião.

2.6 – A mesa dos Orixás

Por volta das 16:00 horas do sábado é posta a mesa dos orixás, com uma imensa toalha[60] e sobre ela uma imensa quantidade de frutas, todas cortadas ritualisticamente, pois, segundo o sacerdote[61], para cada orixá há uma forma diferenciada para se cortar e dispor às frutas na mesa. Segundo depoimento de D. Dalva[62], uma adepta do templo, antigamente as frutas eram colocadas sobre folhas de bananeira e não sobre toalhas de tecidos, como é feito hoje. Esta cerimônia é realizada no salão menor, ou seja, no mesmo local onde os iniciandos estavam recolhidos.

Nessa cerimônia, os iniciandos podem convidar pessoas que não fazem parte do ritual para participar, que ficam no lado profano do templo, não sendo permitido, em hipótese alguma, adentrar o espaço do sagrado. Os iniciandos ainda não têm permissão para falar com os presentes, mesmo os que fazem parte da tenda.

São entoados alguns cânticos aos orixás, a começar pela seguinte cantiga para a divindade Tempo:

Tempo maculo dile
Tempo maculo dile
Eu venho de marajó
Paragua eu venho de marajó
Tempo maculo dile. [63]

---

[58] Denominação usada neste templo para a ação de depositar comidas no quarto de santo ou do exu.
[59] Denominação dada a uma cerimônia na qual os iniciandos distribuem frutas a todos os presentes.
[60] Medindo cerca de quatro metros de comprimento por um metro e vinte de largura.
[61] Cf. L. R, depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, data.
[62] Cf. D., depoimento concedido ao autor, diário de campo, Americana, 26/02/2005.
[63] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 02/2005.

Para Obaluaê cantam a seguinte canção:

Se ele corre os quatro cantos,
Quatro cantos em parar,
Se ele corre os quatro cantos
E para seu filho ele ajudar. [64]

Para essa cerimônia existe uma cantiga específica, que o sacerdote inicia e todos o acompanham:

Terreiro de preto velho tem uma festa de yao
Tem yao de oxossi. (Vai alterando os nomes das divindades). [65]

Depois de entoada a cantiga, o sacerdote dá um sinal autorizando os iniciandos a começarem a distribuir as frutas aos convidados. Os iniciandos permanecem com a cabeça baixa, caminham lentamente com um semblante calmo, como se estivessem entorpecidos por alguma droga, mas eles não bebem nada que possua álcool ou qualquer substância alucinógena nesse período: "Isso é a ação dos orixás sobre seus filhos. Eles estão purificados"[66], diz o sacerdote.

A mesa dos orixás, cerimônia que antecede do *levante de camarim*[67]

[64] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 02/2005.
[65] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 02/2005.
[66] L. R., depoimento concedido ao autor, diário de campo, Americana, 26/02/2005.
[67] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

A distribuição das frutas é feita segundo uma ordem hierárquica. Os primeiros a receber as frutas são o sacerdote e os mais velhos da casa. Em seguida, são dadas a todos os que participam da religião e, por último, para os convidados que não são adeptos da religião.

As frutas não são entregues nas mãos das pessoas que participam da religião, elas são colocadas à frente da pessoa no chão. Quem não quiser comê-las no templo pode levar para casa e distribui-las às pessoas da família. Se alguém tiver uma pessoa doente ou precisando de alguma forma de ajuda, deve fazer um pedido antes de comê-las, pois as frutas, segundo o sacerdote[68], possuem *axé*[69].

Terminada a distribuição das frutas, alguns adeptos que não estavam participando da iniciação retiram a toalha e limpam o templo. Os iniciandos ficam próximos à parede mantendo sempre uma distância de, no mínimo, um metro entre um e outro. Os convidados saem do recinto. Alguns vão para suas casas, outros permanecem para aguardar os preparativos do *levante do Camarim,* que está previsto para ter seu inicio às 20:00 horas.

É perceptível a euforia que envolve as pessoas que trabalham para organizar o cerimonial, há muito “corre-corre”, para que tudo esteja de acordo na hora da cerimônia, tudo com supervisão pessoal do sacerdote.

2.7 – O Levante do Camarim

A festividade do *Levante do Camarim* se inicia às 20hs15, aproximadamente, com a defumação de todos os presentes e de todo o templo. São feitas as preces de abertura, com o templo em clima de festa e muito “corre-corre” para os últimos detalhes. Este é o clímax da iniciação. Estão presentes os membros mais velhos da casa, pessoas de outras tendas e casas de Orixá. O próprio sacerdote reconhece a tensão que seus preparativos provocam, dada a sua importância.

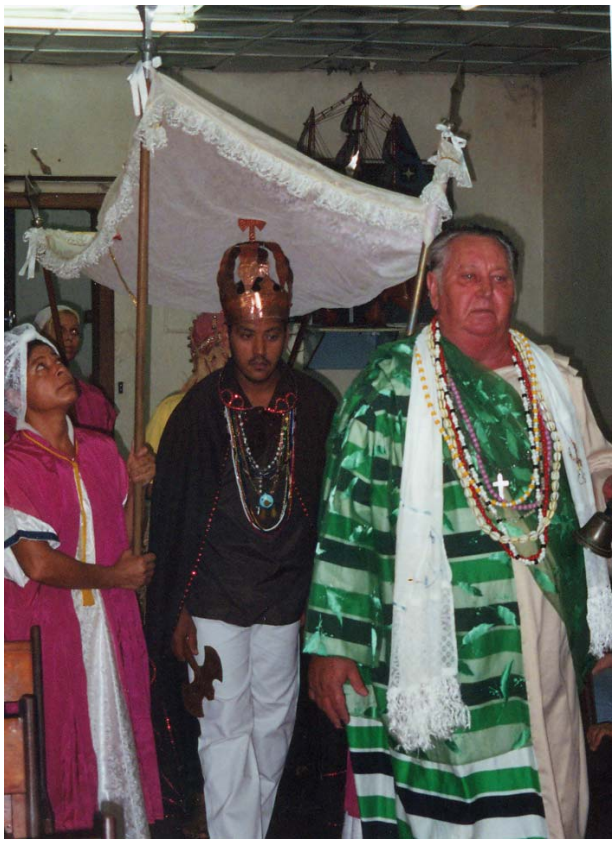
Para essa cerimônia, o sacerdote usa uma roupa em reverência ao Orixá que está sendo levantado: uma túnica longa até os pés, com predominância das cores verde e branca, usando um cocar sobre a cabeça. Com essa vestimenta, ele

---

[68] Cf. L. R., depoimento concedido ao autor, diário de campo, Americana, 26/02/2005.
[69] Denominação dada à energia ou à força espiritual que são deixadas nas oferendas, dentre outros objetos do culto.

destaca o seu grau hierárquico, pois ela é a única que vai até os pés. Os demais participantes da cerimônia usam camisas de coloração diversa, todas curtas.

O sacerdote inicia a cerimônia com uma cantiga de Oxóssi e desce por uma escada interna que dá acesso ao segundo andar do templo, pela parte interna. Minutos depois, começa um badalar de sinos no lado de fora do templo, na direção da porta de entrada. Quatro pessoas aparecem na porta, segurando um *Ala*[70], simbolizando uma cobertura, uma proteção.



Cerimônia de levante de Camarim, conduzida pelo atual sacerdote, Leocrécio Rosso, à frente, trajando verde[71]

As pessoas que seguram o *Ala* usam, por cima de suas vestes ritualísticas, uma espécie de sobre-roupa de cor roxa, com uma cruz bordada em dourado,

[70] Um pedaço de pano com aproximadamente 2 m de largura por 2,5 de comprimento com quatro pedaços de madeira roliça, com cerca de um metro e meio cada um, amarrados nos cantos do tecido, que serve de cobertura para os iniciados até a chegada no salão. As cores do tecido vão variando de acordo com o orixá que está sendo trazido.

[71] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

lembrando as vestes usadas pelos padres católicos no advento da Semana Santa. Sob o *Ala* está um dos iniciandos, agora já iniciado, devidamente paramentado com as vestes, as armas e os apetrechos do seu Orixá.

O grupo começa a adentrar no templo, num contexto de emoção crescente, na medida em que o iniciado vai se aproximando da *porteira* (cerca que separa o espaço do sagrado e o profano no templo). Então, o sacerdote ergue uma das mãos e, quase automaticamente, os atabaques, que tocavam, fazem silêncio, juntamente com a cantiga que estava sendo entoada.

Outra cantiga é cantada, enquanto o iniciado começa a adentrar lentamente no espaço do sagrado, cambaleante, quase caindo de um lado para o outro. Num movimento mais brusco inclina-se para frente e para trás, sendo assim *montado* (incorporado) por seu orixá. Ele dá um grito longo e começa a dançar e a imitar gestos, como se estivesse atirando flechas; a cada flecha, um novo grito. Dirige-se ao centro do templo, a fim de que seja colocado sobre sua cabeça um cocar de penas de coloração verde. Nessa cerimônia, o iniciado não usa camisa, somente um short coberto por penas, simbolizando Oxossi, sincretizado com caboclos e com índios.

Na seqüência, o iniciado se dirige até o altar, onde se ajoelha e repete novamente os gestos de atirar a flecha, repetindo mais duas vezes esse gesto na frente dos atabaques e da *porteira*, agora, no sentido de dentro para fora, a fim de cumprimentar os visitantes também. Várias cantigas são entoadas em louvor a Oxóssi, enquanto o iniciado dança por todo o salão, cumprimentando os mais velhos da casa e sendo cumprimentado pelos mais novos.

O iniciado, incorporado por seu Orixá, é, então, colocado na roda que pertence aos já iniciados, ou seja, a roda de dentro, e ali fica dançando, já sem movimentar-se tanto. O sacerdote solicita que outra pessoa, a Mãe ou o Pai Pequeno, vá buscar outro iniciado. Ele repete o mesmo processo, descendo pela escada interna e aparecendo na porta da frente com mais um iniciado e os carregadores do Ala. O processo se repete até o último iniciado entrar no templo.

As pessoas que estão cumprindo somente os *preceitos* passam por todo o processo descrito para os adeptos que estão fazendo o Camarim, só que estes ficam recolhidos menos tempo, e não é dada tanta ênfase a saída destes. A

cerimônia tem continuidade até que todos os que foram recolhidos sejam apresentados.

Após o término da cerimônia, todos os participantes recebem os cumprimentos de toda a comunidade e dos demais convidados que não pertencem à religião. Em seguida, é oferecida uma festa aos convidados pertencentes ou não a religião[72].

2.8 - O Batismo de Exu

A cerimônia de Batismo de Exu é realizada somente às sextas-feiras santas, em sessão aberta, após a realização do Camarim, inclusive com a presença de pessoas de consulentes, no espaço dedicado ao orixá Exu. O batismo pode ser feito para mais de um médium no mesmo dia, lembrando que sempre acontece na primeira sexta-feira santa após a cerimônia de camarim.

Devido ao fato desta cerimônia ser realizada uma vez só por ano, participei de dois anos consecutivos desta cerimônia para conseguir descrevê-la de forma completa. Apesar de ser bem menos complexa que o Camarim, quando se trata de cerimônias relacionadas ao orixá Exu, sempre acontece algo diferente, como, por exemplo, no primeiro ano, todas as fotos tiradas durante o ritual terem queimado.

O médium é chamado à frente do sacerdote do terreiro, que, então, solicita a uma das Mucambas para trazer os materiais que são utilizados no ritual. Os materiais consistem em:

- 01 alguidar de 25 cm de diâmetro;
- 01 litro pinga;
- 01 pedaço de fumo de corda;
- 01 toalha vermelha;
- 01 vela.

Após todos os materiais já estarem colocados no chão, à frente do sacerdote, é chamado um homem e uma mulher que pertença ao terreiro, para que sejam os

[72] Esta festa foi introduzida no ritual por Pai Benê. Na época em que ele estava à frente do terreiro, agregava grande um número de pessoas que vinham de varias cidades para participar do evento.

padrinhos. Estes já foram escolhidos anteriormente pelo próprio médium, sem o envolvimento do sacerdote. O sacerdote inicia a seguinte cantiga:

> Nos somos pretos da catimba de aruanda
> E os bara nos vamos louvar
> Maculele e e e, maculele e e a,..[73]

O médium é colocado entre os padrinhos. O sacerdote lava as mãos do médium e depois o médium lava as mãos dos padrinhos com pinga. A pinga é colhida no alguidar, onde já se encontra o pedaço de fumo de corda. A toalha vermelha é usada para enxugar as mãos.

Terminado a lavagem das mãos, as mucambas recolhem o alguidar e o leva à casa de Exu, onde fica depositado[74]. O médium tem livre acesso a este alguidar, depois da cerimônia, quando sentir necessidade de pedir algo a Exu, ele poderá repetir o ritual, ou seja, lavar as mãos e fazer seu pedido.

Cerimônia de Batismo de Exu[75]

[73] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 03/2005.
[74] Esse alguidar deve ficar depositado na casa de Exu por sete dias. Depois disso, o médium deve levá-lo para sua casa, e pode ser utilizado quando achar necessidade de evocar as forças de Exu, lembrando também que ele deve pedir proteção e bênçãos aos seus padrinhos de batismo, quando for fazer uso desta magia. Alguns médiuns, por não terem um lugar apropriado para deixá-los, deixam na casa de Exu.
[75] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

2.9 - Os Preceitos

Os preceitos são as seis cerimônias subseqüentes ao camarim, nas quais foram divididas as sete linhas da Umbanda. O médium que, por exemplo, for filho do Orixá Oxossi tem a cerimônia de Camarim consagrada a Oxossi. Quanto às seis linhas restantes da Umbanda, o adepto tem que fazer um Preceito para cada linha.

O ritual dos Preceitos é muito semelhante ao ritual do camarim, a única diferença é o tempo de recolhimento. Geralmente os médiuns que vão fazer o preceito recolhem-se na sexta-feira à noite para levantarem no sábado à noite. Passam pela cerimônia da mesa dos orixás e também do Levante, juntamente com os médiuns que estejam fazendo o camarim. Se o médium quiser, ele pode fazer mais do que um preceito no ano, isso é permitido, mas somente recebe o Deka após sete anos de terreiro. Tanto o camarim quanto os preceitos são realizados com um certo número de médiuns, nunca individualmente.

2.10 - O Estouro de Panela

Esta cerimônia é realizada normalmente às sextas-feiras santas e, segundo o sacerdote atual[76], é a confirmação do batismo, o mesmo que a crisma para os católicos. Todos os Iaôs passam por este ritual.

O mesmo começa a ser preparado depois das 15:00 horas, aproximadamente, pelo sacerdote e pelo pai pequeno. O ritual propriamente dito não é realizado dentro do terreiro, e sim, em um dos corredores que dão acesso ao salão menor, quase na frente da porta de entrada deste. O sacerdote solicita a um adepto para que pegue as panelas[77] e para que ascenda uma pequena fogueira.

Após a fogueira estar acesa, as panelas são colocadas individualmente para cada adepto que passa por este ritual, permanecendo ali até que fique incandescente como uma brasa. O calor no local vai aumentando e à medida que a panela de ferro fundido vai ficando incandescente, um cheiro de ferro queimado toma conta de todo o espaço, juntamente com a fumaça esbranquiçada, caudada pela queima da madeira.

---

[76] Cf. L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 14/04/2006.
[77] Panelas tipo caldeirão de ferro com três pés e duas alças, com aproximadamente 20 cm de altura e 20 cm de diâmetro.

Enquanto as panelas estão sendo aquecidas, o sacerdote e o pai-pequeno começam a preparar as petecas de pólvora[78], uma para cada médium que passa pelo ritual. As panelas também são individuais, cada adepto deve trazer a sua.

Estando a panela já incandescente, é chamado o primeiro adepto. Não existe uma hierarquia nesse momento, quem chegou primeiro ou quem estiver disposto a passar pelo ritual primeiro, pode fazê-lo.

O sacerdote passa as petecas de pólvora pelo corpo e pelas mãos do adepto e reza o angorossi[79], pedindo sempre o bem para que o adepto prospere na vida e entrega a peteca para que ele jogue dentro da panela e se afaste alguns metros do local. As petecas têm que ser feitas com bastante jornal para que o médium tenha tempo de se afastar da panela antes que ela estoure. Depois de colocada na panela, não demora mais de um minuto para que a peteca comesse a queimar e, logo em seguida, estourar. O barulho é ensurdecedor, a força da explosão chega a tremer o chão a uma distancia de uns três metros.[80] Isso é repetido por todos os médiuns que tiverem que confirmar seu batismo no Exu, ou seja, se Crismar.

Para os adeptos que já passaram pelo estouro, eles acreditam que o seu orixá já tem um Exu “Cativo”, que o serve e que não pode fazer mais nada sem a sua permissão, nem tão pouco pode fazer o mau a outra pessoa. Depois de feito todos os estouros de panelas dos médiuns novos, inicia-se um novo ritual, *O estouro da panela grande.*

O Pai pequeno traz uma outra panela de ferro fundido, maior, com cerca de uns 50 cm de diâmetro, também com três pés e duas alças e a coloca no fogo, deixando-a até que fique incandescente.

Enquanto isso, o sacerdote está preparando uma peteca de pólvora maior, mas contendo os mesmos ingredientes das usadas nas panelas menores. Então, a peteca é passada nas mãos de todos os presentes e colocada na panela incandescente. O estouro desta foi bem maior que o da outra, a sensação é que tudo ia cair, o chão tremeu, o coração disparou, a respiração ficou mais ofegante; o clima de alívio, quando o último estouro foi dado, era quase que generalizado.

---

[78] Pequenas trouxinhas feitas de jornal, onde são colocado no seu interior pólvora, azougue ou alpiste.

[79] Esta palavra, no terreiro do São Domingos, significa reza. Segundo depoimento do sacerdote, cada Exu tem um angorosi específico e tem que se conhecer bem Exu para não rezar o angorosi errado.

[80] Durante a cerimônia, fiquei numa distância de três metros de onde estavam as panelas.

O sacerdote disse e repetiu inúmeras vezes que ninguém deve realizar esse ritual em suas casas, muito menos na presença de crianças e pessoas idosas ou com dificuldades de locomoção.

Os adeptos estavam radiantes, pois para os demais do terreiro, isso é prova da coragem e da força do Exu da pessoa. Agora, sim, eles faziam parte do terreiro, pois seus Exus já estavam confirmados.

Quando pensei que já tinha terminado a cerimônia, o sacerdote pede ao pai pequeno que pegue o azeite de dendê e coloque na panela grande incandescente. O cheiro ficou quase insuportável. Além do cheiro de ferro queimado e de madeira, agora mais um cheiro tomou conta do ambiente, o cheiro de dendê queimando. Um cheiro muito forte que vai entrando pelas vias respiratórias e queimando, lágrimas começam a rolar dos olhos da maioria das pessoas, uma tosse seca incontrolável, formando um verdadeiro coral. O sacerdote, então, disse: “Que tínhamos que ser firmes, se nós estávamos pensando que aquilo era brincadeira estávamos tremendamente enganados, agora sim vocês vão ver o que é o estouro de panela, é pra quem tem fé e firmeza no santo”[81]. Quanto mais aquecia, mais o cheiro ficava insuportável, foi então que o sacerdote mandou pegar uma garrafa de aguardente e colocar num copo.

Primeiro chamou o pai pequeno. Disse para ele pedir coisas boas, encher a boca com a aguardente e cuspir dentro da panela com o dendê quase que em ebulição. A reação é uma mistura de explosão com fogo, algo impressionante aos olhos, uma verdadeira prova de coragem. E assim, sucessivamente, um a um das pessoas que estavam presentes, inclusive eu, teve que passar pelo ritual.

Quando o sacerdote disse me que eu devia fazer também, um misto de medo e desafio tomou conta de meu corpo, mas já que estava lá e ele me garantiu que poderia fazer sem problemas, mesmo não fazendo parte do terreiro, por me considerar um amigo. Após ter feito, ele me disse que Exu recebeu com bons olhos a cerimônia e que ia me abençoar.

Deixaram a panela esfriar por mais de 40 minutos e, mesmo assim, ela ainda continuava super aquecida. Eles retiraram do corredor e a levaram ao quarto de Exu.

---

[81] L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 14/04/2006.

Depois, todos se dispersaram, uns foram embora para depois retornarem as 20:00 horas para a gira de Exu, outros ficaram por ali em pequenos grupos conversando sobre o ritual, sobre a potência do estouro de um e sobre a altura das chamas do outro.

Como podemos verificar, desde uma simples Gira dos Orixás até o Estouro de Panelas, todos esses rituais e cerimônias têm seu valor simbólico incontestável dentro da Umbanda. Os rituais e as cerimônias são bem menos sofisticados do que os do Candomblé, mas o valor para o adepto e para a sociedade religiosa é o mesmo.

Local onde são depositadas as panelas depois da cerimônia[82]

Tanto na Umbanda quanto no Candomblé existem períodos que podemos denominá-los de fases de aproximação com o sagrado e com o grupo já constituído, que podem ser divididas da seguinte forma:

Primeira: Quando um adepto vem pela primeira vez ao terreiro e uma entidade ou o próprio sacerdote diz que ele tem que cuidar mais da sua vida

[82] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

espiritual, que enquanto ele não cuidar dessa parte a sua vida não vai pra frente e seus sonhos não se realizarão.

Segunda: Quando o adepto acatou os conselhos do sacerdote e aceita freqüentar o terreiro.

Terceira: O dia do Jogo de Búzios. Quando o adepto consegue sua vinculação com o orixá, o momento em que lhe é falado a qual orixá ele pertence.

Quarta: A apresentação do adepto aos outros membros do terreiro, momento crucial na vida religiosa de um adepto: o momento da aceitação ou não pelo grupo.

Quinta: O Batismo, primeira condecoração, dando-lhe um certo reconhecimento e acolhimento dentro do grupo.

Sexta: O Camarim representa a separação do grupo, uma forma de realizar as cerimônias iniciáticas e se aprofundar mais no sagrado e nos segredos.

Sétima: O Levante de Camarim, momento de retorno ao grupo, agora sendo parte legítima deste.

Oitava: O Batismo de Exu, reconhecimento e aceitação da sua nova condição dentro do terreiro.

Nona: O Estouro de Panela, momento no qual o adepto põe-se a prova perante todo o terreiro, prova de fé e de coragem.

Décima: Os Preceitos, forma do adepto reafirmar todo o seu processo ritual desde sua entrada.

Décima Primeira: O Deka, momento em que o adepto prova, perante o grupo religioso, que ele conseguiu superar todas as barreiras iniciáticas e que, a partir deste momento, merece ser respeitado e reverenciado pelos adeptos mais novos.

Como podemos verificar cada ritual ou cerimônia, por mais simples que seja, faz parte de um grande círculo ritualístico e cerimonial, ao qual as religiões iniciáticas possuem. Esse processo, como acabamos de verificar, não é estático. Quando um adepto está terminando seus ritos iniciáticos, outros estão iniciando. Essa busca pelo sagrado permite a sobrevivência das religiões, seja ela branca, parda ou negra, católica, espírita ou umbandista.

A necessidade de preservar o sagrado leva muitas religiões a escrevem seus ritos, formatarem e uniformizarem suas cerimônias. No caso do Terreiro do São Domingos, como na maioria das religiões de matrizes africanas, infelizmente isso não aconteceu na sua totalidade, mas graças a algumas atitudes de Pai Benê parte destes rituais foi escrita, obviamente com alguns ganhos e algumas perdas substanciais, mas isso faz parte da passagem da oralidade para escrita.

Como podemos notar o Terreiro do São Domingos, apesar de todos os atropelos que teve que enfrentar desde a sua constituição, ainda com D. Antonieta no comandando sozinha, teve uma reviravolta com a chegada de Pai Benê, através das inovações por ele trazidas, fazendo com que cada vez mais e mais adeptos viessem a fazer parte do terreiro, tornando-o referência na região, com suas festas suntuosas e suas vestimentas luxuosas. Discutiremos no próximo capítulo a questão da oralidade dentro das religiões africanas, as vestimentas e os personagens que fazem parte desta religião.

PARTE II - Os ajustes entre tradição e inovação

Capítulo III – Oralidade, vestes e personagens

Neste capitulo discutiremos a importância da oralidade para as religiões africanas, trazendo algumas considerações sobre o assunto e os efeitos causados pela passagem da oralidade para escrita em nosso objeto de estudo. Em seguida trataremos das vestimentas ritualísticas, suas funções e representações, dentro das religiões de matrizes africanas, em específico na Umbanda. Finalmente, no último item, trabalharemos a teatralização existente nos ritos e nas cerimônias umbandista, bem como a construção dos seus personagens dentro deste universo religioso.

3.1 – Da oralidade à escrita

Como sinalizado no capítulo anterior, antes da chegada de Pai Benê no Terreiro do São Domingos, o mesmo não possuía uma estrutura ritual organizada. Toda a estruturação e organização do Terreiro nasceu após a sua chegada, fazendo com que, aos poucos, ele fosse se institucionalizando. O caminho que escolhemos para reconstruir esse período foi a história oral, pois mesmo com a institucionalização do Terreiro, muitos documentos foram perdidos, outros roubados e muitos fatos deixaram de ser registrados no Livro de Ata.

Nas religiões africanas e afros-descendentes, que se dedicam ao culto dos orixás, a oralidade está presente desde os primórdios de sua constituição, devido à não utilização da escrita. Tudo era passado aos adeptos oralmente. Adekoya relata que no caso dos Yoruba .

> A visão Cosmogônica dos Yoruba concebe o Universo, tendo como premissa epistemológica as ações e as relações entre os fenômenos, como um constante processo dialético de equilíbrio e desequilíbrio, provocado pelas forças contidas em tais fenômenos. Dessa maneira, a tradição oral Yoruba compreende o Universo como um complexo de forças que se defrontam, se opondo ou se neutrazilando. O equilíbrio atingido na configuração dos sistemas não implica em harmonia estática e estruturada, mas é sempre um

> equilíbrio instável, dirigido por princípios dinâmicos e estruturantes. A reconstrução do fenômeno sagrado baseia-se na dialética entre a cultura e as tradições orais, que operam no interior da sociedade, no contexto social, situacional e histórico.[1]

E complementa:

> Se, na concepção da Balandier (1955), as tradições históricas de representações na religião de um povo são as formas de linguagem herdadas do passado, na interpretação de R. Bastide, as tradições não são apenas sistemas de pensamentos e de gestos, mas consistem em estruturas onde se operam as relações sociais (cf. Bastide, 1970). Observemos que, na sociedade Yoruba, o conhecimento de Ifa compreende o passado, o presente e todos os tempos. Embora o culto de Ifa seja semi-secreto, existem alguns ritos de Ifa abertos ao público. Mas, ainda assim, os conhecimentos dos Odu-Ifa, usados na divinação, são secretos e vedados ao conhecimento dos não-iniciados, dado seu extremo valor sagrado.
>
> A verdade é que Ifa ocupa lugar central na religião dos Yoruba, bem como em sua estrutura religiosa e ordem hierárquica. É ele quem fornece as referências da memória coletiva. [2]

Conclui que: “Portanto, não se deve tentar compreender as ações e práticas do Babalawo como consciência coletiva, mas como um sistema de interpretações das experiências individuais.[3]

No entanto, na Umbanda, apesar de ser uma religião ainda jovem, quando comparada a religião de tradição Ioruba, por exemplo, não foi diferente, pois até hoje, em alguns terreiros, ouve-se muito falar a frase: “Isso é fundamento!”, ou ainda: “Você não está preparado para saber este ou aquele segredo”. Foi com essas atitudes que muitos terreiros agiram durante anos. Esses ditos fundamentos[4] foram sendo passados de pai para filho ao longo dos anos e tais segredos não podiam ser escritos e nem sequer comentados com outras pessoas que não fizessem parte do

---

[1] Olumuyiwa Anthony ADEKOYA, *Yoruba,* p.75-76.
[2] *Ibid.,* p. 76.
[3] *Ibid*., p. 77.
[4] A palavra fundamento, na Umbanda, é entendida como sendo os mandamentos, os segredos que são transmitidos aos adeptos. Consiste em um conjunto de procedimentos ritualísticos que poden ser desde a escolha adequada da cor de uma vela até os ritos de iniciação e, principalmente as defesas do terreiro contra as demandas de outros terreiros. O sacerdote do terreiro é o detentor destes segredos, que vão sendo transmitidos no decorrer do tempo aos adeptos.

seu terreiro. Algumas federações[5], no passado, tentaram uniformizar os rituais umbandistas, mas sem muito sucesso. Esse feito não possível justamente por causa desses comportamentos de fidelidade dos dirigentes e dos adeptos ao próprio terreiro, que não permitiram que fossem escritas as cantigas e nem tão pouco fotografados ou filmados os rituais.

A busca pela história desses terreiros não poderia ser feita de outra forma, senão pela história oral, devido à falta de uma escritura sagrada que descrevesse o ritual ou de registros das cerimônias e dos rituais realizados. Nas culturas orais, a palavra tem valor, por isso o que é dito tem axé, o que é cantando tem axé, a forma como um instrumento é tocado tem axé, desde que feito como foi passado pelos sacerdotes mais velhos. Adekoya contempla o tema, em um de seus trabalhos, da seguinte forma:

> As palavras mobilizam e promovem o encontro dos homens com o sagrado, além do que, agem como construtores da personalidade e como manifestação das forças vitais.
>
> Neste sentido, existe objetividade presente nas palavras para cada elemento da natureza, o qual pode ser dominado e socializado. Também os instrumentos - os atabaques sacralizados e divinizados – são preparados para esta finalidade religiosa. Assim, os instrumentos descarnados são elementos que falam[6].

Adekoya[7], neste trabalho e em outras contribuições, faz uma comparação entre a concepção cosmogônica dos Yorubas da África e os Yorubas do Brasil, afirmando que, para os primeiros, a palavra é sinônimo de conhecimento, resultado de fatores sociais envolvidos na concretização histórica e cultural. O autor toma como parâmetro de análise os terreiros de candomblé, não se referindo, em momento algum, aos terreiros de Umbanda. Porém, pudemos verificar que, nas pesquisas de campo, também na Umbanda a palavra tem sua força, o seu axé, tanto ritualístico como mítico.

---

[5] A primeira Federação surgiu no Rio de Janeiro em 1939, denominada União Espírita de Umbanda do Brasil, num momento marcado pela intensa atividade organizativa. Estes órgãos serviam como veículo facilitador nos registros dos templos junto aos cartórios, em meados das décadas de 39 e 40.
[6] Olumuyia Anthony ADEKOYA, *Yoruba,* p.151.
[7] Cf. *Ibid..*

Os terreiros de Umbanda não são considerados, exemplos ou modelos de tradição e, tão pouco, de hierarquia, pois a Umbanda e mutável e está sempre num intenso processo de assimilação. Sobre isso, Prandi comenta:

> ... a Umbanda não conta com preceitos rituais ou doutrinais que sejam capazes de controlar o grau de liberdade de expressão do individuo, expressões individualizadas. Esta forma de expressar-se na Umbanda conta com um inesgotável universo de entidades que podem se manifestar no transe ritual[8]

E complementa:

> ... esta religião, apesar de sacerdotal, em que todos participam como oficiantes, não está, contudo, assentada numa hierarquia de senioridade iniciática na qual os adeptos possam se encaixar e se mover, tanto em termos de papéis específicos dentro do grupo de culto, como em termos de representação simbólica de papéis sociais. Na Umbanda todo mundo é igual, ela é até mesmo vista como de uma religião democrática.[9]

Tal fato pode até ocorrer em alguns terreiros, mas existe uma parcela substancial que conserva os seus rituais básicos, que foram transmitidos pelos sacerdotes antigos, que não admitem mudanças em alguns de seus rituais.

O terreiro por nós estudado faz parte destes que não mudaram a essência de seus rituais. Segundo o sacerdote atual, ele não permite mudança nos rituais, principalmente nos de iniciação e afirma: “Eu sigo os ensinamentos deixados pelo meu Pai de Santo, não mudei nada nos rituais de iniciação, alguns comportamentos meus eu mudei, mas nada em relação as obrigações e enquanto eu estiver aqui será desta forma”[10].

No entanto, segundo ele, não tem nada escrito em relação às obrigações iniciáticas, somente algumas preces e saudações foram escritas. Com isso, alguns segredos destas cerimônias e suas experiências religiosas se perderão quando ele falecer.

---

[8] Reginaldo PRANDI, *Os Candomblés de São Paulo,* p. 88.
[9] *Ibid*., p. 88.
[10] L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 14/04/2005.

A passagem da oralidade para escrita traz muitos ganhos para os estudos das religiões, mas também algumas perdas. Essa passagem tem como ganho:

- manutenção da tradição;

- evolução;

- construção de uma história;

- feitura da memória.

Mas também traz consigo algumas perdas substanciais como:

- alteração das letras de algumas cantigas;

- inversão ou imposição de valores;

- revelação dos segredos do terreiro;

- invenção de histórias não verdadeiras.

Como podemos constatar a passagem da oralidade para escrita realmente traz perdas e ganhos. Podemos ganhar ou perder com o uso da oralidade religiosa devido aos tabus e às proibições que a grande maioria das religiões apresentam em relação às pessoas que não fazem parte daquela comunidade religiosa, pois, além de toda a função representativa das palavras, existe a dimensão sagrada. Ong nos relata de forma esclarecedora a importância da oralidade no mundo das religiões:

> A força interiorizadora do mundo oral tem uma ligação especial com o sagrado, com as preocupações fundamentais da existência. Na maioria das religiões, a palavra exerce uma função fundamental na vida cerimonial e devota. Eventualmente, nas religiões mundiais mais abrangentes, produzem-se textos sagrados nos quais o sentido do sagrado está ligado igualmente à palavra escrita. No entanto, uma tradição religiosa apoiada em textos pode continuar a legitimar a primazia do oral de muitas maneiras[11].

Mesmo nas religiões que possuíam escrita, a oralidade continua sendo utilizada de alguma forma. Ong cita o exemplo da leitura do evangelho durante as missas católicas. Segundo ele, a mentalidade oral do texto bíblico é espantosa, pois sempre se pensa em Deus *falando* a seres humanos, não escrevendo para eles.[12]

---

[11] Walter ONG, *Oralidade e Cultura Escrita,* p. 88.

[12] Esta afirmação nos faz refletir sobre algumas teorias que, de certa forma, discriminam as religiões africanas, afro-descendentes e a Umbanda por não possuírem uma escritura sagrada.

A Umbanda poderia ter criado uma escritura sagrada, pois, como já dissemos acima, ela surgiu nas cidades, em meio ao processo de industrialização, onde alguns de seus adeptos já possuíam a escrita e, nas federações, havia pessoas com formação acadêmica que poderiam facilmente ter colocado no papel tudo o que eles quisessem, como regras, tabus, mandamentos, mitos, etc. Mas, por outro lado, não teriam em suas escrituras o cheiro da defumação, o som dos atabaques, o sorriso maroto dos Eres[13], nem tão pouco os gritos de guerra dos caboclos, quando incorporadas. Teriam que ficar presos a um papel e não poderiam mais inovar, assimilar, criar e se ajustar, aspectos que dão a especificidade da Umbanda.

Pai Benê não criou uma escritura sagrada, mas começou a distribuir, no início das sessões, as rezas e as saudações que seriam feitas no decorrer da abertura, para que os freqüentadores e os consulentes pudessem acompanhar, como é feito nas missas católicas. Também transformou o Deka em um certificado impresso com o logotipo do terreiro, dando a habilitação ao adepto. Este fato fez com que aumentasse consideravelmente a quantidade de adeptos na época, pois ele era o único terreiro da região que entregava o Deká. [14]

A entrega do Deka tornou-se extremamente importante na região, pois materializou toda a força e respeito espiritual. Tornou-se um documento palpável. Além de falar que pertenciam ao Terreiro do São Domingos os adeptos, após passarem por todo o processo iniciático, poderiam comprovar tal situação mostrando o certificado.

---

[13] Espíritos de crianças pertencente à Linha de Ibeji – São Cosme e Damião na Umbanda. Eles geralmente baixam em seus cavalos, brincam como crianças, falam errado e adoram doces. São os protetores das crianças. Suas festividades são, em alguns terreiros, realizadas no dia das crianças, quando são oferecidos muitos doces e geralmente são convidadas as crianças de toda a comunidade.

[14] Ver Anexos.

Pai Benê entregando Deka a uma adepta[15]

Outra inovação que Pai Benê trouxe para o terreiro foi a presença das vestimentas suntuosas e coloridas nos rituais. No próximo item veremos as funções e as representações das vestimentas ritualísticas dentro da Umbanda e no Terreiro do São Domingos e as cores que são utilizadas para cada orixá.

3.2 - As vestes, suas representações e suas funções

As vestes sempre tiveram uma grande representação simbólica seja para demonstrar ou diferenciar o poder econômico, o poder ritualístico, o gênero, seja como uma forma de proteção, desde as sociedades primitivas até a contemporaneidade. O primeiro material utilizado para confecção de vestimentas foi a pele animal, conforme descreve Laver:

[15] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

> Os animais foram mais afortunados, e o homem primitivo logo percebeu que podia caçá-los e abatê-los não só pela carne, mas também por suas peles. O uso de peles apresentava dois problemas. Meramente colocada nos ombros a pele de um animal não só tolhia seus movimentos como deixava exposta parte do corpo.[16]

Vários outros materiais também foram utilizados para a confecção de vestimentas, tais como fibras animais e vegetais, a princípio trabalhadas de maneira rudimentar, foram evoluindo com o passar dos tempos, chegando às pequenas tecelagens manuais para confecção de tecidos.[17]

As vestimentas possuem até os dias de hoje várias funções. Através delas, após um olhar rápido, podemos perceber o motivo pelo qual a pessoa está trajando uma determinada cor ou um determinado modelo. Sobre isso, Souza nos relata a função e a importância das cores nas vestimentas:

> A utilização da cor visa certos fins que podemos classificar:
>
> 1- Aumentar ou diminuir o peso aparente e o tamanho de uma região, as cores escuras tendendo a aumentar o primeiro e reduzir o segundo, as claras produzindo o efeito contrário.
>
> 2- Tornar uma região mais evidente através de tons escuros e superfícies opacas.
>
> 3- Afetar o tom emocional da vestimenta toda, pois que as cores têm um significado simbólico e podem atrair, repelir, ou esposar os nossos sentimentos.
>
> 4- Conduzir o olhar numa determinada direção por meio de ângulos coloridos, enfeites angulares, etc.
>
> 5- Produzir ilusão de ótica, as linhas verticais aumentando a altura, as horizontais, a largura.
>
> O tecido, por sua vez, encontra-se em relação íntima com a cor e pode, conforme a consistência, a disposição das fibras, o processo por que foi tratado, afetar a luminosidade do colorido, avivar o tom pelo brilho ou reduzi-lo pela opacidade. Alguns possuem, mesmo, um alto grau de resplendor, como o cetim.[18]

---

[16] James LAVER, *A Roupa e a Moda,* p. 9-10.

[17] Um maior aprofundamento sobre a história da roupa pode ser encontrado na obra de James LAVER, *A Roupa e a Moda:* Uma história concisa. A obra relata todo processo de criação da vestimenta, passando pelos grandes estágios evolutivos e as formas de desenvolvimento do vestuário desde os Homo sapiens até a década de 80.

[18] Gilda Rocha de Melo e SOUZA, *A moda do século XIX*, p. 43.

Após essa pequena introdução sobre a construção e a evolução da vestimenta, retomamos o nosso enfoque que, neste item, são as vestimentas ritualísticas do Terreiro do São Domingos. Pai Benê conseguiu a fama de *Luxar o Santo.* Em quase todas as entrevistas, quando pedido para que os entrevistados falassem sobre as vestimentas, esta fala era unânime, conforme segue:

> O pessoal fala muito que ele luxava no Santo, isso é uma verdade?
>
> Luxar no Santo, fazia mesmo. Isso é uma verdade. Eu nunca vi nenhum pai de santo, nenhuma mãe de santo, luxar tanto pro santo. Cada preceito que ele fazia, ele fazia uma roupa diferente.
>
> E as roupas...
>
> As roupas, era tudo ele que fazia, confeccionava.
>
> E era tudo artigos...
>
> Tudo artigo de primeiríssima qualidade, a base de paetês, de plumas, de veludos, e essas roupas caríssimas, brocados, cê não via ele com uma roupinha simples, a não ser gira normal, né? Roupa branca ou roupa preta e branca.[19]

Pai Benê trajado para um Levante de Camarim[20]

[19] L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 14/04/2005.
[20] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

A partir destas colocações, resolvemos pesquisar o sentido do luxo no sagrado. Encontramos na obra de Gilles e Roux a seguinte explicação:

> No começo era o "espírito". Sem dúvida, causará um pouco de surpresa encontrar semelhante proposição "espiritualista" como abertura de uma reflexão cujo objeto é comumente associado a um maior materialismo. No entanto, é a uma conclusão assim que convida a história primitiva do luxo. De fato, é preciso desdizer essa concepção errônea que imagina os homens de antes do neolítico como seres destinados a uma condição miserável, acossados pelo medo de morrer de fome e de frio, consagrando a totalidade de seu tempo à busca de um alimento raro. A antropologia forneceu uma forte refutação a essa idéia de economia de penúria primitiva. Estamos no direito de pensar que o luxo – ou mais exatamente, uma forma de luxo - realmente existiu antes da domesticação das plantas e dos animais, antes da aquisição das "artes da civilização" (tecelagem, olaria, metalurgia), antes das grandes realezas cercadas de opulências e de esplendores. A humanidade não passou da pobreza de todos à riqueza esmagadora de alguns, sendo o enfeite e a festa, a largueza e o desperdício fenômenos universalmente presentes na vida das sociedades humanas, mesmo nas menos desenvolvidas tecnologicamente. O luxo nasceu antes que tivesse início o que constitui, propriamente falando, a história do luxo.[21]

Complementam de forma esclarecedora que:

> O luxo não começou com a fabricação de bens de preço elevado, mas com o espírito de dispêndio: este precedeu o entesouramento das coisas raras. Antes de ser uma marca da civilização material, o luxo foi um fenômeno de cultura, uma atitude mental que se pode tomar por uma característica do humano – social afirmando seu poder de transcendência, sua não-animalidade.[22]

Gilles e Roux entendem o *surgimento* do luxo na seguinte perspectiva:

> O luxo não nasceu mecanicamente de um excedente de riquezas e de progressos tecnológicos na fabricação de objetos; demandou um modo de pensamento típico religioso, um cosmo metafísico e mágico. Maneira de atrair para os homens proteção e benevolência das forças espirituais, a prodigalidade arcaica explica-se bem mais pela concepção religiosa dos espíritos do que pelo estado das forças produtivas. Foi preciso a divisão das realidades visíveis e dos poderes invisíveis, os sistemas de pensamento mágico para que fossem institucionalizadas as trocas dispendiosas assim como os bens preciosos desprovidos de utilidade prática. Luxo selvagem: não

[21] Gilles LIPOVETSKY; Elyette ROUX, *O Luxo Eterno,* p. 20-21.
[22] *Ibid*., p. 22.

> "parte maldita", mas parte prometida na troca recíproca entre os homens e as potências sobre humanas. A liberdade primitiva traduz mais um sistema de crenças espirituais que um estado de riquezas. É preciso supor a religião como uma das condições da emergência do luxo primeiro. [23]

Acreditamos que Pai Benê não tinha conhecimento acadêmico sobre estes fatos brilhantemente descritos por Gilles e Roux, mas o fato é que ele optou pela mesma postura de luxo e de ostentação nas suas vestimentas ritualísticas e nas dos seus adeptos, as quais passaremos a descrevê-las.

As vestimentas são variadas de acordo com a gira[24] que é realizada. As vestimentas das mulheres são de diversos estilos, umas usam saias e blusas, outras vestidos e outras, ainda, túnicas.

As saias e as blusas não, necessariamente, são do mesmo tecido, podendo variar de acordo com o gosto da pessoa e do seu orixá, mas geralmente são feitas de renda. As mulheres mais graduadas usam saiotes[25] embaixo das saias, para que a mesma fique armada. As mais novas, geralmente, usam somente um saiote como forro, não armando a saia.

Os vestidos são todos longos, uns mais rodados, outros menos. As cores e os tipos dos tecidos variam de pessoa para pessoa, de grau hierárquico dentro do templo e também estão relacionados ao fator econômico. As mulheres que podem gastar um pouco mais geralmente confeccionam vestidos de brocado ou de lese, as demais utilizam renda colorida, cetim e tecidos de algodão.

As túnicas que as mulheres vestem são geralmente apenas de uma cor. Trata-se de um pedaço de pano dobrado com costuras na lateral, deixando espaço somente para os braços e para o pescoço. Algumas colocam umas pequenas fitas costuradas sobre o tecido para enfeitar, que também podem ser de diversas cores. As roupas dão divididas da seguinte forma: roupas comuns, roupas de festas e roupas de saída de Camarim. As roupas de saída de Camarim são suntuosas e muito luxuosas, geralmente feitas de brocados, seda, cetim, tudo com muito luxo na

---

[23] Gilles LIPOVETSKY; Elyette ROUX, *O Luxo Eterno:* da idade do sagrado ao tempo das Marcas, p. 26-27.

[24] Nome dado aos rituais de incorporação no terreiro.

[25] Sra. C. G., depoimento concedido ao autor, diário de campo, Americana, 18/11/2005: "Na época do Pai Benê, as Mães de Santo iam aumentando o número de saiotes de acordo com o número de preceitos, por exemplo, um camarim feito implica na realização de mais um preceito o que permitia usar dois saiotes, assim sucessivamente até completar os sete saiotes".

coloração de cada orixá. Outro adereço utilizado pelas mulheres é o lenço de cabeça, que geralmente acompanha a cor da roupa.

Os homens não utilizam nenhum adereço na cabeça. As roupas masculinas são mais simples. Geralmente os homens vestem roupas brancas (calça e camisa), pouquíssimos usam túnicas compridas e, quando o fazem geralmente são brancas. Alguns mesclam calça branca com camisas de outra coloração. Nas saídas de camarim, quando estes estão fazendo parte da cerimônia e o santo de cabeça for mulher, eles saem com vestidos longos, como os das mulheres.

Tanto os homens quanto as mulheres têm uma pequena toalha de pano branco, alguns com os pontos[26] simbólicos bordados, representando seu orixá, no caso dos mais graduados. Os demais usam toalha totalmente branca. Esta toalha é usada no início da cerimônia para cobrir a cabeça e também para saudar os adeptos na hora do cumprimento, no início da sessão.

A coloração da roupa é outro fator importante dentro do ritual do terreiro, pois cada cor está vinculada a um determinado orixá. Além da diferenciação pelas cores nas vestimentas existe a divisão por gênero, cargo, hierarquia e pela quantidade de cerimônias no terreiro. Dentre as cores, a mais usada é a branca. Todos os adeptos, sem exceção, possuem no seu armário de vestes ritualísticas uma ou várias peças brancas. Abaixo apresentamos as cores das roupas e o seu orixá correspondente:

[26] Nome dado aos desenhos que são bordados nas toalhas e no chão que representam um guia ou um orixá.

COR	ORIXÁ CORRESPONDENTE	ORIXÁ QUE ACEITA TAMBÉM
BRANCA	OXALÁ	IBEJI, IEMANJÁ, OXUM, OXUMARÉ, OXOSSI, OSSAIN, OGUM, OBALUAÊ, NANÃ, XANGÔ, IANSÃ, PRETOS VELHOS,
AZUL CLARO	IBEJI, IEMANJÁ	
AZUL ROYAL	OXUM	
AZUL ESCURO	OXUMARÉ	
VERDE	OXOSSI, OSSAIN	
VERMELHO	OGUM	
PALHA	OBALUAÊ	
ROXO	NANÃ	
LILÁS	NANÃ	
ROSA	IBEJI	
MARRON	XANGÔ	
AMARELO OURO	IANSÃ	OXUM OPARÁ
PRETO E BRANCO	PRETOS VELHOS	
PRETO E VERMELHO	EXU E POMBA GIRA	
AMARELO GEMA	OBALUAÊ	

Diferentemente dos Candomblés, que possuem símbolos visíveis de hierarquia, como os panos da Costa, os turbantes, os fios de contas[27], as pulseiras, na Umbanda e especificamente o Terreiro do São Domingos, por sua vez, é mais difícil, para um leigo, descobrir somente pelas vestimentas e apetrechos, qual grau possui o adepto dentro do terreiro.

Lody esclarece a importância do pano-da-Costa dentro dos Candomblés:

[27] Colares feitos de miçanga, sementes, dentes, pedras, cristal, geralmente utilizam-se da mesma coloração das roupas pertencente ao orixá.

> Presença e distintivo do posicionamento feminino nas comunidades religiosas afro-brasileiras, o pano-da-Costa não é apenas um complemento da indumentária da negra; é a marca do sentido profano ou religioso nas ações da mulher como iniciada ou dirigente dos terreiros.
>
> É evidente a marca e força femininas nas roças de candomblé sendo através de atitudes, procedimentos e maneiras de trajar que o poder da mulher é fixado, mantendo os valores dos fundamentos religiosos e sociais, norteadores da perpetuação do axé (força mágica), base e pilar dos centros religiosos implantados pelos negros, em especial os "Yorubas".
>
> Presente como peça indispensável no traje da negra baiana, o pano-da-Costa pode significar "status" social nas comunidades religiosas dos terreiros de Candomblé. O uso do pano-da-Costa também serve para apresentar o traje profano da baiana, focalizando, inclusive, tipos de atividades econômicas ou de agremiações.[28]

Lody complementa:

> No entanto, os colares, brincos, "ides" (pulseiras), turbantes e os panos-da-Costa não podem faltar.
>
> Esses distintivos servem para fixar os elementos de maior significação nos trajes, representados nas cores dos fios-de-contas dos "Orixás", bem como mostrando seus domínios e campos de ação. Pode-se observar, nos metais variados dos "Idés" e brincos, a presença dos mitos "Iansã" pelo cobre, "Ogum" pelo ferro, "Iemanjá" pelo alumínio ou "Oxum"pelo latão.
>
> Os turbantes possuem carga de importância para identificar a pessoa que o porta, mostrando a presença dos "Orixás". Exemplo: se a pessoa é dedicada às "Iabás"(divindades femininas), os turbantes possuem as pontas à mostra, sendo mais farta a quantidade de tecido. Sendo a pessoa dedicada aos "Aboros" (divindades masculinas), os turbantes são mais enrolados na cabeça não aparecendo as pontas.[29]

Como podemos observar através das considerações de Lody, nos Candomblés os símbolos representativos hierárquicos são bem mais aparentes do que na Umbanda.

A hierarquia nos terreiros de Umbanda varia de um terreiro para outro, bem como os seus trajes, mas prevalece, na sua grande maioria, o uso das roupas brancas em quase todas as giras. Uma das formas de identificar a hierarquia pode ser pela localização do indivíduo dentro do espaço do sagrado.[30]

---

[28] Raul LODY, *O Povo de Santo,* p. 222.
[29] *Ibid.*, p. 222-223.
[30] Geralmente o sacerdote e a sacerdotisa ficam em frente ao Peji (altar central do terreiro, local onde são colocadas as imagens dos orixás e dos guias). A pessoa que vem logo em seguida ao seu lado é o Pai ou Mãe Pequena, que pode ficar também na chamada "porteira" (entrada para o espaço

Apesar da diferença nítida dos trajes de alguns terreiros de Umbanda com os de Candomblés, é sempre possível conhecer o sacerdote, pois este sempre se apresenta com alguma diferenciação nos seus trajes ou na quantidade de seus fios de contas.

Em um dos depoimentos colhidos durante a pesquisa de campo, quando se questionou a sacerdotisa, Mãe Ditinha, como perceber se um terreiro é de Umbanda somente ou é cruzado[31] com o Candomblé, ela respondeu cantando o seguinte:

> A Umbanda quando é banda tem um cheiro de guiné...
> A Umbanda quando é banda tem um cheiro de guiné...
> Corre e gira corre e gira meu Jesus de Nazaré.... [32]

Então, ela foi questionada sobre as vestimentas:

> Como posso distinguir as de Umbanda com as do Candomblé?
>
> Que o povo da Umbanda, é da Umbanda Tem seu cheiro, sua ginga, seus rituais, num dá para misturar e nem pra confundir. O povo de Candomblé é bem diferente: falam diferente, cantam diferente, dançam diferente, e quem tem que ser da Umbanda nasce com a sina pra isso e ninguém muda. Por isso que a gente canta assim:
>
> *"E mamãe ee*
> *E mamãe aa*
> *Chambura pemba que eu quero ver*
> *Filho de pemba não tem querer*
> *Chambura pemba que eu quero ver*
> *Filho de pemba não tem querer".*

---

sagrado). Alguns terreiros dividem os adeptos graduados dos não graduados em círculos: o círculo de dentro é reservado aos mais graduados e o círculo de fora aos menos graduados. Há terreiros, como nosso objeto de estudo, que deixam cadeiras e almofadas aos mais graduados e os adeptos que não possuem nenhuma graduação ficam em pé ou sentam-se no chão. No Terreiro do São Domingos também existe a divisão por gênero: os homens ficam no lado direito do altar e as mulheres no lado esquerdo; esta divisão serve também para os consulentes.

[31] Maneira utilizada dentro dos terreiros de Umbanda para designar outros terreiros em nos quais os sacerdotes passaram por iniciação também no Candomblé

[32] B. A., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 19/02/2005. Benedita foi sacerdotisa do Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro em Americana, São Paulo, freqüentou o Terreiro do São Domingos, mas não passou pelo processo iniciático.

> Quem tiver que ser da Umbanda será! Quer queira, quer não queira, pois não adianta nada ele ir pra lá se os seus guias, dele, são daqui e vice e versa. Não dá liga.[33]

Com essas declarações, pudemos notar que os trajes ritualísticos e algumas divindades são para Umbanda, assim como para o Candomblé, um dos símbolos da religião. No Terreiro do São Domingos, como não poderia ser diferente, existem vários tipos de roupas que são utilizadas na mais diversas cerimônias, como já dito acima:

- Os trajes comuns, que são utilizados nas giras, sem nenhuma comemoração específica,
- Os trajes das festividades, que são utilizados nas festas, que ocorrem durante o ano,
- Os trajes da saída de camarim, que são utilizados somente no dia do Levante do Camarim.

Traje usado em cerimônias comuns no Terreiro do São Domingos[34]

[33] B. A., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 19/02/2005.
[34] Foto pertencente ao acervo particular da Sra. Clélia Gomes.

Com os trajes comuns dificilmente o leigo descobre a qual orixá o adepto pertence. Com os trajes das festividades e principalmente os trajes de saída do camarim fica bem mais clara sua vinculação a um determinado orixá.

Trajes usados em dia de festividades no Terreiro do São Domingos[35]

Trajes usados nas cerimônias de Levante de Camarim[36]

[35] Foto pertencente ao acervo particular da Sra. Clélia Gomes.
[36] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

No caso dos trajes de festas, o reconhecimento se dá pelas cores das roupas. Quando for festa de Oxossi, por exemplo, seus filhos estão trajando a cor verde. Por outro lado, nos trajes de saída de camarim, usando o mesmo orixá como exemplo, ele está, quando for do sexo masculino, usando somente uma sunga e um cocar de penas, que pode ser colorida ou de uma cor somente.

Vale ressaltar que, no caso do Terreiro do São Domingos, toda essa padronização nas vestimentas foi introduzida por Pai Benê, que, inclusive, introduziu as outras cores além do branco. Antes os adeptos que usavam somente o branco passaram a usar as cores correspondentes aos seus orixás e as mulheres passaram a usar armação nas saias, aumentando, assim, o volume das mesmas.

O luxo nas roupas de saída de obrigação também foi outro diferencial. As adeptas saiam das cerimônias maquiadas, com as unhas pintadas, cabelos arrumados, algumas dançavam como se estivessem dançando balé clássico, sem falar nas representações faciais, trazendo um certo glamour nos levantes do camarim, transformando-os em verdadeiros espetáculos visuais.

3.3 - O espetáculo das giras na Umbanda

Em cada gira dos terreiros de Umbanda é como se fosse encenada uma peça teatral, um espetáculo novo cada dia, nada de mesmice. Não são realizados ensaios e os guias têm autonomia e podem transitar tranqüilamente de uma linha para outra, tornando as giras um espetáculo interativo do qual até mesmo as pessoas da assistência podem a qualquer momento começar a fazer parte.

Sobre os rituais religiosos e as performances artísticas do mesmo, Muller recorre a Turner e Geertz para caracterizá-los da seguinte forma:

> ... Turner e Geertz, atribui-se aos rituais a plasticidade dramática através da qual a fé é retratada, constituindo-se, assim, modelos para a crença. A objetividade da visão de mundo e dos valores sociais de uma determinada cultura é concedida pela religião, através de rituais, símbolos sagrados que constituem a experiência sensível. A origem desta natureza estética do ritual e da performance em geral está, segundo Turner, na fase liminar do drama social.[37]

[37] Regina Pólo MÜLLER, *Rituais Religiosos e Performance Artística,* p. 128.

Para que haja uma peça teatral, os atores e, principalmente seus personagens, têm que ser escolhidos cuidadosamente para que o espetáculo traga os efeitos desejados. Sobre os personagens que transitam numa sessão, Concone: afirma:

> São evidentemente retirados da realidade nacional. Do nosso ponto de vista, é exatamente aqui está o grande interesse da religião umbandista: o fato de mergulhar tão profundamente na realidade brasileira, de buscar aí sua fonte de inspiração, transformando em símbolos figuras do cotidiano popular e buscando a seu modo o seu significado mais profundo. Caberia perguntar que símbolos são esses que a umbanda realiza, que qualidades e atributos estão presentes nessas figuras do imaginário popular.
>
> Parece inegável que as figuras-chave (tipos de personagens) são os caboclos e pretos-velhos, de um lado, e os exus e pomba-giras, de outro.[38]

Ainda, segundo Concone:

> A construção de tipos sociais, como ocorre na Umbanda, remete-nos à construção do personagem no teatro. Por outro lado, ampliada a concepção de teatro, amplia-se a concepção de ator, e somos todos atores sociais desempenhando um papel e nos valendo do script fornecido pela sociedade. Por isso o ator no teatro é apenas um "caso-limite" e está sem dúvida na posição peculiar de conseguir transpor, de constituir nesse elo com a sociedade, ou segmentos dela, graças a capacidade de preencher de vida personagens imaginários. Além do momento do teatro, contudo, e além da atuação cotidiana, há os momentos da cerimônia, privilegiados porque distintos sacralizados e sobretudo onde se repõe a trilogia do teatro propriamente dito, constituído da relação ator/personagem/espectador. Este espectador que não é passivo, mas tenso de expectativa, que constitui, mesmo sem saber, num elemento fundamental da ação do ator/personagem e que, no outro pólo, espectador/receptor, sofre as conseqüências da ação do ator/personagem.[39]

Como podemos verificar a Umbanda não vai muito longe para acrescentar no panteão de suas divindades. Os guias foram colhidos dentro do próprio imaginário popular, reforçando, assim, a sua rotulação de religião popular.

Os ritos primários de abertura das sessões, geralmente, já são instituídos em sua grande maioria. Todos mantêm um ritual semelhante para as giras da direita e

---

[38] Maria Helena Villas Boas CONCONE, *Caboclos e Pretos-Velhos da Umbanda,* In: Reginaldo PRANDI, *Encantaria Brasileira,* p. 282.
[39] *Ibid.,* p. 283.

um ritual específico para as giras de Exu. Mas, no decorrer das sessões, tudo pode acontecer. É possível, por exemplo, que logo na abertura de uma gira de Oxossi, um Exu mandado[40]incorpore em um adepto ou que o sacerdote sinta a presença deste guia mesmo sem ele incorporar em um adepto. Tal acontecimento faz com que todo o ritual seja mudado, para que o equilíbrio espiritual da sessão volte ao normal.

Esses Exus são mandados por outros terreiros ou está acompanhando alguém que está ali. Eles aparecem sempre para fazer o mal e trazer algum tipo de perturbação nos trabalhos, segundo os depoimentos:

> Vira e mexe o povo manda um (Exu) aqui pra me atrapalhar os trabalhos, eles não me deixam sossegada. Quando não demandam comigo pegam as meninas (filhas consangüíneas), mas eu to sempre preparada! Quando eu sinto que eles estão por perto, antes mesmo de abrir os trabalho eu já boto fogo num ponto com intuía e boto eles pra correr.
>
> Tem vezes que não dá tempo, pois tem uns aí que são fogo e eles te pegam de surpresa, mas como aqui somos em dois quando eu não sinto o pai (marido) sente. A sorte é que sempre to com minhas obrigações em dia e antes mesmo de me levantar da cama eu já peço para os meus guias me defender das demandas. O povo tenta me derrubar mas não consegue! [41]

Quando o sacerdote só sente a presença do Exu, são entoadas as cantigas de demanda[42], que geralmente exaltam o poder do terreiro, como, por exemplo:

> Só manda fogo quem pode mandar
> Meu ponto é seguro não pode falhar.
> Só manda fogo quem pode mandar
> Meu ponto é seguro meu pai Oxalá.[43]

Ou ainda:

---

[40] Exu mandado é aquela entidade que é mandada para demandar, fazer o mal contra o terreiro, expressão muito usada na Umbanda.
[41] B. A., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 12/03/2005.
[42] Estas cantigas foram colhidas durante as visitas realizadas no Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro. Elas eram cantadas na maioria das sessões, fato que diferenciou este dos demais terreiros que visitamos, inclusive do próprio Terreiro do São Domingos, que analisamos por mais de dois anos e em todos os tipos de sessões. Segundo Mãe Ditinha, que veio a falecer no final de 2005, estas cantigas têm força de chamar os guias defensores e guerreiros do terreiro.
[43] Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro, diário de campo, Americana, 02/2005.

Eu pisei na roda grande
Fiz a pequena girar
Nego grande não me pega
Pequeno quer me matar.[44]

Durante o tempo em que eles entoam essa cantiga, o sacerdote ou o Pai pequeno sai no portão da frente do terreiro ou na porta de entrada, faz um desenho com pólvora e coloca fogo para que o Exu volte para quem o mandou e livre o terreiro da demanda.

O Exu também pode incorporar em um dos adeptos ou até mesmo no sacerdote. Neste caso é feito um círculo com alguns adeptos mais graduados e a pessoa incorporada pelo Exu fica no centro do círculo, quando são entoadas as seguintes cantigas:

Capangueiro quando baixa é sinal que está na hora
Exu que está no terreiro pega a carga e vai se embora...
Maria sacode a saia e Exu vai embora oi, ai...
Pega a carga e vai embora... [45]

Se tal fato ocorrer numa gira de Oxossi, após ter sido usado um dos procedimentos acima, o sacerdote ainda pode entoar a seguinte cantiga:

No fundo do mar vai bater tambor
Vai bater tambor
No fundo do mar vai bater tambor
Vai bater tambor
Tem areia
Tem areia
Tem areia no fundo do mar
Tem areia[46]

[44] Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro, diário de campo, Americana, 02/2005.
[45] Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro, diário de campo, Americana, 03/2005.
[46] Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro, diário de campo, Americana, 03/2005.

Logo que se inicia esta cantiga, o Oxossi e os caboclos que já estavam incorporados gritam seus brados de guerra, batem as mãos no peito e dançam demonstrando força e alegria porque venceram o inimigo.

Somente após estes procedimentos a sessão volta à sua normalidade. Durante todo este processo, nota-se um certo nervosismo tanto do sacerdote quanto dos adeptos.

Percebe-se, então, que na Umbanda nem tudo é previsível, existem os imprevistos e, o mais interessante, eles são trabalhados na hora, dentro das giras. Isso pode se dar pela imensa quantidade de personagens que a Umbanda possui e também pelo que Trindade[47] chamou de "interpretações individualizadas do mito", pois cada ator pode interpretar o seu personagem da forma que melhor lhe convier, gerando um grande número de representações de uma única divindade. Concone acrescenta que:

> Tais características individualizadas que se delineiam a partir do comportamento gestual e postural se articulam às histórias individuais mais ou menos elaboradas. É como se tais figuras emergissem com características gerais que as definem enquanto personagens-tipo mais amplas (preto-velho, baiano, caboclo, cigana, exu, etc.) e vão sendo buriladas aos poucos. Há um tempo que o médium define como verdadeiro ajustamento à entidade que o cavalga.[48]

Concone conclui que: "Enfim, o comportamento do ator/cavalo representa e compõe o perfil de cada personagem, cuja história é aos poucos conhecida, construída" [49]. Ressaltamos que este personagem vai sendo criado a medida em que o médium vai se familiarizando com seu papel e, de certa forma, construindo juntamente com ele a sua história.

3.3.1 – O espetáculo e os personagens no Terreiro do São Domingos

No Terreiro do São Domingos este processo de familiarização dos médiuns com os guias ocorreu e ocorre até os dias de hoje. Os personagens (guias) que

---

[47] Liana Salvia TRINDADE, *Exu:* Símbolo e função, p. 67.
[48] Maria Helena Villas Boas CONCONE, *Caboclos e Pretos-Velhos da Umbanda,* In: Reginaldo PRANDI, *Encantaria Brasileira,* p. 291.
[49] *Ibid.*, p. 291.

encontramos no período que desenvolvemos nosso trabalho de campo foram os mais variados: desde o velho e conhecido Exu Tranca Rua e Caboclo Roxo, até os guias da linha do oriente, que se portam de maneira diferenciada em todos os aspectos, inclusive, nas vestimentas.

Os adeptos de Pai Benê trazem consigo, além de sua bagagem espiritual, uma ênfase maior na teatralidade. Em uma das giras da qual participei, uma adepta que freqüentava o terreiro quando este ainda estava sob o comando de Pai Benê apareceu para fazer uma visita ao terreiro. Era uma festa de Levante de Camarim, no inicio de 2006. Neste levante participaram sete médiuns pertencentes a diversos orixás, dentre eles uma adepta filha do orixá Oxum, a qual era também orixá dona da cabeça da visitante.

A adepta que estava participando da cerimônia do Levante, logo que entrou no terreiro, incorporou ao som dos atabaques e das cantigas para Oxum. Um solavanco apenas e começou a rodar freneticamente de um lado para o outro do terreiro, conservando a mesma expressão no rosto e apresentando pouquíssima mudança na forma de dançar, permanecendo com a mesma postura durante todo o ritual.

A visitante, no entanto, uma senhora de aproximadamente uns 50 anos, branca, estatura mediana, que se manteve séria, sem demonstrar um gesto amistoso a ninguém desde o momento que havia chegado no terreiro, só havia conversado com o sacerdote. Em determinado momento começou a tremer os ombros e a olhar para cima, como se estivesse tendo uma visão maravilhosa; lágrimas começaram a jorrar pelo seu rosto, seu semblante transformou-se: de uma mulher com traços fortes, de pouco sorriso, a um semblante angelical, transmitindo pureza, paz. Uma verdadeira metamorfose! Em seguida, com gestos delicados, tremeu um pouco mais fortemente os ombros e houve a incorporação pelo orixá Oxum. Ao contrário da outra, que dançava de um lado para o outro do terreiro, esta dançava com graça, delicadeza e leveza; seus olhos viraram para cima como se estivesse vendo os céus e as lágrimas continuaram a jorrar, enquanto o orixá ficou incorporado. [50]

---

[50] Apesar de não ser um grande conhecedor dos santos católicos, a transfiguração daquela mulher me remeteu a lembrança de algumas imagens de Nossa Senhora, que tinha visto na casa de minha avó. Não sei precisar de qual das Nossas Senhoras ela era devota, mas o olhar complacente era o mesmo.

A desincorporação da visitante também foi com a mesma leveza e menos de um segundo depois ela já estava com a “cara amarrada” da mesma forma que a vi anteriormente.

Incorporação no período de Pai Benê[51]

[51] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.

Incorporação no período de Pai Benê[52]

Fui comentar a sensação que tive com o sacerdote, depois do término das cerimônias e ele me disse que tudo aquilo era herança dos ensinamentos deixados por Pai Benê, pois ele ensinava a cada filho como era sua divindade e os adeptos eram convocados a fazerem da maneira que ele tinha ensinado. Completou: “Eu não sou tão detalhista como era meu pai. Como ele, eu não conheci mais ninguém” [53].

[52] Foto pertencente ao acervo particular do Sr. Adilson Rogério do Amaral.
[53] L. R., depoimento concedido ao autor, diário de campo, Americana, 12/2005

A fama espiritual de Pai Benê ou das suas festas de Levante Camarim, ou ainda a influência de pessoas do meio artístico[54] que freqüentavam o terreiro na época, podem ser os motivos para, em meados dos anos 70, Pai Benê ter sido convidado a participar de um filme intitulado *Janaína, a Virgem Proibida*[55]*.* O filme foi dirigido por Olivier Perroy, um romance, que no meio de suas tramas aparecia cenas de uma consulta com o Pai Benê e de oferendas no mar para Janaína, sendo que a cena da consulta foi gravada no próprio Terreiro do São Domingos.

Podemos supor que todos esses fatos listados já seriam suficientes para começar a entender os motivos que levaram um terreiro de Umbanda, constituído na década de 40, numa cidade do interior do estado de São Paulo, a qual teve seu desenvolvimento econômico-financeiro encabeçado por norte-americanos, protestantes, permanecesse aberto e em pleno funcionamento até os dias de hoje.

No próximo item trataremos desses fatos, bem como das influências que serviram de força facilitadora para a permanência deste terreiro. Faremos também um balanço da atual situação do mesmo, seus projetos e suas perspectivas para o futuro.

---

[54] Os artistas que freqüentavam o terreiro na época, segundo entrevista do atual sacerdote, eram: Marlene França, Ronie Von e Raul Cortez.

[55] O filme é uma produção de 1974, exibida em 1975, das Produtoras: Olho Cinematográfica e Cinedistri. Teve como diretor Olivier Perroy, nascido em Genebra, Suíça, em 1937, jornalista radicado em São Paulo - fazia cinema publicitário em 1990. Foi ator no filme A superfêmea do diretor/produtor Aníbal Massaini, A empresa Olho Cinematográfica, era em São Paulo e de propriedade do Sr. Perroy. Último contato que tive com Perroy em 2004, ele residia na cidade de Indaiatuba, interior de São Paulo.

Capítulo IV – As razões da permanência

Como pudemos verificar no item anterior foram inúmeras as mudanças introduzidas por Pai Benê, que serviram de alicerce para que a tradição do terreiro fosse sendo construída e ajustada de acordo com as necessidades daquele período. Neste último capítulo discutiremos, inicialmente, os conceitos de tradição e de inovação, fazendo um paralelo com nosso objeto de estudo. Em seguida, trataremos dos motivos da permanência do terreiro. No item "O Terreiro Hoje", faremos um balanço da situação geral do terreiro, fechando com o item "As perspectivas para o futuro", quando traremos as perspectivas dos adeptos e da assistência para o mesmo.

4.1 – O novo reforçando o antigo

Hoje, vivemos em um mundo repleto de inovações, sejam elas tecnológicas ou não. A cada segundo nos deparamos com algo novo surgindo, como num passe de mágica. Com um cenário mundial borbulhando novidades, chega a ser um tanto complexo discutir o antigo, a tradição e a cultura, uma vez que existem vários entendimentos sobre estes conceitos, que discutiremos adiante.

Partindo do pressuposto que as religiões afro-descendentes são enquadradas como "religiões primitivas"[1], discutir inovação, dentro delas, torna-se uma tarefa árdua, devido à forma de entendimento que a grande maioria das pessoas tem do conceito de "tradição". Na medida em que tentamos aproximar o conceito de tradição do de inovação, a discussão fica mais conflitante.

Obviamente, não temos a pretensão de discutir a tradição ou as inovações das religiões afro-descendentes. Nosso intuito é discutir tais aspectos circunscritos ao nosso objeto de estudo, ou seja, apresentar estes fatos dentro do Terreiro do São Domingos, que se dedica ao culto de Umbanda.

---

[1] "Religiões Primitivas ou Primevas são sistemas religiosos de grupos tribais sem tradições literárias. São caracterizadas pela crença em várias forças espirituais, que se encontram por trás dos fenômenos naturais, pela reverência aos antepassados e por um sistema social muito rígido que é mantido pelo poder dos mitos comuns". VÁRIOS AUTORES, *As religiões do mundo*, p. 441.

Mas, para falar sobre tradição, temos que levar em consideração que o conceito de tradição, como vários outros conceitos elaborados no passado, foi sendo re-trabalhado e reinterpretado. Sobre os conceitos de tradição e ruptura, Gerd Bornheim comenta que:

> Já os gregos perceberam que os conceitos opostos costumam atrair-se, que eles formam de algum modo uma unidade ainda que conflituada; mas os opostos se pertencem; e como que nascem de uma mesma raiz. Eles se reclamam, talvez para se destruírem. Ou avançam em sua oposição, e chegam a construir uma nova e harmoniosa unidade. Assim, toda a realidade seria entendida a partir da oposição de contrários que, mesmo que nunca definitivamente superáveis, seriam instauradores da dinamicidade do real. É fácil perceber que existe uma atração recíproca entre conceitos como continuidade e descontinuidade, estaticidade e dinamicidade, tradição e ruptura. Realmente, tudo acontece como se um dos termos não pudesse ser sem o outro. Atração, portanto; mas também repulsa mútua, já que cada termo só se afirma na medida de seu ser-oposto. A tradição só parece ser imperturbavelmente ela mesma na medida em que afasta qualquer possibilidade de ruptura, ela se quer perene e eterna, sem aperceber-se de que a ausência de movimento termina condenando-a à estagnação da morte. A necessidade da ruptura se torna,em conseqüência, imperiosa, para restituir a dinamicidade ao que parecia "sem vida". [2]

Esse entendimento de Bornheim sobre o termo tradição encaixa-se perfeitamente nos moldes do nosso objeto de estudo, pois, como já dissemos acima, essa diversidade de cultos encontrados na Umbanda e as suas adaptações demonstram que ela guarda alguns de seus ritos tradicionais, mas agrega algumas inovações.

Outro fator que não podemos deixar de considerar é que, sendo a Umbanda uma religião tida como popular, esbarra-se na velha questão de que tudo o que é popular não tem tradição, remetendo-nos a uma certa desvalorização preconceituosa desta religião. Este fato é reforçado por alguns autores e adeptos do Candomblé, principalmente os paulistas[3], que enfatizam que a Umbanda, diferentemente dos candomblés, não possuem tradição, sendo, portanto, mais "fraca" espiritualmente. Como afirma Prandi:

---

[2] Gerd BORHEIM; Alfredo BOSI; Jose Américo Motta PESSANHA; Roberto SCHWARZ; Silviano SANTIAGO; Paulo Sergio DUARTE, *Cultura brasileira*, p. 9.

[3] Reginaldo PRANDI, em sua obra os *Candomblés de São Paulo*, traz depoimentos de vários sacerdotes e sacerdotisas de Candomblé sobre esta questão.

> A umbanda não é tão-somente considerada mais fraca que o candomblé enquanto fonte de poder sagrado, poder que pode ser manipulado numa e na outra, para intervir no mundo natural, social e pessoal. A umbanda é também considerada, pelos hoje cultuadores do candomblé, como uma religião que se esgotou, como um brinquedo que perdeu a graça. [4]

Estas pessoas esquecem o fato de que a Umbanda serviu de escudo e de alicerce, preparando o terreno para que os Candomblés pudessem instalar-se em São Paulo, sem muitas dificuldades. Foi a Umbanda que apresentou as divindades do panteão africano aos paulistas, obviamente de maneira diferenciada, devido ao seu próprio processo de constituição, mas, sem dúvida alguma, serviu de veículo facilitador para os Candomblés se alocarem posteriormente.

A Umbanda teve que enfrentar a igreja, a sociedade, a polícia e submeter-se às normas impostas para seu funcionamento como, por exemplo, ter que retirar alvarás de funcionamento nas delegacias, ser alvo de vistorias periódicas das autoridades e ainda sofrer uma grande perseguição, especialmente na década de cinqüenta.

Quando os Candomblés chegaram à cidade de São Paulo, a situação já era outra, a sociedade paulistana já estava acostumada, de certa forma, com os orixás e com os rituais, o que amenizou a perseguição aos Candomblés.

Ressaltamos, ainda, que não vemos diferença entre a perseguição sofrida pela Umbanda em São Paulo, no período de sua constituição, e a perseguição aos Candomblés da Bahia, apesar da ênfase maior ser dada à perseguição baiana. Tal questão pode ser explicada devido ao fato da perseguição aos Candomblés baianos ter tornado-se pública com as obras de Jorge Amado, dentre outros intelectuais da época, que escreveu sobre o assunto: enquanto que as obras escritas sobre a perseguição sofrida pelos terreiros de Umbanda ficaram somente no âmbito acadêmico, por se tratar de uma religião popular, carregar o rótulo de religião sem tradição e por não ter tido atenção por parte da mídia.

Retomando o assunto anterior, Stuart Hall segue uma linha de raciocínio muito semelhante à de Borheim e, em uma de suas obras, trata da *desconstrução do*

---

[4] Reginaldo PRANDI, *Os Candomblés de São Paulo*, p. 87.

popular. Ele traz três definições para o termo cultura[5], fazendo uma longa discussão, levantando os pontos positivos e negativos do uso dessas definições, tecendo comentários sobre cada uma delas, bem como explicitando sua opinião.[6] Para Stuart Hall: "A cultural popular não é, num sentido "puro", nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas"[7]. E complementa: "No estudo da cultura popular, devemos sempre começar por aqui: com o duplo interesse de cultura popular, o duplo movimento de conter e resistir, que inevitavelmente se situa no seu interior".[8] Sobre o termo tradição, Hall comenta:

> A tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver como a mera persistência das velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associação e articulação dos elementos. Esses arranjos em uma cultura nacional-popular não possuem uma posição fixa ou determinada, e certamente nenhum significado que possa ser arrastado, por assim dizer, no fluxo da tradição histórica de forma inalterável. Os elementos da "tradição" não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado mais relevante.
>
> As tradições não se fixam para sempre: certamente não em termos de uma posição universal em relação a uma única classe. As culturas, concebidas não como "formas de vida" mas como "formas de luta" constantemente se entrecruzam: as lutas culturais relevantes surgem nos pontos de intersecção.[9]

---

[5] "Primeira definição: O termo popular pode ter uma variedade de significados, nem todos eles são úteis. Por exemplo, o significado que mais corresponde ao senso comum: algo é "popular" porque as massas o escutam, compram, lêem, consomem e parecem apreciá-lo imensamente. Esta é a definição comercial ou de "mercado" do termo: aquela que deixa os socialistas de cabelo em pé. E corretamente associada à manipulação e ao aviltamento.(...)
Segunda: A cultura popular é todas essas coisas que "o povo" faz ou fez. Esta se aproxima de uma definição "antropológica" do termo: a cultura, os valores, os costumes e mentalidades [folkways] do "povo". Aquilo que define seu "modo característico de vida". (...)
Terceira: Esta definição considera, em qualquer época, as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas; que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares neste sentido, a definição retém aquilo que a definição descritiva tem de valor. Mas vai além, insistindo que o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a "cultura popular" em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante. Trata-se da concepção de cultura que polariza em torno dessa dialética cultural. Considera o domínio das formas e atividades culturais como um campo sempre variável em seguida, atenta para as relações que continuamente estruturam esse campo em formações dominantes e dominados. Observa o processo pelo qual essas relações de domínio e subordinação são articuladas. Tratas as como um processo: o processo pelo qual algumas coisas são ativamente preferidas para que outras possam ser destronadas". Stuart HALL, *Da diáspora*, p.247- 258.

[7] *Ibid*., p. 248-249.
[8] *Ibid.,* p. 249.
[9] *Ibid.*, p. 259-260.

E complementa:

> Esse termo da cultura nacional-popular e da tradição, concebido enquanto campo de batalha.
>
> Isso nos alerta contra as abordagens auto-suficientes da cultura popular que, valorizando a "tradição" pela tradição, e tratando-a de uma maneira não histórica, analisam as formas culturais populares como se estas contivessem, desde o momento de sua origem, um significado ou valor fixo e inalterável. [10]

Eric Hobsbawm também discute, em uma de suas obras, o conceito de tradição e o define da seguinte forma:

> Por "tradição inventada"[11] entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [12]

Poderíamos continuar apresentando a visão de outros estudiosos sobre o tema, mas acreditamos que as citações acima já são suficientes como base de análise dos fatos ocorridos dentro do Terreiro do São Domingos. O fato dos autores citados concordarem que a tradição não é estática, nos faz entender com maior facilidade o motivo que levou um grande percentual de adeptos a alegar que a permanência do terreiro é devido à tradição, assunto que discutiremos no próximo item.

No decorrer dessas seis décadas, os rituais e as cerimônias do Terreiro foram ressignificadas, mas preservaram uma certa base do que foi transmitido por Pai Benê, como, por exemplo: nos Camarim, na época de Pai Benê, os adeptos trajavam roupas ritualísticas e com elas permaneciam durante todo o processo, nos

---

[10] Stuart HALL, *Da diáspora*, p. 260-261.

[11] "A tradição inventada caracteriza-se por estabelecer com o passado histórico uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações às situações novas que assumem a forma de referência às situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social. Eric HOBSBAWN; Terence RANGER, *A Invenção da Tradição*, p. 10.

[12] *Ibid.,* p.9.

dias de hoje, os adeptos trajam pijamas. Um outro exemplo de inovação é que no ritual “a mesa dos orixás”, na época de Pai Benê, eram utilizadas folhas de bananeiras como toalhas, hoje em dia é colocada uma toalha de tecido, mas as frutas são cortadas ritualisticamente, como ensinou Pai Benê.

O fato é que desde a época que Pai Benê assumiu o templo, ele trouxe algumas inovações que foram sendo agregadas aos ritos, ditos tradicionais, da Umbanda. Sendo assim, na medida em que o antigo se torna incapaz de utilizar ou adaptar-se ao novo, permanecendo estático, ele fatalmente se torna obsoleto e se extingue. Desta forma, entendemos que o novo surge reforçando o antigo.

Exemplificando: no Terreiro do São Domingos é feita uma comida a um determinado orixá, utilizando todo o aparato tradicional (forma de se cortar os produtos, temperos específicos, forma de dispor no prato, etc) para confecção da mesma e esta, após ser preparada, deve ser regada com mel, mas, na sua ausência, eles substituem por glucose de milho (Karo), demonstrando a renovação da tradição, pois o ritual para confecção da comida é mantido, mas com uma inovação: a utilização da glucose no lugar do mel.

Os terreiros da região, que na época não concordaram com as “novidades” trazidas por Pai Benê, alegando que o culto que ele praticava não era Umbanda, continuaram a seguir seus “ritos tradicionais”, todavia na sua grande maioria, fecharam suas portas.

O fato é que as religiões afro-brasileiras, principalmente a Umbanda,estão em constante mudança, acompanhando, de certa forma, as modificações ocorridas na sociedade, ajustando-se aos padrões impostos. Como contempla Prandi:

> Em resumo, ao longo do processo de mudanças mais geral que orientou a constituição das religiões dos deuses africanos no Brasil, o culto aos orixás primeiro misturou-se ao culto dos santos católicos para ser brasileiro, forjando-se o sincretismo; depois apagou elementos negros para ser universal e se inserir na sociedade geral, gestando-se a Umbanda; finalmente, retomou origens negras para transformar também o candomblé em religião para todos, iniciando um processo de africanização e dessincretização para alcançar sua autonomia em relação ao catolicismo. [13]

[13] Reginaldo PRANDI*, O Brasil com Axé*, p. 3.

E complementa: “Nos templos atuais, as mudanças pelas quais passam essas religiões são devidas, entre outros motivos, à necessidade da religião se expandir e se enfrentar de modo competitivo com as demais religiões”.[14]

Como podemos verificar, contrariamente ao que se comenta, não foi somente a Umbanda que passou por um processo de mudança, o Candomblé também teve que se sujeitar a este processo, apesar de alguns adeptos dizerem o contrário, afirmando que Candomblé tem tradição e que é assim desde os primórdios.

Entendemos que, assim como a cultura popular, a Umbanda é como um “alinhavado” de pequenos pedaços de várias outras religiões, que são agregados ao seu sistema de ritos, fazendo com que esta seja uma das religiões mais flexíveis e adaptáveis existentes em nosso país.

O fato da Umbanda agregar às suas cerimônias ritos que lhe interessam, pertencentes a outras religiões, faz com que ela não tenha a tradição que se comenta. A tradição umbandista, longe de ser uma repetição constante, é uma inovação constante, mas sempre baseada na memória. Memória, esta, que é re-visitada e re-trabalhada constantemente. Em uma das visitas ao Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro, terreiro que conheci a mais de trinta anos, que proporcionou meu primeiro contato com a Umbanda, pude perceber como alguns pontos da tradição são preservados.

Cheguei ao terreiro por volta das 19:45 horas e encontrei, logo na entrada, o Pai Benedito e sua esposa, Mãe Benedita, sentados, trajando as roupas ritualísticas, prontos para começar o ritual. Nesse dia houve uma gira de caboclo. Fui convidado a entrar e sentar do lado direito da assistência (lugar designado aos homens). A sessão iniciou-se às 20:15 horas com a defumação e depois as preces católicas, como geralmente é feito em todos os terreiros de Umbanda.

Neste momento mergulhei em minhas memórias e comecei a notar que as roupas já não eram como as de antigamente, nem os fios de contas, a velha vitrola foi trocada por três atabaques, o piso do salão já não era mais de terra batida, como no passado, sendo colocado assoalho de madeira do tipo taco. O sino que indicava que a sessão ia começar foi trocado por uma campainha eletrônica. As lâmpadas

---

[14] Reginaldo PRANDI, *O Brasil com Axé*, p. 3. Para saber mais: Brígida Carla MALANDRINO, *Umbanda:* mudanças e permanências.

que eram normais e completavam, de certa forma, o ambiente com uma luminosidade baixa deram lugar às lâmpadas fluorescentes, deixando tudo mais claro, quebrando um pouco o clima ritualístico do passado. O brilho da chama das velas tinha dupla função: de agradar aos orixás, mas também de aumentar a luminosidade do terreiro. Voltei ao presente quando a Mãe Ditinha deu a saudação aos caboclos e começou a cantar:

> Salve o Caboclo Gira Mundo
> Aqui neste jacuta
> Ele veio nos proteger com as forças de Ogum e as graças de Oxalá
> Tem mironga na Umbanda e e
> Tem mironga na Umbanda e a
> Seu Gira Mundo no terreiro é orixá. [15]

O Pai Dito posicionou-se em frente ao altar, exatamente como fazia há mais de trinta anos, colocou as mãos sobre os olhos e minutos depois curvou–se para frente duas ou três vezes e lá estava o Seu Gira Mundo. Os movimentos atualmente são mais lentos (devido à idade) e quando ele se ajoelhou para cumprimentar o altar, notei uma certa dificuldade tanto na hora de ajoelhar, quanto na hora de se levantar.

Revivi a mesma sensação que senti há trinta anos atrás, quando o Caboclo Gira Mundo acabou de incorporar. Pude ver a mesma expressão, os mesmos gestos, a mesma forma de reverenciar os atabaques e os adeptos. Pude compreender e sentir o que Halbwachs disse em relação ao acaso:

> Temos de confiar no acaso, esperar que muitos sistemas de ondas, nos ambientes sociais em que transitamos materialmente ou em pensamento, se cruzem de novo e façam vibrar como antigamente o aparelho registrador que é a nossa consciência individual. Mas aqui o tipo de causalidade é o mesmo, e não poderia ser senão o mesmo de outrora. A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomando em separado, e em seu conjunto.[16]

---

[15] Terreiro São Jorge Guerreiro, diário de campo, Americana, 25/11/2005.
[16] Maurice HALBWACHS, *A memória Coletiva*, p. 69.

Neste dia percebi que a tradição umbandista não pode ser analisada tomando por base a repetição de rituais, pois, estes, como já comentamos anteriormente, não são padronizados. A tradição umbandista deve ser verificada dentro de cada terreiro, pois cada um tem sua própria tradição e sua memória, que está viva dentro de cada um de seus adeptos e é re-visitada constantemente.

No próximo item, discutiremos a permanência do Terreiro do São Domingos, através das opiniões coletadas entre os adeptos e os freqüentadores durante o trabalho de campo.

4.2 – A permanência do Terreiro

Quando nos deparamos com o fato de que, em pleno século XXI, um terreiro de Umbanda, numa cidade do interior, continua em pleno funcionamento há mais de seis décadas e continua a agregar novos adeptos, inclusive jovens, somos convidados a refletir e a buscar as razões de tal fato.

Dentro de um contexto nacional em que o segmento umbandista diminuiu substancialmente, Prandi, após analisar o último censo, comenta que:

> Mas se o conjunto dos afro-brasileiros está em declínio, essa queda é devida ao segmento umbandista, que cai, enquanto sobe o candomblé. Os censos de 1991 e 2000 fornecem dados separados para a umbanda e o candomblé, sendo que a classificação do candomblé reúne as chamadas religiões afro-brasileiras tradicionais (candomblé, xangô, tambor-de-mina, batuque). Como, pelo menos desde a década de 1950, a umbanda tem sido majoritária no conjunto afro-brasileiro, seu peso reflete diretamente na estatística geral do conjunto, indicando declínio.[17]

Tal fato nos faz perguntar: o que o Terreiro do São Domingos tem de diferente dos demais? Esta foi exatamente a pergunta que fiz aos adeptos e aos freqüentadores[18] do Terreiro do São Domingos. As respostas obtidas apontaram três motivos: espiritual, material e a tradição.

42% dos entrevistados disseram que a força espiritual faz com que o Terreiro permaneça aberto até os dias de hoje, pois no Terreiro existem fundamentos e força-

[17] Reginaldo PRANDI, *O Brasil com Axé*, p. 13.
[18] O questionário foi respondido por 50 adeptos e 20 freqüentadores. Ver Apêndice.

axé. 2% dos entrevistados disseram que o terreiro tem uma boa estrutura (prédio), é grande e isso demonstra poder e força, por isso ainda está aberto. 40% dos entrevistados disseram que o terreiro tem tradição e a conserva. O restante, 16%, alegou ser o pai de santo, a localização, o dia das sessões, os motivos que o conservam aberto. Os percentuais acima demonstraram a importância, tanto para os adeptos quanto para os freqüentadores, da tradição.

Os entrevistados estão se referindo a uma tradição estática, entendendo-a como uma herança de família. Trata-se de um templo constituído a mais de sessenta anos, que contou com a freqüência de seus avós. Bornheim nos esclarece:

> A tradição pode assim, ser compreendida como um conjunto dos valores dentro dos quais estamos estabelecidos; não se trata apenas das formas do conhecimento ou das opiniões que temos, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de uma determinada sociedade.[19]

O sentido da palavra tradição, dentro das religiões afro-brasileiras, caminha lado a lado com o sentido da palavra memória, uma vez que estas religiões não possuem um livro sagrado no qual podem embasar os seus ritos. Estes, na sua grande maioria, estão baseados em relatos orais. A memória dos “mais velhos no santo”, por sua vez, é muito valorizada, pois indica o tempo de iniciação do adepto na religião, conferindo-lhe maior sabedoria, força e axé.

A justificativa dada por vários adeptos por freqüentarem, atualmente, o Terreiro é que, segundo eles, seus pais, avós ou tios fizeram parte do terreiro no passado e foi muito bom para eles, por isso eles resolveram freqüentar também. É interessante observar esse comportamento, que foge dos padrões da maioria dos terreiros de Umbanda, e nos remete às religiões africanas que cultuam o orixá e ao próprio Candomblé, pois segundo Prandi:

> A concepção do tempo no candomblé é mesmo diferente da noção ocidental a que estamos habituados. É uma dimensão-chave da cultura de herança africana, que remete a outros elementos fundamentais, como a idéia em que se baseia o oráculo de que tudo se repete, a crença na reencarnação, o

[19] Gerd BORHEIM; Alfredo BOSI; Jose Américo Motta PESSANHA; Roberto SCHWARZ; Silviano SANTIAGO; Paulo Sergio DUARTE, *Cultura brasileira,* p.20.

> pensamento mítico e as noções de aprendizado, saber, poder e organização hierárquica da religião.[20]

Na Umbanda, em geral, os adeptos alegam fazer parte do terreiro por outros motivos: pedidos foram realizados com maior rapidez, cura de uma doença grave, obtenção de um bom emprego e realização de um sonho amoroso.

Este fato é, sem dúvida, mais um diferencial que o Terreiro do São Domingos carrega. Há casos que mesmo que a pessoa não entre em transe de possessão e nem esteja passando por problemas, seja de ordem financeira ou sentimental, ela inicia o processo de iniciação. A justificativa para tal atitude é sempre a mesma: minha mãe ou meu pai ou ainda meu tio passou e foi muito bom para ele, por isso resolvi fazer.

O recolhimento para as cerimônias de iniciação é outro fator levantado, no trabalho de campo, como um dos motivos da permanência do terreiro. Vários adeptos alegaram estar freqüentando, devido ao fato de que no terreiro que eles freqüentavam, não eram realizadas as cerimônias de iniciação com recolhimento. Quando realizadas, eram mais fracas, feitas no mesmo dia, não tinham saída do santo e só podiam ser assistidas pelos membros do terreiro, ninguém de fora podia entrar, dificultando, assim, o reconhecimento perante as pessoas que não pertenciam ao templo.

Outro fator levantado durante a pesquisa de campo foi o da entrega do Deka (diploma) que, para alguns, era de extrema importância, pois tinham a prova concreta da iniciação. Outros terreiros não ofereciam nada e nem deixavam tirar fotografias das cerimônias de iniciação.

A questão do respeito pelo nome do Terreiro do São Domingos na região foi mais um fato levantado, como também a presença de mães de santo idosas, algumas com mais de oitenta anos, como é o caso da Naia.

Outros dois aspectos não citados pelos adeptos, mas que acreditamos são de extrema importância para a permanência do Terreiro: a posse da terra e a valorização do Exu em todos os seus rituais.

---

[20] Reginaldo PRANDI, *Segredos guardados*, p.19.

A posse da terra, para o Terreiro do São Domingos, é um dos principais motivos da sua permanência, pois o terreno é da instituição enquanto pessoa jurídica constituída, constando inclusive no seu estatuto que caso a mesma venha se extinguir que os bens desta passarão a outra instituição religiosa, conforme artigo 31 a saber:

> Em caso de dissolução da Tenda, os seus bens e saldos remanescentes, pagas as dividas assumidas ou decorrentes de suas responsabilidades temporais, serão revertidas para outro templo de Umbanda que siga as mesmas linhas sendo este decidido em assembléia.[21]

No Terreiro do São Domingos diferentemente dos demais, as sucessões dos sacerdotes não são feitas por consangüinidade e sim por indicação dos guias, enquanto que na maioria dos terreiros de Umbanda, a sucessão é feita para um membro da família do sacerdote, facilitando a permanência da posse da terra. Como podemos verificar a sucessão no Terreiro do São Domingos é semelhante a dos terreiros de Candomblés, feita através do jogo de búzios, gerando muita tensão com relação à questão da posse da terra. Já aconteceu anteriormente que o sacerdote, ao falecer, não deixou herdeiros religiosos consangüíneos e os outros filhos, não praticantes da religião, entraram na justiça pedindo a reintegração de posse. Muitos terreiros no Brasil fecharam por este motivo.

Lembrando que a maioria dos terreiros de Umbanda está localizado nos fundos das casas do pai de santo e mesmo que a comunidade (os adeptos) tenha ajudado a construir o espaço do terreiro, a escritura continua no nome do pai de santo, facilitando a reintegração da posse pelos herdeiros legítimos, no caso de morte do sacerdote.

A presença forte de Exu nos rituais e sua valorização dentro do Terreiro do São Domingos também foi um grande aliado na luta pela permanência.Nos templos de Umbanda, para Exu é reservado o espaço denominado de trunqueiras[22], local onde são colocadas algumas imagens, geralmente do Exu do Pai de Santo e em um outro espaço, com as mesmas características, são colocadas as imagens das

---

[21] Estatuto Social da Tenda Espírita Pai João, pg. 5, art. 31.

[22] Pequenas construções, medindo cerca de 50 cm de largura por 1,0 m de altura, que ficam geralmente na entrada dos terreiros, local onde são tratados os Exus para que o mesmo defenda a casa de males.

Pombas Giras. O espaço geralmente é pequeno, discreto e fica fechado para que ninguém possa ver o que tem no seu interior.

As giras de Exu são feitas no mesmo espaço em que são realizadas as giras dos orixás e geralmente eles possuem uma cortina que cobre o altar dos orixás, (imagens) para que os Exus possam trabalhar com maior liberdade. Alguns utilizam roupas pretas e vermelhas, outros usam as roupas brancas.

No Terreiro do São Domingos, por sua vez, o mesmo espaço que os orixás têm no primeiro andar do prédio, os Exus têm no segundo. Eles também têm uma trunqueira na frente do terreiro, mas possuem um quarto de exu do mesmo tamanho do quarto dos orixás, com imagens de vários Exus, inclusive uma de tamanho original do Exu Tranca Rua (entidade que pertencia ao Pai Benê).

As vestimentas ritualísticas usadas nas giras de Exu têm a mesma riqueza e elegância que tem as dos orixás, são confeccionadas com artigos finos e existem alguns modelos exclusivos, descritos pelas próprias entidades.

Contrariamente à maioria dos Candomblés mais antigos, que somente rende homenagens e oferendas aos Exus, o Terreiro do São Domingos, além dessas homenagens, realiza grandes festas para os mesmos, sendo que estas já fazem parte do calendário anual.

Pai Benê, mais uma vez, inovou em relação aos demais templos da região, quando instituiu no calendário oficial de suas festividades a festa do Sr. Tranca Rua e da Sinhá Dada (Exu e Pomba Gira do Pai Benê).

Carlos Caroso e Nubia Rodrigues, num interessante artigo que trata justamente da presença dos Exus nos Candomblés de Caboclo, desenvolvido na cidade de Conde, na Bahia, relatam o seguinte:

> Em nosso modo de compreender, o culto a essas entidades pode ser explicado como resultado da recente escalada na competição pelo mercado de bens simbólicos, entre os quais se incluem os rituais e as práticas terapêuticas, representando tanto uma reação da tradição religiosa afro-brasileira ao avanço das religiosidades neopentencostais, quanto uma marca de competição entre os terreiros.[23]

[23] Carlos CAROSO; Núbia BACELAR, Exus no Candomblé de Caboclo, In: Reginaldo PRANDI, *Encantaria Brasileira*, p. 331.

Atualmente, alguns terreiros de Candomblé, quando observam o número de seguidores diminuírem, passam a adotar, no seu calendário festivo, as festas ao orixá Exu, com intuito de atrair novos adeptos e freqüentadores.

Observa-se que o fato de Pai Benê, em meados 1945, já haver instituído as festas de Exu e, com isso, agregar uma valoração maior desta divindade dentro do terreiro, permitiu ao templo ter um alicerce mais sólido para garantir a sobrevivência frente aos ataques das igrejas neopentencostais.

A imagem de Exu, que é transmitida aos adeptos e freqüentadores, é de uma divindade na qual se pode confiar, mas jamais brincar. Exu é aquele que defende, que ajuda, que dá solução aos problemas, é o compadre que sempre está ali para ajudar nas horas do apuro, desde que se cumpra suas determinações e pague o que lhe foi prometido. Independentemente do problema, ele pode ajudar. Com ele pode-se falar sobre tudo e pedir tudo, não existem limites pré-determinados para esta divindade. Trindade, em sua obra *Exu:* símbolo e função*,* comenta que:

> Não contando com a proteção de um "coronel" (pessoa influente que restabeleça as antigas relações tradicionais de compadrio), quando o indivíduo das regiões urbanas se encontra isolado, ele busca o Exu, o protetor, o "compadre", conforme denominação dos seus adeptos. No plano do imaginário, o herói mítico torna-se o representante do "coronel". Exu desempenha o papel de protetor de sua clientela, substituindo na estrutura da experiência do real o homem influente.[24]

É exatamente desta forma que os adeptos do terreiro do São Domingos percebem Exu. É comum ouvir nos corredores, antes de começar as giras de Exu, a seguinte frase: "Ainda bem que hoje vou poder falar com o compadre, pois tenho umas coisas para serem resolvidas com urgência, e somente o meu compadre Exu, fulano de tal, pode resolver isso rápido para mim"[25].

Os adeptos sentem orgulho por serem reconhecidos por Exu e poderem sentar à frente de uma divindade e confiar-lhes seus problemas e desejos mais íntimos.

---

[24] Liana Salvia TRINDADE, *Exu: Símbolo e função*, p. 135.
[25] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 27/10/2005.

O auge dessa relação se dá quando um adepto ou até mesmo uma pessoa da assistência é convidada por esta divindade para camboná-la[26] , pois tem um contato maior com esta divindade e fica presente em todos os trabalhos que ele for realizar, até mesmo aqueles que são feitos em outros lugares, fora do Terreiro (encruzilhadas, matas, cemitério).

Carlos Caroso e Nubia Rodrigues, em suas considerações finais, concluem que a adoção do culto de Exu nos Candomblés de Caboclo é de certa forma:

> A resposta à competição pelo mercado de bens simbólicos, entre os quais se incluem os rituais e práticas terapêuticas, se dá através da invenção e/ ou renovação das tradições (rituais e terapêuticas), na tentativa de manter os antigos, reconquistar os dissidentes e recrutar novos seguidores. [27]

Apesar de ser em uma outra religião, outra época e outra região, podemos usar a argumentação de Caroso e Rodrigues para explicar parte da permanência do Terreiro do São Domingos, pois o procedimento descrito por eles, na citação acima, foi o mesmo introduzido por Pai Benê em meados de 1945, ou seja, mais de seis décadas antes. Isso que explica a resposta dada por um sacerdote, quando questionado se o terreiro tinha diminuído o seu número de adeptos devido à expansão das igrejas neopentencostais: “Não. Aqui não fomos afetados em nada”[28].

Mais uma vez o Terreiro do São Domingos supera outro período de turbulência e segue em direção contrária aos índices apurados no censo, em especial do fechamento de terreiros de Umbanda. Muitos fecharam suas portas, uns por falta de adeptos, outros pela conversão do próprio pai ou mãe de santo do terreiro ao neopentecostalismo. O São Domingos, no entanto, continua aberto e em pleno funcionamento, agregando novos adeptos. No próximo item falaremos sobre a atual situação do Terreiro, seus adeptos, freqüentadores e possíveis sucessores.

---

[26] Nome dado à função exercida pelo cambone, pessoa que auxilia os guias, oferecendo charutos, velas, etc.

[27] Carlos CAROSO; Núbia RODRIGUES, Exus no Candomblé de Caboclo, In: Reginaldo PRANDI, *Encantaria Brasileira,* p. 358-359.

[28] L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 14/04/2005.

4.3 – O Terreiro, atualidade e futuro

A atual situação do Terreiro do São Domingos não é muito diferente de muitos outros templos de Umbanda do Brasil. Passa por momentos difíceis financeiramente, com o diferencial que, no caso específico do São Domingos, apesar da guerra dos neopentecostais[29] contra os cultos afro-brasileiros e, em específico, contra a Umbanda, o mesmo continua agregando novos adeptos.

Hoje o terreiro conta com cerca de oitenta adeptos fixos, de várias faixas etárias e de diferentes classes sociais. Alguns participam de todas as sessões, (quatro por mês) outros vão apenas a algumas. Na sua maioria, declaram ter dupla pertença[30] (católicos – umbandistas), outros se dizem espíritas. Devido ao grande número de jovens, em épocas de férias escolares ou feriados, o número de adeptos nas sessões pode dobrar.

As cerimônias (giras) são realizadas todas às sextas feiras, tendo início às 20:00 horas e terminando por volta das 22:30 horas, com exceção das giras de Exu que se iniciam às 20:00 e terminam, geralmente, mais tarde. Lembrando que na época de Pai Benê, as giras eram realizadas duas vezes por semana: terças e sextas-feiras.

A assistência que freqüenta as sessões para consultas é também diversificada e na sua grande maioria composta por mulheres, com faixa etária entre 18 e 50 anos. Estes dados foram retirados de um questionário aplicado.[31] Os motivos que levaram as pessoas ao terreiro são: problemas de saúde e problemas financeiros. No caso dos homens, os motivos são mais financeiros.

O sacerdote atual, hoje, com mais de 60 anos e vários problemas de saúde, continua a dirigir o terreiro sozinho, mas com o respaldo e o apoio da Sra. Naia, adepta mais velha do terreiro e muito respeitada entre os médiuns. Apesar de não ser a sacerdotisa legítima[32] do terreiro, o seu poder e influência dentro do templo pode ser facilmente notado.

---

[29] Para um maior aprofundamento sobre o tema ler: Antonio Flavio PIERUCCI; Reginaldo PRANDI, *A realidade social das religiões no Brasil.*

[30] Dupla pertença, neste caso, é o fato de uma pessoa professar duas religiões, ou seja, umbandista e católica, muito comum nos adeptos da Umbanda.

[31] Ver Apêndice.

[32] Nair Nogueira, apesar de ser a mais velha adepta do Terreiro do São Domingos, não é a sacerdotisa legítima, pois, na época de Pai Benê, ela optou não se iniciar, vindo a passar pelo

Quando iniciei a primeira etapa da pesquisa junto a este terreiro, cerca de cinco anos atrás, o sacerdote dizia já ter a pessoa que iria substituí-lo. A pessoa que tinha sido escolhida para sucedê-lo era a mãe pequena, mas devido a alguns problemas de ordem pessoal, o atual sacerdote, em uma de suas últimas entrevistas, disse-me que resolveu não indicá-la mais como sua sucessora, apresentando o nome de um outro adepto do terreiro que também ocupa o cargo de pai pequeno.

Os adeptos, de forma geral, não opinam, nem tão pouco questionam estas indicações para a sucessão do atual sacerdote, pois ela sempre está embasada na indicação de um guia.

Importante ressaltar que na grande maioria das comunidades religiosas, sejam elas afro-descendentes ou não, sempre se gera uma tensão interna no momento da sucessão. O escolhido (a) acaba agradando a uns e desagradando a outros.[33] Quando o atual sacerdote assumiu a direção do terreiro, devido à morte de Pai Benê, não foi diferente. Houve adeptos que não concordaram com a indicação e acabaram deixando o terreiro e montando os próprios. Alguns desses terreiros estão abertos até hoje, outros fecharam e algumas dessas pessoas acabaram voltando ao São Domingos.

Em relação às festas comemorativas, atualmente elas não têm o mesmo brilho e luxo que tinham antigamente, mas ainda carregam a mesma realeza, apesar de serem mais simples. Continuam tendo muita fartura na comida e nas bebidas. Na época de Pai Benê, as cerimônias iniciáticas eram realizadas duas vezes por ano, no mês de fevereiro e de julho, atualmente são realizadas somente no mês de fevereiro.

A estrutura física do terreiro precisa de algumas reformas. Segundo o pai de santo atual, não há verbas para efetuá-las. É cobrada uma mensalidade dos adeptos para a manutenção do terreiro, segundo o tesoureiro, que é insuficiente para cobrir

---

processo com o atual sacerdote, sendo assim considerada como filha deste, apesar de ser adepta do terreiro a mais tempo que ele.

[33] A estrutura hierárquica da Umbanda é composta pelos cargos de Pai de Santo, em seguida pelos Pais Pequenos e os adeptos (médiuns) mais velhos e mais novos. Na sucessão, a pessoa a ser imposta é geralmente indicada pela entidade do pai de santo ainda em vida, que, na sua grande maioria, é parente (filhos (as), irmãos (as), ou cônjuge). Quando isso não ocorre geralmente é o Pai Pequeno que ocupa o cargo.

as despesas de água e luz. Geralmente a diferença é suprida com os recursos financeiros do atual sacerdote.

As reuniões da diretoria são realizadas trimestralmente e nelas são discutidos assuntos administrativos e religiosos.

Após um período sem cumprir as determinações da legislação federal, o Terreiro, hoje, encontra-se em dia com as obrigações, entrega todos os anos a DIRPJ (Declaração de Imposto de Renda Pessoa Jurídica), a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), adequou seu estatuto com o novo código civil e mantém a escrituração contábil segundo os parâmetros legais.

O alvará de funcionamento junto à prefeitura é um dos problemas enfrentados pelo terreiro, que de três em três anos tem que ser renovado e para tal tem que usar de suas influências para consegui-lo, pois a construção é feita de forma irregular, dificultando, assim, a emissão do mesmo pela fiscalização municipal e o corpo de bombeiros. Até agora eles têm conseguido, apelando para políticos (vereadores) e, às vezes, até para o próprio prefeito.

A diretoria já tentou , junto à municipalidade, se isentar das taxas de alvará e de IPTU, mas sem sucesso, pois eles alegam que o Terreiro não presta um serviço à comunidade, não sendo de utilidade pública.

Apesar de todas essas dificuldades o Terreiro continua em funcionamento. Como o atual sacerdote diz aos adeptos: “Vocês tem que ter orgulho de nossa igreja, de nossa sinagoga, pois ela tem tradição, tem nome e mais de seis décadas de fundação” [34].

Atualmente, o terreiro possui cerca de oitenta adeptos que freqüentam as sessões, pelo menos três vezes por mês e mantém todas as festividades do seu calendário, mesmo com algumas dificuldades. Todas as sextas feiras, por volta das 19:00 horas, as pessoas (adeptos e freqüentadores) começam a chegar no terreiro, movimentando a pacata rua Treze de Maio, no bairro do São Domingos.

As mães de santo mais velhas já não podem mais se dar o luxo de estar presente em todas as sessões, mas nas grandes festas comemorativas são presenças confirmadas. Quando adentram no terreiro, com suas roupas ritualísticas

[34] L. R., depoimento concedido ao autor, gravação em fita de áudio, Americana, 16/12/2005.

e sentam-se em suas cadeiras do lado direito do sacerdote, trazem consigo o ar da tradição e da ancestralidade, deixando transparecer aos adeptos segurança, sabedoria e respeito.

Agora nossas preocupações voltam-se para o futuro: quais os desafios a serem enfrentados e as perspectivas?

4.3.1 - Desafios: aprofundamento, sucessão e conflitos

Atualmente, com a nova diretoria, tem-se discutido muito a questão do estudo da religião para um maior aprofundamento dos adeptos. Foi até proposto, em uma das reuniões, que se formasse um grupo de estudos, em dias diferentes dos da sessão, para que os médiuns pudessem discutir a religião e aprender através de aulas dadas pelo sacerdote e pelos mais velhos do terreiro ou até mesmo por palestrantes vindos de fora. Nada foi decidido ainda. Esta proposta nos revela que o Terreiro está ativo, respondendo aos anseios dos adeptos mais novos em se aprofundar nos fundamentos da religião e dos mais velhos também no sentindo de conservar os seus ritos.

A diretoria elaborou um questionário para sentir o clima organizacional do terreiro com perguntas diretas e simples, indagando os adeptos sobre assuntos da religião e sobre a opinião deles em relação a essa administração e também elaborou um documento informando os direitos e as obrigações dos adeptos para com o terreiro. Este documento foi fixado em vários pontos para que os médiuns tenham fácil acesso a ele. A diretoria atual renovou e atualizou todas as fichas dos adeptos, colocando, além das informações básicas, uma foto 3x4. Existe também uma preocupação por parte desta diretoria em deixar os documentos do terreiro em ordem, inclusive as Atas das Reuniões. Decidiu-se que serão realizadas, no mínimo, quatro reuniões da diretoria por ano.

Os membros da diretoria que não estão desempenhando as funções do seu cargo e não comparecem assiduamente às sessões são destituídos e substituídos por outro membro que seja atuante. Em relação à sucessão do terreiro, a diretoria não se manifesta, deixando isso para ser resolvido pelo atual sacerdote e seus guias.

O sacerdote, por sua vez, começa a passar alguns rituais, que antes somente ele fazia, ao seu suposto sucessor, não incorpora em todas as giras, fica somente na direção, alertando e transmitindo ordens e informações ao seu aprendiz. Este procedimento que ele mesmo não teve, pois Pai Benê adoentou e faleceu rapidamente. Felizmente o atual sacerdote também residia em São Paulo e eles passaram muito tempo juntos. Foi nesse espaço de tempo que Pai Benê foi lhe transmitindo os rituais.

Apesar do atual sacerdote já estar passando alguns rituais para o seu suposto sucessor, nem a diretoria, nem o sacerdote comentam sobre o assunto "sucessão" diretamente com os adeptos e quando questionados sobre o assunto um silêncio paira no ar e eles preferem não falar sobre isso. Notamos uma grande preocupação do atual sacerdote com a questão de encontrar a pessoa certa para substituí-lo, pois ele gostaria que o terreiro continuasse suas atividades depois da sua morte.

Naia infelizmente não participa mais de todas as sessões, devido a uma enfermidade nas pernas, mas sempre que alguém pode ir buscá-la e levá-la, ela está lá, com seus oitenta e sete anos, sempre sorridente, amável, esperta e lúcida. Vive repetindo que não vê a hora de sarar para poder ir a todas as sessões do terreiro.

Como em todo agrupamento de pessoas, seja ele religioso ou não, existem as diferenças de opiniões, as discussões e os ciúmes do líder. Particularmente, dentro das religiões afro-brasileiras, supomos que esses fatos têm uma maior incidência devido às cerimônias iniciáticas que aumentam o período de convivência, deixam a relação mais próxima, principalmente entre o pai de santo e os adeptos, gerando uma certa disputa interna.

Esta disputa será reforçada no momento da sucessão, pois apesar da pessoa ser indicada pelo Guia do sacerdote, sempre gerará um certo descontentamento em algumas pessoas, descontentamento que deverá ser mediado pelos mais antigos da casa e até mesmo por alguns adeptos mais atuante.

4.3.2 – Fatos que suscitam esperança

Em cada nova visita que fazemos ao terreiro, sempre tem um adepto novo sendo apresentado à comunidade, o que traz ao terreiro um sentimento de

renovação, portando uma esperança aos mais velhos do templo. Os adeptos, na sua maioria, são jovens de idade, que varia dos dezoito aos trinta anos, alguns mais velhos, mas esses geralmente já são dissidentes de outros terreiros da região.

As profissões desses novos adeptos vão desde a de simples trabalhadores a estudantes de nível superior, enfermeiros, professores, advogados, empresários, formando, assim, um grupo bem diversificado de adeptos. A adesão ao terreiro em relação ao gênero, diferentemente do passado, que possuía um número maior de mulheres, hoje está equilibrada; as mulheres ainda são em maior número, mas a diferença quantitativa entre homens e mulheres vem diminuindo consideravelmente nos últimos anos.

Os atabaques continuam sendo tocados com muita maestria, pelos Ogãs[35] mais velhos que estão sempre acompanhados por garotos aprendizes, com idades que variam dos oito aos quinze anos.

Os adeptos que possuem filhos, geralmente fazem questão de levá-los para o terreiro, quebrando, assim, aquele estigma que terreiro é somente para adultos. Integram seus filhos na comunidade, independentemente se eles seguirão ou não, no futuro, a religião umbandista.

Alguns adeptos aparecem no terreiro somente em épocas próximas das obrigações, para passar pelo ritual, se afastando posteriormente até o próximo ano, até cumprirem os sete anos de obrigações, outros além de irem nos dias da sessão, freqüentam a casa do sacerdote em outros dias da semana também.

Em relação à assistência, a esperança e as perspectivas dos adeptos é que o terreiro nunca feche, que sempre tenha alguém ali para dirigi-lo, pois, segundo eles, “com a ajuda dos guias e dos compadres, as coisas já estão difíceis, sem eles não agüentariam” [36].

Os vizinhos do terreiro, depois de mais de sessenta anos de existência, aprenderam a conviver e a respeitá-lo; não existem brigas, nem tão pouco reclamações, vivem em total harmonia, independentemente da religião. Comprovamos tal fato no dia do lançamento do livro que relata a história do terreiro, pois vários vizinhos compareceram ao evento, apesar de o mesmo ter sido realizado

[35] No Terreiro do São Domingos, Ogãs é o nome dado aos tocadores de atabaques.
[36] Terreiro do São Domingos, diário de campo, Americana, 16/12/2005.

em um espaço cultural distante do bairro onde se encontra o templo. Depois do lançamento do livro, o terreiro também passou a receber visitas de vários outros pesquisadores, inflando, assim, de certa forma, a auto-estima da comunidade.

A esperança dos adeptos, freqüentadores e do atual sacerdote é que o terreiro perdure por mais sessenta anos, cientes que, como na época pós-morte de Pai Benê, não será fácil até se acostumarem com o atual sacerdote, não será fácil quando ocorrer a próxima sucessão, mas eles estão prontos para manter o terreiro aberto e conservar seu nome.

Quando se deu a sucessão de Pai Benê para Pai Leocrécio, o elo de ligação entre Pai Leocrécio e os adeptos foi sem dúvida Naia. Com toda sua experiência e carisma soube fazer a ligação entre o passado e futuro, confortando os adeptos de forma que se acostumassem a conviver com o novo sacerdote. No momento em que tiver que ocorrer a nova sucessão, se Naia estiver impossibilitada de fazer esta ligação, existem outros adeptos que podem servir de elo para que a sucessão seja feita da forma mais tranqüila possível.

Como pudemos notar neste período de pesquisa, os adeptos e o atual sacerdote do Terreiro do São Domingos se orgulham dos seus mais de sessenta anos de fundação. Consideram este fato como uma das razões da permanência do Terreiro. Ressaltam reiteradamente que o Templo tem tradição e que está em contínuo processo de inovação. A tradição e a inovação, presentes na vida do Terreiro, são responsáveis, juntamente com a marcante presença de Exu, seja nas suas giras ou nas suas festas, pela sobrevivência do mesmo.

Meus cumprimentos aos mais velhos do Terreiro do São Domingos, que lutaram com afinco para conservarem seu ritual e que tiveram a lucidez e a perspicácia para compreender que a tradição não deixa de ser tradição por inovar-se e que utilizando essa estratégia conseguiram manter o Terreiro atuante por todo este período.

Meus cumprimentos também à inteligência, sagacidade e perspicácia de Pai Benê, que em meados de 1945 já tinha uma cabeça brilhante, que transformou um pequeno quartinho, em uma imensa construção física, mas principalmente num amplo espaço de resistência cultural, de fé e de religiosidade popular, que serviu de

modelo a outros templos, que foram se construindo neste período e servirá, com certeza, aos que ainda irão se constituir.

Meu respeito e minha admiração ao sacerdote atual Leocrécio Rosso, que apesar de seus problemas de saúde, preside com maestria e extrema dedicação o terreiro.

Não poderia deixar de citar Naia, com sua garra e fibra, que impõe respeito só com olhar e tem a admiração do mais novo adepto até o mais velho, que a consideram como uma grande mãe. Enfim, a todas essas pessoas que são a memória do Terreiro, motivo da sua permanência e articuladores das inovações.

Conclusão

Depois de ter pesquisado e convivido por mais de cinco anos, incluindo o período da graduação e posteriormente o do mestrado, com a religião umbandista e em específico com o Terreiro do São Domingos, não posso fechar a conclusão sob um único prisma, pois só quem realmente convive e participa desse mundo religioso pode sentir e descrever tal encontro.

Sensações simples como sentir o cheiro do incenso que vai se alastrando nas giras de caboclos, o som dos atabaques que convidam para a dança, a benção ou o passe de um caboclo, são coisas únicas, cuja melhor descrição é a própria experiência vivida. Mas acreditamos ter conseguido com a ajuda dos métodos científicos, bem como das teorias utilizadas, responder nossas indagações.

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados a observação participativa, relatos orais, fontes iconográficas, documentos públicos e privados de adeptos e de alguns freqüentadores.

Optamos por realizar uma descrição detalhada no tratamento das informações coletadas para que as características físicas e os rituais do templo ficassem registradas com a maior precisão possível. Em constante processo de ajuste ao longo do tempo, tais características e rituais estão sempre ameaçados de desaparecer e seu registro permitirá às gerações futuras conhecer o legado cultural, bem como o esforço dos seus pioneiros para fazer sobreviver, ainda que de maneira transformada, uma religião acolhedora e generosa para com aqueles que freqüentam e vivem intensamente seus rituais.

No primeiro capítulo nos dispusemos a delinear a história da cidade de Americana e da Umbanda no estado de São Paulo. Em seguida, fomos buscar subsídios teóricos sobre a memória para podermos embasar nosso trabalho e entrar na história do Terreiro do São Domingos, iniciando pela fundação, seus espaços, sua organização religiosa e administrativa.

No segundo capítulo realizamos um trabalho de descrição detalhada de todo o processo iniciático do Terreiro do São Domingos e trouxemos os dados coletados e já trabalhados em todo o trabalho de campo, os quais foram levantados através

das técnicas de observação participativa, de depoimentos orais, das anotações no diário de campo. Centralizamos os rituais em um único capítulo com o intuito de facilitar ao leitor o entendimento de todo processo ritualístico do terreiro estudado.

No terceiro capítulo, trabalhamos a questão da oralidade encontrada nas religiões africanas e a passagem para a escrita, seus ganhos e suas perdas, a significação e a função ritualística das vestimentas dentro da Umbanda e das religiões de matrizes africanas e, por fim, do espetáculo das giras e de seus personagens. Abordamos, assim, a performance artística verificada nos rituais religiosos.

E, finalmente, no quarto capítulo, discutimos as razões da permanência do terreiro, a questão da tradição e da inovação, a atual situação e as perspectivas para o futuro, seus desafios e esperanças, analisando os dados obtidos no decorrer de todo o processo de pesquisa.

Após essa longa jornada, angariamos dados capazes de responder nossas indagações primárias que eram as seguintes: Por que o Terreiro do São Domingos apresenta uma sólida durabilidade no contexto de transitoriedade que vem caracterizando os templos de Umbanda? Quais as características deste templo? Como ele se estrutura hierarquicamente? E qual a caracterização dos adeptos, da assistência e do seu comprometimento?

Nossa hipótese central foi de que a sobrevivência do Terreiro estudado se deve a um processo de relação entre inovação e tradição em suas práticas ritualísticas. A forma de exercer o poder e a adaptação ritualística respondem pela permanência do terreiro por todo esse período em pleno funcionamento, confirmada na análise dos dados obtidos.

Nossa segunda hipótese foi de que o terreiro era paradigmático em transformações, síntese da elaboração da Umbanda paulista, cujo o processo vai desde as suas referências às tradições afro até as adaptações à modernidade: da tradição oral à escrita e a diminuição do tempo de iniciação. Tal hipótese também pôde ser confirmada.

O objetivo deste trabalho foi estudar no Terreiro do São Domingos, o processo histórico de transformação do sistema de crenças e ritos umbandistas

desde sua fundação em 1945 até 2006, bem como, a sua perpetuação neste período.

Acreditamos ter conseguido alcançar nosso objetivo com a ajuda dos métodos científicos, das orientações brilhantes do nosso Orientador e das sugestões dadas pela banca de qualificação, que foram determinantes para o desfecho da nossa pesquisa, e principalmente pela disposição e hospitalidade do sacerdote e dos adeptos do Terreiro do São Domingos, que permitiram minha presença em todos os rituais, tornando-se assim mais fácil descrevê-los com precisão.

Apesar dos limites do objeto de estudo, acreditamos que o trabalho abre possibilidades para algumas considerações:

O termo Umbanda é muito restrito. Para descrever essa categoria religiosa deveríamos utilizar o termo “Umbandas” devido a sua variedade de ritos e cerimônias; cada terreiro tem sua especificidade, não há como generalizar. Existem algumas cerimônias e ritos que são comuns, outros muito diferentes, variando de terreiro para terreiro. O fato é que cada um é único e que cada pai de santo é o dono absoluto da verdade no seu terreiro.

As “Umbandas” são, sem dúvida alguma, uma religião agregadora que consegue num mesmo espaço sagrado (o altar) ter imagens e símbolos representativos de diversas religiões, convivendo de forma harmônica. Um autêntico mosaico constituído por pequenos pedaços de todas as religiões, formando uma verdadeira colcha de retalhos, que ilumina seus adeptos em todas as épocas. Seus adeptos são tratados com respeito e a individualidade de cada um é notada e respeitada, independentemente de etnia, da opção sexual, ou da posição social.

Este mesmo adepto que é respeitado por sua individualidade, quando entra no espaço do sagrado, transforma-se em um elo de uma grande corrente que canta a uma só voz, dança, ri e chora. Fatos estes que fazem brotar a beleza das emoções mais simples, aflorando de forma natural, sem ensaios e espontaneamente.

A segunda consideração é que a academia está em débito com as Umbandas, pois tem pesquisado e escrito muito pouco sobre elas. A impressão que tenho é que se acredita que já foi escrito tudo sobre as Umbandas, que nada mudou e que as obras encontradas no mercado são suficientes para suprir as indagações atuais.

E, por último, que o campo Umbandista do estado de São Paulo não pode ser avaliado somente pela cidade de São Paulo, pois enquanto na capital diminuiu consideravelmente o número de terreiros, no interior a situação é outra, pelo menos na região pesquisada.

Outros entendimentos e revelações poderão surgir sobre o Terreiro do São Domingos e sobre a Umbanda. A história está em aberto. Novas questões sobre memória, permanência e inovação e outros temas não abordados neste trabalho também serão apresentados e discutidos em pesquisas futuras.

A primeira conclusão, diretamente relacionada com nosso objeto de estudo, aponta para a importância da posse da terra para a sobrevivência do Terreiro do São Domingos. Os templos que não possuem sede própria e que seus sucessores não pertençam à família consangüínea do pai de santo a ser sucedido, ou ainda que os filhos não pertençam à religião, correm o risco de perder seu imóvel após a morte do pai, o que acaba levando ao fechamento do Terreiro.

A segunda conclusão é que o Terreiro do São Domingos tomou uma postura diferenciada dos terreiros de Umbanda na região, depois da chegada de Pai Benê, devido às inovações trazidas. Tornou as giras de Exu abertas ao público em geral e não somente aos adeptos, como era de costume na época nos terreiros da região. Além disso, instituiu no calendário oficial as festas de Exu, criando um espaço próprio para a realização das giras, dando uma maior importância a essa divindade, fazendo com que os adeptos e a assistência passassem a tê-lo como um herói, que sempre estará ali para ajudá-los e para atender a todos seus pedidos por mais fúteis que sejam.

Apesar de Exu representar a ruptura nas religiões afro-descendentes, no Terreiro do São Domingos ele passa a ser o aliado, o defensor, tanto do adepto quanto dos consulentes. Isso criou uma certa aproximação (amizade, parentesco) entre o Exu e adepto e entre o Exu e o consulente, e possibilitou laços profundos de amizade e compadrio entre eles, fortalecendo além do elo espiritual, também o social.

E através desses laços de amizade, espirituais e sociais que o terreiro foi-se fortalecendo e espalhando adeptos pelo Brasil todo, agregando pessoas da

sociedade americanense, artistas, etc, preparando um alicerce resistente que garantisse a sua sobrevivência por todo este período.

Bibliografia

ADÉKÒYA, Olúmúyiwá Antony. *Yorùbá:* Tradição Oral e Histórica*.* São Paulo: Terceira Margem, 1999.

ALENCAR, Franciso; RAMALHO, Lucia Carpi e RIBEIRO, Marcus Venício T. *História da Sociedade Brasileira*: Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMARAL, Adilson Rogério do. *Tenda Espírita Pai João*: Relato de sua história e do deu funcionamento ritualístico, místico e sincrético. Americana: Compacta, 2003.

AUGRAS, Monique. *O Duplo e a Metamorfose.* A identidade Mítica em Comunidades nagô*.* Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1983.

BASTIDE, Roger. *O Sagrado Selvagem e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *As Religiões Africanas no Brasil:* Contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações*.* São Paulo: Enio Matheus Guazelli & cia Ltda, 1971.

BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos orixás*: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

BERNARDO, Teresinha. *Negras, Mulheres e mães:* lembranças de Olga de Alaketu. São Paulo - Rio de Janeiro: EDUC: Pallas, 2003.

_____. *Memória em Branco e Negro:* olhares sobre São Paulo*. São Paulo*: EDUC: Fundação Editora da Unesp, 1998.

BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda?.*São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

BORNHEIN, Gerd. A. (et al). *Cultura Brasileira*: Tradição contradição. Rio Janeiro: Jorge Zahar editor, 1987.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade:* Lembranças dos velhos. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRAGA, Julio. *O jogo de búzios*: um estudo da adivinhação no candomblé. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CARDOSO, Cancionila. J. *Da oralidade à escrita:* a produção do texto narrativo no contexto escolar. Cuiabá-MT: UFMT/INEP/MEC, 2000.

CAROSO, Carlos; BACELAR, Jéferson (orgs.). *Faces da Tradição Afro-brasileira*: Religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, e africanização, praticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAO, 1999.

CARVALHO, Jose Murilo. *Religião e Sociedade*. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. Caboclos e pretos velhos na umbanda. In: PRANDI, Reginaldo (Org). *Encantaria Brasileira:* o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio e Janeiro: Pallas, 2001.

_____. *Umbanda:* uma Religião brasileira. São Paulo: FFCH/USP - CER, 1987.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam.* Oeiras: Celta Editora, 1993.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano* – A essência das religiões. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.

ENNE, Ana Lúcia; TAVARES, Cristiane. (2001) *Memória, identidade e discurso mediático*: uma revisão bibliográfica. http://www.castelobranco.br/pesquisa/docs/memoria2.doc. Acesso em: 22/01/2006.

ESTATUTO DE FUNDAÇÃO DO CENTRO ESPÍRITA PAI JOÃO, arquivado e microfilmado sob n.º de ordem 92.204, Averbado no Livro A, destinado ao Registro Civil das Pessoas Juridicas de Americana, sob n.º AV.06, FLS, 140Vº, A-8, inscr. 04 de 04/05/2005.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp - FDE, 1955.

FERNANDES, Rubem César. *Os cavaleiros do Bom Jesus:* uma introdução às religiões populares.São Paulo: Brasiliense, 1982.

FONSECA Jr., Eduardo. *Dicionário antológico da cultura afro-brasileira; incluindo as ervas dos orixás, doenças, usos e fitologia das ervas*. São Paulo: Maltese, 1995.

_____. *Dicionário Yoruba (Nagô) – português*. Rio de Janeiro: Sociedade Yorubana Teológica de Cultura Afro-Brasileira, 1983.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas.* São Paulo: LTC Editora, 1989.

GOBBO, Célia; OLIVIERI, Fanny; RIBEIRO; ARAÚJO, Maria José Ferreira de; FERREIRA, Melquesedec. *Preservando Nossa História.* São Paulo: Heloísa C. Pavan, 1999.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Assim que se benze em Minas Gerais:* um estudo sobre a cura através da palavra. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora:* Identidades e Mediações Culturais*.* Trad. Adelaine La Guardiã Resende, Ana Carolina Escostguy, Claudia Álvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte-Brasília: Editora UFMS-Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence (org.). *A invenção da tradição*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Tradução Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JONES, Judith Mac Knight. *Soldado descansa:* uma epopéia norte Americana sob os céus do Brasil. São Paulo: Fraternidade Descendência Americana, 1998.

KI-ZERBO, J. História geral da África: Metodologia e pré-história da África. Trad. Beatris Turquetti et al. São Paulo: Ática - Paris-UNESCO, 1982.

LANTERNARI, Vittorio. *As religiões dos oprimidos*: um estudo dos modernos cultos messiânicos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

LAVER, James. *A roupa e a moda:* Uma história concisa. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette. *O luxo eterno*: da idade do sagrado ao tempo das marcas. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LODY, Raul. *O povo do santo:* religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

_____. *Candomblé*: religião e resistência cultural. São Paulo: Ática, 1987.

LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. *Do tronco ao Opa Exim*: memória e dinâmica da tradição afro-brasileira. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

_____. *Agada*: dinamiza da civilização africano-brasileira. Salvaor: EDUFBA, 2000.

MAESTRI, Mario. *Deus é grande, o mato é maior!* Trabalho de resistência escrava no Rio Grande do Sul. Passo Fundo: UFP, 2003.

MAGNANI, Jose Guilherme C. *Umbanda*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de Orixá:* um estudo de ritual e conflito. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MALANDRINO, Brígida Carla. *Umbanda:* mudanças e permanências. Uma análise simbólica. São Paulo: EDUC - Fapesp, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria N. *Antropologia*: uma introdução. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MEIHY, José Carlos S. Bom. *Manual de História Oral.* São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MENDONÇA, Renato. *A influencia africana no português do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

MÜLLER, Regina Pólo. Rituais Religiosos e performance artísticas: uma leitura antropológica do espetáculo “Bailarinas de Terreiro”. *Revista Cultura Vozes*, São Paulo, v. 89, n. 3, p. 128-133, mai/jun 1995.

NEGRÃO, Lisias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada:* formação do Campo Umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita*: a tecnologização da palavra. Trad. Enid Abreu Dobranski. Campinas: Papirus, 1998.

ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada*: ensaios de cultura popular e religião. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *A morte Branca do Feiticeiro Negro:* Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes, 1978.

OTTEN, Alexandre H. *Só Deus é grande*: uma mensagem religiosa de Antonio Conselheiro. São Paulo: Loyola, 1990.

PIERUCCI, Antonio Flavio; PRANDI, José Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil:* religião, sociedade e política. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, V.2, n.3, p. 3-15, 1989.

PRANDI, José Reginaldo. *Segredos guardados.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18 n. 52, p. 223-238, dez 2004.

_____. *Os Candomblés de São Paulo:* a velha magia na metrópole nova*.* São Paulo: HUCITEC, 1991.

REHFELD, Walter I. *Tempo e Religião*: a experiência do homem bíblico. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

REVERA, Paulo B. *Tradição, transmissão e emoção religiosa*: sociologia do protestantismo contemporâneo na América latina. São Paulo: Olho d'agua, 2001.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte*: Pàdè, Asèsè e o culto Égun na Bahia. Traduzido pela Universidade federal da Bahia. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV: 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Cientifico*. 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda.* São Paulo: Selo Negro, 2005.

_____. *O Antropólogo e a sua Magia:* trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras*.* São Paulo: Edusp, 2000.

SOARES, Maria de Carvalho. *Devotos da cor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Gilda Rocha de Melo e. *A moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil escravista*: historia da festa de coroação de rei congo. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2002.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: história oral. Trad. Lolio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TRINDADE, Liana Maria Salvia. *Exu:* Símbolo e Função. São Paulo, FFLCH/USP, 1985.

TURNER, Victor Witter. *O processo ritual.* Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALENTE, Valdemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem.* Petrópolis: Vozes, 1978.

VÁRIOS AUTORES. *As religiões do mundo*. Tradução Manuel Cordeiro. São Paulo: Cia Melhoramentos: 1996.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás:* Deuses Yorubas na África e no novo mundo. São Paulo: Editora Corrupio Comércio Ltda, 1981.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*: As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

www.americana.sp.gov.br. Acesso em: 12/02/2005.

Apêndices

Entrevista realizada dia 20/10/2004 com Leocrécio Rosso

LEGENDA DAS FALAS

L: LEOCRÉCIO

Quando foi seu primeiro contato com a Umbanda?

L: Iniciei a religião através da necessidade de amparo espiritual. Eu tinha dificuldades na situação minha, vivia com problemas, né? Problemas materiais, problema espiritual, principalmente, e fui procurando. Até que em São Paulo, eu estava, morava em São Paulo e vinha pra cá. Eu vim pra cá por orientação de outros irmãos de santo. Então cheguei aqui, logo de início já tive uma... uma surpresa agradável, porque o meu pai-de-santo, logo no primeiro dia que eu entrei aqui me pôs no terreiro na frente de todo mundo, então ele a partir daí ele disse assim: esse é o meu substituto, né, legal, no caso. Eu tremi, porque eu não sabia quem era, não sabia nem conhecia ninguém, né, e vi aquela infinidade de pessoas na minha frente que já estavam aqui a tempo, né?

Nessa época, você já tinha algum conhecimento da religião?

L: Já. Pouco, muito pouco, mas já tinha, já. Conhecia alguma coisa. Eu procurava alguém que realmente assumisse, tivesse responsabilidade espiritual. Que tivesse sabedoria espiritual, pra poder me ensinar, e me orientar alguma coisa. E Eu encontrei na pessoa do Benedito Minarelli, que foi meu pai-de-santo, né? Até então começou a, comecei a cultuar a minha religião aqui nessa casa. E a partir daí ele já começou a me dar ensinamentos maiores, né, e me preparar pro santo. Tanto é que no primeiro ano de, de que eu já cheguei aqui, cheguei numa sexta-feira santa no mês de Abril. No dia 24 de Junho do mesmo ano já me recolheu pro santo, já fui fazer obrigação. E a partir daí eu passei, não só a procurar a casa por necessidade minha, mas também pro meu aprendizado, né, e pra cultuar mais, pra aprender mais, receber mais ensinamentos através do meu pai-de-santo, através do guias, então, esta foi uma das, foi a forma que eu, que eu encontrei esta casa. Procurando

através dos santos, a minha necessidade espiritual e também através... Normalmente, todo espírita, além da, da necessidade espiritual, ele procura o conforto material. Isso é, é impossível fazer diferente. Ninguém faz, né? Ninguém faz. Cada, cada mil, vamos ser mais bem, bem, bem coerente. Cada mil pessoas que você vê freqüentando espiritismo, um diz que vai porque gosta, porque quer e porque tem amor. O resto vai tudo pela dor, mesmo. E aí eu tive fazendo minhas obrigações ano a ano. Fiz as sete obrigações, porque aqui nossa Umbanda.

É bom falar, porque..

L: É, aqui na nossa Umbanda ela é, o médium ele começa fazendo camarim, né, que são os três dias, que é pro orixá de cabeça, né, o orixá de frente. Depois, você cada ano faz uma obrigação pra um outro santo subseqüente, né? Não é necessariamente a seqüência normal do santo. É aquele que pede obrigação, então vai fazendo, você chega até a fazer o sétimo, né? O sétimo você recolhe outra vez mais três dias, aí você recebe o deká, passa a ser um Babalaô.

O ano, você lembra? O ano que foi isso, de sua entrada, mais ou menos?

L: Faz 45 anos. Nós estamos em 2006 ? 61, é isso? 61, foi. Então e a partir daí que eu recebi o meu deká, depois de sete anos, passei a ser um Babalaô, né. Porque na nossa hierarquia é assim. E você só é chamado de Babalorixá a partir da época, do período que você fazendo os seus filhos de santo, você já tenha sete. Aí então você é considerado Babalorixá.

Certo

L: E eu tenho aí mais de, mais ou menos oitenta e cinco, oitenta e seis babalaô já feito, né. Na minha casa, eu. Feito por mim mesmo, meu pai-de santo. Os outros são considerados meus irmãos-de-santo.

Certo. Como era na época, a relação com a sociedade? Hoje em dia já é complicado, né? Como que era a relação na época?

L: Há uma relutância, né? Sempre há uma certa, uma certa diferença. Porque o espiritismo não é aí, até hoje ainda não é..., não é uma seita, uma seita recebida por, pela população de uma, qualquer ser humano não é muito, não é muito bem vista, vamos supor, vamos dizer assim. O pessoal tem um certo preconceito, tem uma certa relutância em aceitar espiritismo. É aqueles espíritas que você fala que

vai e não vai, fala que é, e não vai, o outro fala que é e manda ir por eles, e tem aqueles que vai, que é pouquíssimo, né? Que diz que são e vai procura o espiritismo. É... infelizmente existe muito dentro do espiritismo essa, o chamado mistificador. Então deixa, deixa uma seqüela muito ruim pra nossa seita, né, que acaba as pessoas desacreditando, as pessoas não aceitando, né. Então fica aos olhos do povo, das pessoas fora, é...você falar que é espírita é quase como, palavrão, sabe?

Vocês usam essa termologia mesmo: espírita? Vocês não se dizem umbandistas?

L: Não, umbandistas! Espírita, de maneira geral. E diz que é espírita. Mas qual é a sua, qual é o seu ritual? É Umbanda. A minha seita é espírita, né. Que religião é uma só: é Deus. Segundo: as igrejas, são seitas, não é? Igrejas são seitas, então qual é a minha seita? O espiritismo. Qual o meu ritual? Umbanda. Entendeu? E há uma diferenciação entre Umbanda, Candomblé, Kardecismo. Às vezes a pessoa fala assim: mesa branca. Não existe mesa branca. Existe o Kardecismo. Orientação através de Allan Kardec. Vinda de Allan Kardec. Mesa branca é palavreado comum. Tem na religião existe também na seita existe também, dentro do espiritismo, os rituais de Candomblé, que já é diferente, dos rituais do Kardecismo, que já é diferente, há evangelização através do Kardecismo, né. E o nosso é Umbanda. É Efan. Efan quer dizer pé no chão.

Então, a iniciação dentro da nossa Umbanda, a primeira, o primeiro passo é você preparar o médium pra lavagem de cabeça, que é o Amaci, né. A partir daí você vai preparando o médium dando ensinamento pra que ele inicie realmente a obrigação fazendo camarim, né, que é o primeiro preceito. Depois cada ano você faz preceito para um orixá. Então tem, você não é necessariamente obrigado a obedecer o critério da seqüência hierárquica dos seus orixás. Porque há uma hierarquia também, né. Tem o orixá de frente, tem o junto, tem o dijuntó, e assim sucessivamente. Não é obrigado você fazer isso. Porque a hora que vai fazer, eu, por exemplo, na minha casa, a hora que eu vou fazer a obrigação pro médium, a primeira coisa que eu faço é jogar o búzio pra verificar qual é o próximo santo que vai deitar. Então, se faz pra Oxossi, é Oxossi e Iansã, o juntó. Mas deitou Obaluaiê, no mês seguinte, no ano seguinte vou fazer obrigação para Obaluaiê. A primeira, a

ordem dos fatores não altera o resultado. Simplesmente a gente dá obediência aos orixás que vão “gritando” na seqüência.

E isso, como foi passado, pra você? Vocês têm um livro, é coisa escrita ou é tudo falado?

L: Não. É tudo falado. Tudo orientação. Orientação só do meu pai-de-santo pra comigo, e os meus guias da casa, que do tempo do meu pai-de-santo, né, os orixás dele me orientavam, me direcionavam dentro da casa, né?

Então vocês não têm uma bíblia, assim, pra seguir?

L: Não, não. A bíblia nossa é a bíblia comum. E é através da bíblia, claro, a gente tem, tira muita coisa pra ensinamento da casa, né. Mas nós não temos, por exemplo, nosso próprio livro, nosso próprio catecismo. O nosso catecismo é feito através, é obedecido através da orientação dos orixás, e do Babalorixá da casa, né, que no meu caso era o meu pai-de-santo que me deu esse tipo de orientação. E eu obedeço esse catecismo, mas é um catecismo falado. Não é um catecismo escrito, não tem nada escrito a respeito. A disciplina, aprendemos que é através das minhas entidades agora, então a gente pôe também, eles determinam, determinadas missões, né, certas missões. Então nós vamos, dentro desse critério, nós vamos levando a nossa casa, a nossa seita.

O pai-de-santo, o seu Benedito Minarelli, também aprendeu dessa mesma forma?

L: Aprendeu da mesma forma, através da mãe dele, passado oralmente, e através da minha vó, também, né?.

Certo.

L: Isso é tudo passado com palavras, não tem nada escrito. A única coisa que tem escrito na nossa casa, é só o estatuto da casa, né. Porque nós temos vida própria, nós não temos filiação com nenhuma entidade de classe. Não tem federação. O nosso é federal, né. Então, nós temos nosso próprio estatuto. Nós temos os nossos ensinamentos, tudo, o que não é através do pai-de-santo, é através dos guias do pai-de-santo.

Existe, então, uma hierarquia dentro da casa, dentro das casas de Umbanda ? No caso, aqui, a hierarquia começa e termina onde?

L: Ela começa através do Babalorixá.

Certo. E abaixo dele?

L: É, tem os Babalaôs, né. E abaixo dos Babalaôs vem os Yaôs. Porque até ser Babalaô ele fez o camarim, que é a primeira obrigação de santo, né? É o primeiro recolhimento. Depois ele faz mais sete recolhimentos. Quer dizer, no outro, no oitavo recolhimento ele é feito Babalaô. Ele recebe o Deká, né. Aí ele é um Babalaô. Pra ele passar a ser um Babalorixá, ele tem que fazer sete Babalaôs. Aí ele já é um Babalorixá, entendeu? Ele tem que ter a casa dele aberta, o terreiro dele aberto e fazer os filhos-de-santo dele, Babalaô. Até então são todos Yaô. E abaixo dos Yaôs tem os iniciados, que são os, os médium comum que faz a lavagem de cabeça, o amaci. Que na nossa linguagem, o amaci. Então, essa é a hierarquia dentro da casa.

Certo. E eles têm alguma obrigação para com a casa? Em algumas religiões tem determinadas pessoas que vão e limpam, outros vão e arrumam, enfeitam, colocam flores, estas coisas?

L: A vontade de cada um. Porque aqui muito pouca gente boa. Infelizmente. Porque todo mundo quer chegar aqui pegar o prato cheio. Infelizmente é isso mesmo, mas é verdade. Não tem outra forma da gente querer justificar, porque é aquilo que eu falo: a Umbanda é..., principalmente na Umbanda, os outros rituais eu não sei, não cheguei a acompanhar muito. Mas principalmente na Umbanda, os freqüentadores são muito displicentes. Desde os médiuns até os freqüentadores. Porque aqui tem médium que fica ás vezes seis meses, oito meses, um ano sem aparecer no terreiro. De repente chega aqui.

Falo: Acabou as férias? Você não sabe que você tem uma obrigação? Você não sabe que você é filho da casa? Você tem obrigação com a casa, não é comigo! Que comigo não tem nem que ter obrigação. Tem obrigação com a igreja. Mais há uma, uma displicência, e não adianta você exigir. Se você exige muito, eles acabam desaparecendo, acabam não vindo mais. Então você tem que, quando esta dentro de casa, é lógico, que ele vai fazer exatamente o que eu determino. Entendeu? O que o orixá chefe determina. Mas no normal, eu deixo a critério de cada um. Cada um que se obrigue, e que façam com seu bel prazer. Mas eu acho que tem sempre que obedecer um critério. Na Umbanda, a maioria do povo que vai, eles já vão para

resolver problemas. Eles não vão se dedicar á vida espiritual. Batem na porta uma infinidade de pessoas: “Eu queria , vim aqui pro senhor resolver o problema pra mim...” Quer dizer, não vem aqui: “eu queria freqüentar sua igreja para mim, é... ter um pouco mais de conhecimento da espiritualidade, pra ver se onde está errado a minha situação, pra que eu tenha um remitivo espiritual”. “Não, eu quero resolver o problema. Até que se eu resolver o problema, eu vou ficar na sua casa”. Eu falo: ó, porta da rua, serventia da casa, pode sumir daqui. Eu não gosto de aceitar pessoas assim. Porque elas, além de tudo, elas são problemas. Entendeu? Aí explica?

É... então, a maioria das pessoas que vem na casa, pelo o que eu entendi, são pessoas que vem em busca de solução de problemas.

L: É, 90%. 90%.

Solucionou, elas deixam ?

L: Solucionou, elas abandonam. Noventa por cento é assim.

Quando você entrou na casa, existiam pessoas mais velhas já, de religião, ou não? Da, daqui?

L: Tinha! Tinha a Nair Nogueira, que está aqui. Só, agora só a Nair Nogueira, né? Mas tinham mais pessoas. Mas a maioria quase tudo morreu, já. Os meus irmãos de santo mais velhos, irmãs de santo mais velhas, já morreu, já! Só tem eu e a Nair, também não é minha irmã de santo. Nair passou a ser minha filha de santo. Porque ela ficou 40 anos com o pai-de-santo, quando resolveu o problema...quando ele morreu falou que queria fazer o camarim. Falei: Nair, você ficou no pé do velho o tempo...o tempo...agora quer... Ela falou: mas agora eu quero fazer! Então vai fazer ! Foi a primeira que eu fiz. Quer dizer: fiz mais gente junto com ela, né? Mas foi a primeira que eu fiz aqui depois que o meu pai-de-santo morreu.

Esse processo de iniciação dura 2 dias, 3 dias?

L: Iniciação no camarim você faz 3 dias. O camarim significa (importante observar este tipo de coisa) para nós, dentro do nosso ritual, dentro dos nossos preceitos, o camarim significa: prisão, morte, ressurreição de Jesus Cristo. Tanto é, que, cada Yaô, quando sai Yaô, até então ele é um médium iniciado, a partir daí ele já passa a ser um Yaô, quer dizer a iniciação principal. Quando ele sai do camarim, ele já recebeu um nome no santo, ele não passa a ser Adilson mais, ele é filho de

Oxóssi. Então ele vai ter um nome. Quem dá esse nome é o próprio Orixá, pro Adilson. Entendeu? Ou, ás vezes, o juntó é que dá o nome. Entendeu? Não é obrigatoriamente ou necessariamente ser o orixá de cabeça. O dijuntó, aliás, o juntó é que pode também dar o nome. Agora, através disto aí eu vou saber o nome do médium através dos búzios que eu vou jogar. O anjo da guarda, peço licença, jogo pedindo ao orixá que me dê orientação, que me transmita o que é, e quem é, e porquê é, né? E normalmente se descreve o nome, né? Eu passo, também não passo nada escrito. Mas faço um comentário, para que o médium saiba o porquê que ele está tendo aquele nome ä partir daquela data. Então, Jesus ressuscitado é o médium que passou os 3 dias recolhido. Em recolhimento absoluto! Fica dentro do roncó fechadinho. Ali ele só sai para satisfazer suas necessidades fisiológicas. Comer, beber, é o que eu, ou o zelador de santo ponho lá. E não dá na mão, também. Coloca assim, por baixo da cortina. Por baixo daquele lençol fechado, o Roncó. Não dá na mão, não cruza olhar com ninguém. É um recolhimento absoluto, nesses 3 dias. A partir da essa iniciação, cada ano se faz obrigação para um orixá. E aí, então eu faço como, como eu sou do 9, né, e 9 é do Oxóssi, então eu faço com que o médium fique no mínimo 9 horas de recolhimento absoluto. Normalmente sempre fica mais, 10, 12, 15, 16 horas. E o que eu faço? Quanto mais puder ficar, melhor. Porque aí eu faço o médium ficar recolhido no Roncó. Eu fico, sabe? Chamando a atenção, para que todos rezem, para que fique de cabeça coberta, não fique de pé, não fique sentado. Procure ficar deitado, rezando, porque além de tudo isso, facilita o meu trabalho. Porque o médium estando lá tranqüilo no Roncó, eu sei que ele está bem assistido, e eu posso dar seqüência nas minhas comidas de santo.

Esse Roncó que você falou, o que vem a ser?

L: É um quarto.

É um quarto, certo.

L: Um quarto, um quarto. Aliás, o termo Roncó é quarto, no Bandú significa quarto.

Existe alguma diferença no seu comportamento ou dos seguidores, entre a época do Sr. Benedito e os dias de hoje.

L: (risos) Diferença de comportamento eu não tenho. A assiduidade dos que freqüentam hoje é a mesma dos que freqüentavam antigamente. Porque muitos já

faleceram, muitos já foram, viajaram para outras cidades, não moram mais aqui, outros já passaram da idade, já não quer vir, não quer aparecer de bengala no terreiro, sabe como é...tem aquelas, tem aqueles certos tabus de cada um. Então, não tem mais, mais o comportamento é normal, é de todos, é quase igual, ou senão igual.

Certo. O respeito que os filhos tem para com o pai-de-santo, a gente ouve falar muito que eles temem. Aqui há isso?

L: Não! Temerário, não. Há respeito. Não existe coação, não existe imposição. Existe conselho e orientação. Eles, eles tem respeito ao zelador de santo, ao pai-de-santo. Temer, não. Não existe medo. Porque eu já, inclusive, desde o início eu já, passo esse tipo de orientação, quando eu vejo o médium novo, eu falo: olha, pai-de-santo aqui, não é bicho, então não precisa ter medo do pai-de-santo, você tem que ter respeito ao seu orientador espiritual.

E qualquer pessoa pode entrar nessa religião?

L: Pode, desde que tenha vocação, desde que tenha vontade, fé.

Essa vocação que você fala, seria a pessoa ter que incorporar, necessariamente?

L: Não, não, não! Incorporar é uma outra situação. É uma outra situação. A Nair, mesmo, por exemplo, é uma médium, que ela só, até hoje ainda não é firme no santo. Ela sempre foi uma médium de benzimento, vamos supor, né. Porque a mediunidade não é só você incorporar. A mediunidade é de vidência, é de transporte, é de corporação, é de intuição, não é? De audição, não é? Então a mediunidade ela é diversa. E cada médium tem a sua mediunidade. Aqui em casa a maioria dos médiuns que freqüentam o terreiro, ou que passa a freqüentar o terreiro, normalmente é médium de corporação. Então ele se sente obrigado, mas ele se sente obrigado, ninguém obriga. Ele se sente obrigado através da entidade dele, então ele vem e aí ele vai incorporar, a gente vai falar com a entidade, ás vezes pode ser meio rebelde, agente procura doutrinar, procura orientar, né? Procura por um...e procura orientar o médium, também, porque ás vezes tem médium que vem, mais, mais chucro que uma porta, né? Então você tem que dar orientação e mostrar para ele que não é daquela forma, que ele tem que encarar a fé dele, não daquela maneira, que ele vai querer resolver tudo no tapa, no tranco.

Não vai resolver nada, então vai ter que aprender, também, aí. Então a gente faz uma iniciação aqui exatamente do b-a-bá. O médium, cada médium que vem no terreiro a gente vai ensinando ele, e a gente começa lá de baixo, do b-a-bá, bem do b-a-bá, começa lá por baixo.

O fato do senhor ser branco, ter olho azul, dentro de uma religião negra, trouxe algum problema?

L: Não, nunca houve divergência. Nem de cor, nem de raça, nem de nada. Nem de cabelo crespo, nem de cabelo liso.

Nem preconceito?

L: Não! Preconceito não existe dentro da Umbanda. Não pode existir preconceito. Então não é religião, então não é fé!

É porque hoje, quando a gente chega num templo, geralmente se procura por um negro, né?

L: Sei. Não, aqui nunca teve isso, não... Nunca teve isso.

O Sacerdote anterior da casa era negro?

L: Não, ele era moreno. Negro, negro, não.

Certo

N: Era Moreno. negro, negro, não.. e a minha mãe-de-santo era branca, branca, branca.

A mãe-de-santo do senhor, como se chamava?

L: Antonieta Frantuchello.

Descendente italiana, pelo jeito?

L: É ! Por sinal! São tudo cria aqui de Americana, tudo criado aqui em Americana, minhas irmãs.... Mas eu tinha mais afinidade com ela, mais contato com ela.

Certo. A questão do sincretismo religioso dentro da Umbanda, como que é aqui na casa do senhor?

L: Por exemplo: Vamos começar pelo meu orixá de cabeça. Eu sou filho de Oxóssi. Oxóssi dentro da nossa, nosso ritual de Umbanda, é o São Sebastião da

igreja católica; O Ogun, dentro da nossa Umbanda, ele é o São Jorge, dentro da igreja católica. É Santo Antonio dentro da igreja católica, também é chamado de Ogun. Ele é chamado de Ogun de ronda, que é o chefe, os fiscais, o fiscal dos Exús, né? Aí temos Xangô. Xangô nós temos: São João Batista, (Xangô menino) São Pedro e São Paulo, não é. Tem São Judas Tadeu, né. Que é, que são considerados, que são os santos católicos considerados Xangô, dentro da nossa Umbanda. Entre os Oguns ainda existe o Santo expedito, né? Que é Santo Antonio, São Jorge, Santo Expedito, são os três santos da igreja católica que são considerados os Oguns dentro da nossa casa. Depois nós temos: os pretos velhos, que são as almas, são todas almas. Nós temos o bejáda, ou Ibejí, como você queira falar. Ou as crianças, também.,né? Que é cosme e damião, né? Doum e o crispim e o crispiniano, são as crianças, são as bejádas. Dentro da igreja católica são esses: crispim e crispiano, cosme e damião e Doum. Apesar que a igreja católica não cultua muito, né. Não é todas igreja católicas que cultua Cosme e Damião e Doum, mas na igreja católica é chamado assim. Nós temos mais Nanã Buruque, vamos começar lá de cima. Que é a mãe das mães, a vovó, que é Sant'ana. Depois nós temos a Nossa Senhora, Nossa Senhora da Conceição, Aparecida, e Nossa Senhora Aparecida, também, como queiram aceitá-la, que é Oxum. Temos a...Imaculada Conceição, que é inclusive, na igreja católica se prestigia na data do dia 8 de dezembro, que é considerada Iemanjá, a rainha dos mares. Quem mais nós temos? Santa Bárbara, que é Iansã. Uma delas, né? Mas da igreja católica é Santa Bárbara. Santa Rita de Cássia também é Iansã. Esses são os santos. Tem o seu Obaluayê. Também na igreja católica é o São Lázaro. E tem o senhor Omulú, que é o dono do cemitério, pra nós. É um dos. Que é o santo é...como é que chama, Maria Alice?

São Roque. Ás vezes "dá branco" em mim também. Mas é o São Roque, o Omulú. Quer dizer, o seu Obaluayê também é dono do cemitério, é o Deus da doença. É o São Lázaro na igreja católica. E o São Roque é Omulú. Na igreja católica São Roque; pra nós é Omulú. Também que nós cultuamos dentro da Umbanda, que Umulú nós cultuamos só no Exú. E Obaluayê que é São Lázaro nós cultuamos na Umbanda.

Existe separação entre Orixá bom, Orixá ruim?

L: Não, Não! Aí, cada pessoa que freqüenta o centro, tem uma fé ou tipo de crença em determinados Orixás. Então, ele acha que o Ogum é melhor que o

Oxóssi, o Xangô é melhor que o Ogum, a Oxum, ela é mais suave, mas não existe diferença. Existe uma.... desde que é um Orixá, todos eles tem a mesma força, tem o mesmo poder. Vai depender da crença de cada um, que vai se interpelar aquelas entidades.

Sobre o sincretismo, a minha pergunta é a seguinte: porque foi sincretizado com os santos da igreja católica, e não com santos de outra religião? O senhor sabe?

L: Bom, no Brasil, principalmente, essa forma de adoração, ela começou através dos escravos que vieram pro Brasil. Então, nós temos normalmente, sempre a origem da Umbanda do Bantú. Então, como havia naquele tempo da escravidão, a diferenciação dos senhores de engenho e dos padres, lógico, do clero, eles não admitiam. Eles não admitiam que, que tratasse dessa maneira os Orixás. Então, para eles poderem, os escravos, para eles poderem cultuar a Umbanda e o Candomblé, eles tiveram que fazer uma modificação. Então, eles não cultuavam o Ogum, tinha lá dentro da igreja deles um São Jorge. Porque se o padre ou o senhor do engenho chegasse lá, porque eu falo do senhor do engenho, dá impressão que não tem nada a ver com a história, mas tinha. Porque são escravos, o senhor do engenho que mandava, e eles tinham que fazer. O padre determinava o senhor do engenho, o senhor do engenho exigia, entendeu? E...então, eles chegavam lá, eles viam o São Jorge. Quer dizer, vai falar: lá tem um São Jorge, lá tem um santo, né ? Então, eles podiam continuar o trabalho deles. Mas houve associação de valores exatamente por causa desta, imposição, principalmente dos padres. Felizmente hoje em dia nós já temos, o espiritismo como religião. Não, religião não, propriamente, Seita, né ? Porque religião é uma só. Religião é Deus. Então, católico, protestante, evangélico, espírita, são todos seitas. Tem nada...cada um tem o seu templo.

Hoje é mais fácil de se cultuar o Orixá do que era a 38 anos atrás?

L: Ah! Nossa mãe! Nem me fale! Muito mais fácil. Muito, muito, muito mais fácil. Muito mais fácil, porque hoje, apesar dos pesares, apesar da nossa seita ser muito denegrida, inclusive por adeptos, da seita, que denigrem a nossa seita, por isso que ela é mal vista, é muito fácil você encontrar pessoas que te expliquem e que te digam o que significa o espiritismo, o que é Umbanda, o que é Candomblé, o que é kardecismo, entendeu? O que é quimbanda, né. Então, as pessoas definem mais rápido, conhecem mais de perto. Antigamente, não. Antigamente era um tabú,

era mais difícil, muito difícil. Você para ir num centro de Umbanda, você tinha que ir escondido. Você não podia dizer para nenhum dos seus vizinhos que você era um espírita. Porque era uma agressão, né.

O senhor sofreu algum tipo de preconceito?

L: Ah, sim!

Por ocupar o cargo que o senhor ocupa? Ou até mesmo por freqüentar a religião?

L: Por freqüentar a religião, percebi, claro. Percebi, há muitos anos... Hoje, não.

Hoje, não?

L: Hoje, não. Mas há muitos anos, eu percebi. Na minha iniciação, principalmente, houve uma divergência até com meus próprios irmãos, de sangue, né? E... aliás, relutam até hoje! Principalmente agora, que estou mais..., bastante mais de idade, então. Eles dizem: porque que você não vem pra cá? Porque que você não fica aqui? Você não deixa pra lá, você não passa para outra pessoa, para poder descansar? Mas eu não quero descansar. Eu quero continuar com a minha igreja, com a minha fé, né. Eu estou bem assim. Estou muito bem assim. Se eu tiver que morrer, eu vou preferir morrer aqui. Eu gosto disto aqui. Eu aprendi a amar, aprendi a querer bem a minha igreja, a minha seita. E eu não troco a minha fé mais.

O senhor falou de...Senhor morrer, senhor quer....

L: Antes de eu iniciar no espiritismo, eu era professor de religião. Da igreja católica. Eu formei uma porção de catequistas. Mas não adianta, sabe, tem que estar no sangue, na índole de cada um. Então, a gente...eu não fui por amor, também no espiritismo. Eu fui pela dor, mas a dor passou logo, e eu continuei com muito amor e com que estou até hoje.

O senhor falou: se o senhor morrer, senhor quer morrer aqui?

L: É modo de falar. Dentro do espiritismo. Como espírita.

Certo. Como o senhor sucedeu o senhor Benedito Minarelli, haverá uma sucessão na casa, caso aconteça isso. Essa sucessão, como é feita? Dentro

da religião? È feito um agrupamento de pessoas, e as pessoas decidem quem vai...

L: Você vai selecionando. Você vai selecionando entre os médiuns, e você vê aquele que se adapta ao sistema, você vê aquele que tem mais amor à fé, você vê aquele que tem mais respeito com os irmãos, quer dizer: todos esses predicados devem ter.

Certo, mas quem vê isso?

L: O próprio pai-de-santo.

Tá, então...?

L: Seria eu!

Sim

L: Sou eu, no caso!

Certo, mas então, hoje o senhor, vamos supor, o senhor sempre tem que ter alguém "na manga"?

L: Já, tranqüilo! O pai pequeno, a mãe pequena.

Ah ! certo!

L: Entendeu? Normalmente você já vai escolhendo por aí. Já começa por aí.

As sessões, são quantas vezes por semana ?

L: Só uma vez.

Uma vez só....

L: Só na Sexta-feira.

Só na sexta-feira?

L: Só na Sexta-feira! Antigamente a gente fazia duas vezes por semana, mas como diminuiu bastante o número de adeptos, então nós fazemos só na Sexta-feira. Também para não cansar, não aborrecer muito o pessoal; e eu andei muito adoentado, também. Não estou tendo muita força de ficar...porque cansa, o trabalho é cansativo.

O senhor se dedica o dia todo à religião?

L: 24 horas por dia! 31 dias por mês! 366 dias por ano. Não é 65, não. É 66!

Quanto tempo dura uma sessão?

L: Duas horas.

E nessas sessões, são sempre invocados todos os orixás, ou não?

L: Normalmente, todos os orixás. Para determinados dias, que você faz só para um.

Certo.

L: Por exemplo, nas datas, né. A data do aniversário de Xangô, do Ogum, da Oxum, da Yemanjá, da Yansã, da Nanã.

Então há comemorações como se fossem, vamos supor assim: o padroeiro da cidade?

L: É. A manifestação é exatamente essa. Sempre essa.

Certo. Há oferendas?

L: Há, há oferendas.

Pra cada orixá tem um tipo de comida. Quer dizer: são vários tipos de comidas pra cada orixá. Mas, normalmente a gente como é meio..., é modesto, financeiramente, então, vamos procurar aquela que a gente gaste menos pra poder agradar a todos, né.

Existe um lado de pessoas que dizem que determinados centros, como o do senhor, fazem coisas..., praticam coisas satânicas, demoníacas....

L: Não, não, não. A nossa casa, a nossa seita, é Umbanda. Isso chama, significa uma banda. Então nós não podemos mudar nada. Trabalho de quimbanda aqui não existe. Nós não somos quimbandeiros. É uma banda. É Umbanda.

Quimbanda seria o que?

L: Quimbanda seria o trabalho através dos Exus, das entidades de menos esclarecimento, menos luz. Aqueles que são....só fazem aquilo se pagar alguma coisa pra eles. São Exus, vamos usar um termo bastante comum, chucro, né. Sem nenhum conhecimento espiritual, sem nenhuma, sem nenhuma luz espiritual. Então,

esses são espíritos que trabalham, desse tipo, que trabalham na Umbanda, digo, na quimbanda!

As vestimentas de vocês são brancas?

L: Branca sempre, branca sempre.

Há os vermelhos, as Yaôs, as babás, babalaôs, que quer “luxar” um pouquinho pro santo, então ele veste a roupa a critério dele, o modelo a critério dele, sempre obedecendo uma certa linhagem da casa. Mas ele pode fazer a roupa dele da cor do santo.

Usa-se o preto?

L: Só pra Exú. Preto e vermelho.

Existe algum empecilho, porque hoje em dia, há um grande número de pessoas que procuram estas casas desesperadas, vou citar um exemplo: os aidéticos. Se chegar um aidético, o senhor atende ele?

L: Claro! Com a maior tranqüilidade. Nossa casa é aberta à todo mundo. Qualquer ser humano.

Preconceito de...

L: Não! Tem aqui, ó, inclusive tem pessoa cancerosa aqui que estou cuidando. Não tem, não tem isso. Não existe isso. Agora, se não consegue sarar, é uma predestinação de Deus, então nós não temos força pra aquilo. Mas pelo menos algum rimitivo nós vamos dar àquela pessoa. Eu sei que não pode ser curado, um aidético. Porque nós não temos remédio pra isso. Nós só temos remédio aqui, espiritual. Entendeu? Agora, por ele ser um doente, e a doença dele também transmissível, entre haspas, nós não vamos deixar de receber a pessoa aqui e dar orientação espiritual, dar amparo espiritual, rezar por ele, acender uma vela pra ele, pro anjo de guarda dele, pro orixá dele.

E na questão sexual. Homossexual e prostituta. Há algum empecilho?

L: A nossa casa é porta aberta pra todas as pessoas. Pra todo ser humano. Aqui pode entrar ladrão, pode entrar assassino, pode entrar prostituta, pode entrar homossexual, pode entrar lésbica, não tem importância nenhuma. A partir da hora

que entrou do portão pra dentro, ela respeitando a minha seita, nós vamos atendê-lo com a maior, ou atendê-la com a maior cortesia possível.

Certo. O Homossexualismo, pra vocês, é considerado um pecado, uma aberração?

L: Não! Cada um nasce com um modelo de Deus. Se ele nasceu com o problema, ou se não nasceu com o problema, se escolheu essa situação, nós não temos nada que impor no sentimento de cada ser humano. Nós temos que se impor, exatamente no sentido espiritual da pessoa. Cada um é dono de si. Nós temos o livre arbítrio. Então, nós fazemos o que bem entendemos com nós mesmos. Agimos da maneira que nós bem entendemos. Desde que entrar dentro da minha igreja, seja aqui, por exemplo, e respeitando as disciplinas da casa e respeitando os ensinamentos da casa, e obedecendo a doutrina da casa, o que a pessoa fizer lá na rua, o que ela for lá na rua, nós não temos nada com isso! Entendeu? É lógico que a gente vai procurar fazer com que se aprimore, que ele tenha mais orientação, que ele tenha um comportamento mais adequado na rua, entendeu? Também, a partir da hora que ele já está familiarizado dentro da nossa família espiritual.

Nós falamos sobre admissão de pessoas, de freqüentadores. E como funciona no caso de demissão? O senhor tem o poder de tirar uma pessoa de dentro templo e não deixá-la mais participar? Porque a religião, é participativa, a partir do momento que a pessoa entra, ela faz parte de um sistema.

L: Faz parte da família espiritual.

Certo. E no caso de ter que tirar alguém. O senhor já vivenciou isto ?

L: Desde que ela tenha um comportamento errôneo, e que não obedece os critérios da casa, ela é eliminada. Lógico que a gente vai tentar fazer com que essa pessoa, é... com que essa pessoa se redima, entendeu? Fazer com que ela entenda que está errado, que não pode agir dessa forma, né. Se ela não obedecer, a gente convida ela pra sair, porque... é aquela velha história: se você é rebelde, não dá obediência, outro novo que chega vai pensar que pode fazer a mesma coisa, então, vai acabar estragando a família. Você entendeu? Com sentimento, é lógico, mas a gente procura eliminar do nosso meio.

E**xiste um líder regional, estadual, ou mundial, da religião do senhor?**

L: Pra mim, não! Pra mim cada um é rei na sua banda. Dentro da nossa seita, cada um é rei na sua banda.

Não existe papa?

L: Não, dentro da minha igreja, não. Existe, por exemplo: no caso, dentro da nossa norma, dentro da nossa hierarquia, existe, como seria, aliás, o meu pai-de-santo, ele hoje, se estivesse vivo, seria o papa, né.

Porque? É considerado um Mocotone. Mocotone é a autoridade maior dentro da Umbanda. Mas dentro do nosso círculo, dentro da nossa família espiritual, entendeu? Porque nas outras, nos outros terreiros, nos outros centros, também existe uma seqüência. Então, porque o papa? Porque ele já tem mais de 72 filhos-de-santo feitos babalorixá. Babalorixá.... O Babalorixá, ele já é um bispo, dentro da nossa seita. E o Babalaô, ele é o padre, dentro da nossa seita, entendeu? A associação de valores é exatamente isso.

E como que é a relação entre templos? O Sr. tem o seu aqui, ali na frente a Dona Maria tem o dela, o da Dona Benedita...Existe uma relação entre os templos, ou não?

L: Não, é muito difícil. Só quem é, por exemplo, aqueles que são feitos aqui na chamada casa grande, então já teve muitos médiuns feitos no centro, já sairam daqui Babalaôs, já abriram sua casa, hoje são Babalorixás, então, há um elo ainda de ligação com essas pessoas, com os criados dentro da nossa casa, mas com os de fora da nossa casa, não existe um relacionamento; existe amizade, mas não relacionamento espiritual, entendeu?

Mesmo sendo Umbanda, os templos não se confraternizam em datas específicas?

L: Não, Não, com nós aqui não. Aqui não, para evitar certas divergências e já nossa seita já é muito mal falada, muito mal falada...quanto menos a gente procurar conversar na rua, esse tipo de confraternização que você fala, eu interpreto assim, de conversar na rua, procurar um centro, falar com o outro, falar com este, com aquele..., no fim cria uma certa celeuma, porque há um ciúmes, porque os menos esclarecidos tem, eu não tenho, mas os menos esclarecidos tem.

As pessoas que estão com problema vem e procuram pelo Sr., e o Sr. quando está com problemas, quem procura?

L: (risos) Olha, boa pergunta...Meus próprios orixás.

O Sr. não tem ninguém que o Sr. possa procurar?

L: Não , Não.

Isso faz falta, faz falta para o Sr.?

L: Se faz falta pra mim? Claro que faz falta...lógico que faz, pra todo mundo faz falta.... É aquela história, eu não tenho pai mais, então, eu tenho que ser o meu próprio pai, tenho que fazer tudo através dos meus pais espirituais que são os meus orixás. Meu Oxossi, por exemplo, que é o santo da minha coroa, a ele eu começo a recorrer misericórdia, pedido de misericórdia, ao juntó que eu peço ajuda pra Iemanjá.

Certo. E voltando um pouco aquele assunto da relação entre as casas, entre os templos, o Sr. acha que se houvesse uma união, união política, seria bom para a religião?

L: Seria bom, menos o político. Porque é exatamente isto que existe hoje, muita política dentro das casas, entre casas, entendeu?

Há uma disputa entre os terreiros de Umbanda?

L: Há, muito velado, mas há. Muito velado, mas há. Os pais de santo e as mães de santo, eu não gosto muito destes termos, pois acho muito pejorativo, eles acham que eles sempre sabem mais que o outro, então, por exemplo, se eu for numa casa, eles vão me receber lá como Babalaô, não vai, se eles acham que eu tenho mais conhecimento que eles já começam a enciumar, começa a criar um ciúmes e então aí, começa a divergência. Claro que eu não quero ir na sua casa e ser maltratado. E tem pai de santo e mãe de santo que não sabe receber um outro pai de santo ou outra mãe de santo, aliás 90 % não sabe; pra começar a pessoa entra dentro da casa, o pai de santo olha e acha que é uma pessoa comum, e não é, as vezes é um Babalaô muito maior que ele, que já tem uma infinidade de filhos de santo feitos. Este tipo de visita é que começa criar uma animosidade, e há animosidade mesmo, não é conversinha, não...

Certo. Vamos mudar um pouco de assunto e falar um pouco de Exú.

L: Vamos falar de Exú.

Quem é Exu?

L: Exu é o empregado do Orixá. Dentro da nossa casa, o Exu é uma entidade que está num plano menor, mas não deixa de ter o seu poder, ele não deixa de fazer... a qualquer pedido que você o faça ele não deixa de atender. O Exu, ele as vezes quer ganhar alguma coisa, mas aí vai depender muito de cada um que vai interpelar o Exu. Agora na nossa casa, a primeira preocupação quando o médium faz a obrigação, que é o Camarim, logo em seguida nós fazemos o batismo de Exu também, que é um outro ritual. Faz o batismo de Exu, pra que? Pra que esse Exu não vá trabalhar dentro da quimbanda, não vá trabalhar dentro da magia negra, por que nós não aceitamos dentro da nossa casa a magia negra. Porque realmente a nossa banda é Umbanda, uma banda só, não tem que pular pra lá nem pra cá. Então, este Exu. ele vai obedecer as determinações do Orixá, principalmente do Orixá chefe da casa, entendeu? Então, Exu vai fazer isto, vai fazer aquilo, não, não vai fazer. Se o Orixá da casa não permitir, e se ele ver que o Exu vai descer do plano dele, mais abaixo ainda, ele não vai, porque além dessa determinação do Orixá, há uma preocupação para que o próprio Exu, por que ele já está num plano superior, porque quem está abaixo é Egum, que é outro espírito sem luz. Se ele passou a ser um Exu, ele já tem um plano maior, ele já tem uma nesgasinha de luz, então o Orixá fiscaliza, pra que se ele for fazer alguma coisa, não faça nada que ele tenha que voltar daquele plano que está, entendeu? Porque o Exu, na seqüência, pode se tornar um Orixá, pode se tornar um Caboclo, pode se tornar um Preto Velho, pode se tornar um Boiadeiro, pode se tornar um Baiano, entendeu?

Então, existe uma evolução?

L: Há evolução. E nós trabalhamos dentro da nossa casa exatamente pra isso, desta forma, pra que o Exu também ganhe a sua luz. Então, aqui não existe....”Eu vou fazer uma maldade”, não vai..., aqui em casa não faz maldade. E nós não deixamos também. Exu diz “Ah! eu vou fazer, eu vou beber o sangue dele”, não vai beber nada, o máximo que você vai beber é um copo de vinho que eu vou te dar.

Existe sacrifício de animal?

L: Existe claro, é obrigatório. Na própria Bíblia, existe o espargir do sangue para afastar a peste, porque que nós não damos também...

Então, para a comunidade do Sr., Exu não é o Diabo?

L: Não, não...Exu é um empregado do Orixá, um espírito que está num plano menor.

E para encerrar, existe casamento, batizado...?

L: Existe, tudo..., todo ritual.

Todos os rituais?

L: Todo ritual.

E para encerrar a nossa entrevista de hoje eu queria que o Sr. falasse, nestes 44 anos, quem é o Sr. hoje, fora e dentro da religião, o Sr. faria tudo novamente, ou não.

L: Ah! Tranqüilamente. Se eu soubesse teria feito antes e com a maior satisfação.

Não se arrepende?

L: Não de jeito nenhum. Aliás, eu tenho uma maneira de vida, que eu não faço nada que eu me arrependa. Tudo que eu fiz, eu acho que fiz consciente, principalmente na minha religião, na minha disposição de fé. As vezes eu penso que eu não tenho muita, gostaria de ter mais, as vezes eu penso que me dedico pouco, gostaria de me dedicar mais, porque com o amor ao Orixá a gente nunca pode dizer “eu já fiz bastante”, eu quero fazer sempre mais, eu preciso fazer sempre mais, por que? Porque tem muita gente precisando de socorro, ele não sabe o que eu sei dentro da espiritualidade, então, ele precisa de mim também; tanto quanto os Orixás precisam de mim também como instrumento deles, eu também sou objeto precioso para eles, eu sirvo de instrumento deles, eles precisam também de mim pra eles ganharem a luz deles, conseqüentemente eu vou ganhar mais indulgências, mas eles estão ganhando a luz deles também.

O Sr. sendo uma pessoa que fez faculdade, uma pessoa estudada, voltando ao velho tabu que existe na religião, o Sr. se sentiu privilegiado em

determinadas ocasiões por ter estudo, por que a maioria das pessoas que freqüentam a religião não tem, são pessoas humildes...

L: Eu sou privilegiado, claro, neste ponto eu sou, com um pouco de sacrifício, mas eu sou privilegiado, claro que eu procurei tirar proveito, mas eu tive chance e tive sorte, e fui em frente até quando pude também, até que chegou um determinado tempo que encerraram minha carreira lá fora pra mim poder me dedicar a vítima.(risos).

Eu não me arrependo por isso, hoje podia tá sozinho, tranqüilo, lá fora, não cuidando de religião, com um escritório de advocacia, levando a minha vida, ganhando mais, não sei se isso ia influenciar alguma coisa de bom pra mim, talvez fosse bem pior, aqui não tem muito melhor, mas tá muito bom, tá ótimo, e eu não me arrependo não, se tivesse que começar faria de novo, desta mesma forma.

Entrevista realizada dia 18/02/2005

LEGENDA DAS FALAS

L: LEOCRÉCIO

N: NAIR

M: MARIA ALICE

Foi a partir daí que a senhora começou já a freqüentar a casa, ou não? A senhora só veio resolver o problema...

N: Não, não. Já fiquei.

Já ficou. Fez obrigação... Na época que a senhora veio, já era o "seu" Benedito?

N: Não, não fiz obrigação, mas já era o Pai Bene.

Já era. Foi ele que tava no cargo de pai-de-santo.

N: Sim

A senhora lembra, quando a senhora chegou, já tava toda essa construção feita, ou não? Como?

N: Como ?

Essa construção, toda?

L: Não, não tinha nada feito, aqui. Não tinha nada feito aqui. Tinha um quartinho ali embaixo, isso aqui era tudo uma chácara, só.

N: O terreiro já era feito. E nesse lugar aqui era um quartinho, que tinha ali onde é a lavanderia.

Quem construiu, então foi o "seu" Dito?

L: Foi, foi o Sr Dito.

Aí a Senhora Deu todas as obrigações...?

L: Não. Ela deu as obrigações de santo comigo. Ela não deu as obrigações de santo com o pai-de-santo. Com o pai-de-santo ela só fez a lavagem de cabeça, só o Amassi.

Então só reforçando: Dona Nair deu obrigação com o “seu” Benedito?

N: Não.

Com o “seu” Lucrécio, desculpa...com o “seu” Lucrécio. É que a gente fala pai-de-santo, então na hora eu troquei só o...é complicado...

L: As obrigações do santo ela deu comigo. Depois que o {velho} morreu, faleceu, ela, ela quis fazer o santo.

Como é que era naquela época, Dona Nair? Era igual que agora; o que que mudou daquela época?

N: Pra mim não mudou nada.

Nada.?

N: Nada.

O Lucrécio continua a tradição de acordo com o que o Benedito fazia?

L: Fazia., Mesma cartilhinha...

Isso é importante a gente falar, porque como a gente está levantando a história... então, porque nossa religião é que nem nós conversamos na outra vez: não tem é... escrita. É tudo passado oralmente, né. Então é muito importante que a senhora dê esse testemunho, que o Lucrécio continua o mesmo mandamento como o Dito continuava, né?

Vinha muita gente naquela época, Dona Nair?

N: Tem época que vem bastante, né? Tem época que vem bastante, tem época que encolhe, né?

Na média, em média, assim, quantas pessoas vinham? Na corrente, mesmo, fazendo parte da religião?)

N: Há, vinha bastante, né?

A senhora não tem idéia de quantas, assim, mais ou menos? 100, 80, 40?)

L: Umas 40, 45 tinha.....Tinha bastante.

Tinha assim, que vinha de São Paulo também, né?

N: É... de São Paulo tinha muita gente que vinha.

Mas é que a gente não contava, porque era bastante.

E da época que a senhora freqüentava, de quem mais a senhora lembra?

Assim, que freqüentava aí também? Que começou mais ou menos junto com a senhora, ou que já estava aqui? A senhora já citou a Dona Edinéia, né? Quem mais a que senhora lembra daquela época?)

L: a Maria do Salin, a Lurdes de Limeira, a Leonete.Essas eram daquele tempo.A Lourdes de Piracicaba...A Lourdes de Piracicaba veio depois. A Lurdes de Piracicaba veio depois de mim. A Lourdes de Limeira, a “Lourdes Preta”, a Lourdes de Santa Bárbara.

N: Do Dijo?

N: Depois de mim, também.

L: É, do Dijo, ela veio depois de mim.

L: É, bem depois. A...veio junto de você, da mesma época, a Lourdes de Limeira, a Leonete, a Lourdes de Limeira, a Leonete, a Maria Passarinho...

A Edinéia, na época, freqüentava aqui?

L: A Edinéia freqüentava. A Edinéia fez o camarin, junto com essas pessoas que eu tô te falando. Com a Dona Maria, de Nova Odessa, que já é falecida, com a Lourdes de Limeira, com a Geni, sobrinha da madrinha, com a....., mas aquela é depois de mim.... Aquela é minha filha de criação.

L: Não. Ela fez... Não! . Você está falando da Beatriz?

N: Não!

L: A do João Azanha? A do João Azanha é depois. A do João Azanha já é minha filha de Criação. Ela deitou, e eu que cuidei. Ela recolheu no Santo, eu que cuidei.

M: A Dona Dalva e o Seu Sérgio.

L: A Dalva e o Sérgio, também.

N: Eu vim antes deles...

L: Não, a Dalva e o Sérgio é depois de mim, também....

E a Clotilde?

L: A Clotilde é minha filha de Santo.

M: E a Dona Maria?

L: Então, a Dona Maria .Aquela é minha mãe ???

E aquela de cobra coral, de Piracicaba?

L: Áh, a vovó? A vó é...

Como ela chama?

N: Djanira.

L: Djanira. Que é do Cobra coral, lá, né? Ela fez o Santo com meu pai de santo, mas ela só fez dois preceitos.Ela fez o camarim, e fez mais um preceito do preto velho.

M: E o Osvaldo?

L: O Osvaldo é, vem depois. Ah! Ela fez junto com o Osvaldo. Depois do Osvaldo, ainda. Ela fez sozinha. Foi depois do Osvaldo, da Lourdes... O Padrinho recolheu ela pra Xangô. Ela é de Xangô. Depois nanã.

Que cabeça, heim?

L: Ela é de Xangô e Nanã. E o...só que depois ela foi fazer o preceito na Bahia, né? Aí ela acabou de se aposentar.

Quanto tempo o seu Benedito já tinha de iniciado na época que a senhora entrou. A senhora lembra? A senhora sabia, mais ou menos? Quanto tempo já tinha o terreiro?

N: Ah! fazia tempo.

Já fazia tempo. Quem "fez" o seu Benedito, você sabe, Lucrécio?

L: Foi uma avó Cristiana, lá do Rio de Janeiro, mas eu não conheci ela, não. Ela já tinha falecido, quando eu conheci meu pai-de-santo. Mas os iniciados do meu pai-de-santo, primeiro foi o Ataliba, que eu não sei o sobrenome. Ataliba... depois João Carlos e a Maria... Maria, João Carlos..., depois foi a Edinéia..., Leonete..., Lourdes, de Limeira, que eu não sei o sobrenome, também.

M: Quem é a mãe daqueles moreninhos? Como que é o nome?

L: Maria. Edite? Judite? Edite. Mas aquela é minha filha de Santo. Maria...como é que é o sobrenome da Maria?

N: Que Maria, a do Seu Carlos?

L: Eu vou lembrar... Espera que eu vou lembrar... Maria...Maria, Maria, Maria, Maria... Maria...Maria Júlio.Calami, né? Já cofou, também.

M: E a Lola?

L: A Lola, a Lola fez com o padrinho, mas ela só fez o Amaci.

M: Ela não tinha nada, a Lola?

L: Não. Só tinha o Amaci. Só tinha a lavagem de cabeça. Ela era da Ossaim, né ? Padrinho fez Ossaim. Fez o Amaci pra ela da Ossaim.

Aquela de Nova Odessa. Enedina.

L: Enedina é filha da Maria, da Calomi.

Não foi você que fez?

L: Fui eu que fiz. Ela deitou com o meu pai de santo, só que recebeu o decá da minha mão. Eu dei seqüência, porque a casa é a mesma.

A Ditinha, A Ditinha não chegou a dar obrigação aqui?

L: A Ditinha, não. A Ditinha... a Ditinha não fez. Só a mãe dela que fez o amaci.

M: Qual Ditinha?

L: A Ditinha, do Dito.

N: Não, pai, A Ditinha que tem um centro lá perto da cadeia.

L: Não, pera aí. A Ditinha fez, sim. Ela fez... .

N: Não, ela tem só a cabeça lavada.

L: Então.ela fez a lavagem de cabeça.

É, porque segundo ela, ela se iniciou no Guiné Preto, né? O Guiné Preto em São Paulo, parece que fez ela. Que ela deu obrigação, mesmo. Não sei se ela deu obrigação.

L: Ela deu obrigação aqui, mas a obrigação que ela deu aqui foi só o Amaci. Foi só o amaci.

É que as coroas, né, usa esse termo...

L: Não, não fez. Ela não recolheu pro Santo, ao fazer o camarim.

Certo.

L: Quem mais, naquela época?

N: Maria Passarinho, né pai?

L: Dos primeiros, Maria Passarinho. Você sabe que ficou até melhor agora, pra escrever, de óculos? (risos)

Porque, você não usava?

L: Não, eu tava sem óculos, eu tava adivinhando o que que eu tava escrevendo. Ataliba foi o primeiro. Recolheu sozinho, né?

N: A Dona Terezinha também fez sozinha.

L: Mas a Terezinha levei mais pra cá. Tem a... a Virgem, a virgem. Eu ví ela hoje. Tá mancando. Uma véia... mais tá acabada.., judiação. Tá com o sobrinho lá dá, dá...da coisa lá...neto da..., daquela sobrinha dela. Eu vinha subindo aqui perto da casa do Dito, o Dito que morreu, também, Dito . É...Margarida, Margarida.

M: E o Manoel, quem fez?

L: Manoel não fez. Manoel nunca fez obrigação nenhuma de santo.Nem lavagem de cabeça. Manoel, ele fazia tudo dentro do terreiro, mas ele não queria se envolver no Santo.

Quem mais que tinha?

M: E aquele moço que trabalhava com você? O Wesley?

L: O Wesley? O Wesley veio depois de mim.

M: Então, mas quem fez ele?

L: O pai que fez.

Vocês têm o registro dessas obrigações?

L: Tinha, mas sumiu tudo.Sumiram, roubaram, levaram embora. Depois que o velho morreu fizeram uma limpa, aí. Até roupa de santo dele, as relíquias roubaram, levaram embora.

Você tem fotos do Benedito?

L: Não.

Ninguém na casa tem?

L: Ah! tem uma, sim. Tem uma aqui e tem a outra lá no terreiro. Dele e da madrinha.

Dele e da mãe dele?

L: Dele e da minha mãe de santo.

Áh, da sua mãe de santo? Achei que era da mãe dele.

L: Mãe de santo por respeito, né? Porque o terreiro era dela, né? Quem cuidou de mim no santo foi ele, mas era dela, era dona da casa, quer dizer, de qualquer forma, ela também não tinha obrigação de santo, mas a gente respeitava ela como uma mãe de santo, né. E todos sempre respeitou ela como mãe de santo, né?

Ela quem? O nome?

L: Antonieta Frantucchello.

É que fica mais fácil pra gente localizar na ficha.

Dona Nair, de lá pra cá a senhora sentiu que as pessoas estão vindo no terreiro pelas mesmas coisas, ainda, ou mudou?

N: Como assim?

Antigamente vinha-se mais, (pelo menos é o que a gente ouve falar, né?) por coisas mais sérias, procurar o santo. Hoje em dia a senhora acredita que ainda vêem isso aí, ou o pessoal procura outras coisas, tipo casamento, alguma outra coisa assim? Ou pra fazer o mal pros outros?

N: Pra fazer o mal sempre teve, né? Sempre teve.

O tipo de pessoa que vinha naquela época, a senhora acha que é o mesmo tipo que vem agora?

N: Alguns...

Porque geralmente eles fazem o centrinho deles lá, e...comércio, né? Faz comércio, né?

E você, Maria Alice, entrou por que?

M: Eu? (risos) Porque que eu vim aqui, “Lú”?

L: Por que? Qual foi o motivo que você veio?

M: Necessidade.

L: Qual delas? Tem tantas...

L: Qual dos motivos? Tem uma série deles.

Qual você acha que é o mais importante? O mais “piriquitante” ?

M: Ah., eu sempre freqüentei terreiro, desde pequena. E... aí eu fui num terreiro, e o moço fez a minha cabeça, acho que errado, não sei, sei lá, lavou minha cabeça pra Iemanjá, aí eu fiquei quase dois anos sem ir no terreiro. Aí eu fiquei com a cabeça toda... não acreditava mais em nada. Aí eu comecei a trabalhar num lugar que tinha um moço que vinha aqui, o Joaquim. E aí nós trabalhávamos juntos, e daí um dia ele comentou. Eu falei: Ah, eu não acredito mais em nada, e esses santos não existe nenhum. Aí um dia ele convidou eu pra vim. Aí eu fazia faculdade, eu falei: olha, de Sexta é muito difícil, né. Só um dia que tem uma folga, não tenho aula. Aí eu vim. Aí gostei e fiquei.

Desde aquele dia você começou a freqüentar, e... não parou mais?

M: Não parei mais.

E a senhora, dona Nair? A senhora já tinha ido em algum terreiro antes de vir aqui?

N: Não.

A senhora foi batizada na igreja católica? Foi?

N: Fui.

E você?

M: Fui batizada, crismada e criada na barra da saia de padres, mas nunca gostei.

Você também foi, Lucrécio?

L: Fui batizado, fui crismado..., Casado, Heim? Casado, na igreja católica.

Tem algum fato que a senhora lembra, que a senhora gostaria de falar, dona Nair? Um acontecimento, assim, que aconteceu na época, que marcou?

N: Não...

Uma festa...

N: Uma festa... tuda vida foi uma festa bonita, grande, né, boa...

Mas nenhuma que a senhora lembre, assim, que a senhora gostaria de comentar?

N: Elas eram todas iguais, né? Os santos são todos iguais.

E não tinha nenhuma pessoa, assim, que chamava mais a atenção no terreiro? Na época que a senhora entrou? Ou atenção de beleza, ou atenção de problemas, né? Porque tem pessoa que... é... chegou pra dar problema, né? Chegou, fala: lá vem o problema, né? Tinha alguém assim ,ou não?

N: Não

L: Maioria. Maioria vem pra dar problema. Quando não dá problema, entra começa a dar. Quando não vem com problema. Começa a criar problema.

Como que é a comunidade, aí dentro, Maria Alice. Hoje, como que é?

Existe uma confraria, ou não. As pessoas conversam... Têm objetivos comuns, ou cada um vem buscar aquela coisa individual, e vai embora.?

M: Tem uma turma que tá junto, tem outras não. Vem, deita sua obrigação e vai embora.

Não se intera com os outros, não se integra?

M: Não. Não conversa, não bate papo...vem, cuida da sua obrigação e vai embora.

Agora tem uns, não. Que gosta, conversa, vem, chega...chega mais cedo, conversa, se tá no trabalho, fica, quer saber, quer cuidar, quer... sabe...

Quer conhecimento?

M: Quer conhecimento.

Na época da senhora tinha gente assim, também, dona Nair? Tinha?

M: Ele quer que você fale, Naia.

N: Áh, que eu falo?

M: É, ele quer.

N: Tinha. Tinha.

M: Eu acho que hoje, assim, a pessoa sai como, diz, com a sacolinha cheia, e não quer saber. Eu acho que na minha época o pessoal era, né, Nair, mais...

N: Geralmente, geralmente é assim: se a gente sabe que tem gente que tá precisando das coisas, se ajeita tudo direitinho, quando ajeita tudo não vem mais. Daí quando torna caí de novo, torna voltar “traveis” pedir de novo.

M: Não tem aquele amor pelas coisas do santo, né? É mais uma coisa material, né? Uma coisa, né, Lú ?

É, isso todo mundo comenta, né? Eu vivo isso lá na minha casa, também...

M: E fora aquela coisa de preconceito, né? Do portão pra fora ninguém é espírita, do portão pra dentro eu sou espírita. O povo não quer saber qual é o seu trabalho, nem a sua família, nada.

L: É a lei de Murici.

M: Né? Então eu acho que geralmente a pessoa acaba se afastando por isso, por causa do preconceito.

E ela só volta porque ela vem por causa da necessidade. Não por amor ao santo. E são poucos que ficam no terreiro. Pode ser qualquer um, qualquer terreiro. Só vem, fica mesmo aquele por amor ao santo.

Como que o seu Benedito tratava as visitas que vinha no terreiro?

N: Como assim?

Os Pais-de-Santo. Vinha muito pai-de-santo na época?

N: Vinha, né, pai?

L: Vinha muitos.

Então quer dizer: naquela época tinha mais acochego do que tem hoje, nas casas? Porque hoje, a casa é... as casas são....

L: Tinha mais, tinha mais.

Tinha mais, então?

L: Tinha mais, tinha mais.

Era mais unido, então?

M: Era mais por que tinha mais confraternização.

L: Era mais...era mais...

M: Era uma briga por causa de terreiro...

N: Agora, cada um quer ter o seu, né?...

E porque vocês acham que aconteceu isso? O que fez levar a isso?

M: Comércio.

Concorda, Lucrécio?

L: Concordo, porque eu fiz muito filho de santo aqui, e eles estão com terreiro aberto. Eles além de abrir o terreiro deles, eles levam os outros meus filhos de santo lá. Então, você soma isso a interesse financeiro, não a interesse religioso. Porque por interesse religioso, estariam todos aqui, a minha volta. Como eu não dou trégua pra ficar fazendo marmotagem, explorando os outros financeiramente, eles fogem. Precisam explorar em outro lugar. E eu não aceito, mesmo. A nossa pobreza, a nossa pobreza continua, mas ela continua mantendo a casa em pé. A duras penas, vai continuar. Minha casa tá de pé e vai continuar de pé.

A senhora lembra quando o seu Benedito faleceu, e o seu Lucrécio assumiu a casa, a senhora lembra? Era concordância de todo mundo, isso, ou teve discordância de alguém?

N: Tudo concordou.

Tudo concordou.

Hoje, (entenda a pergunta, pelo amor de Deus...) se acontecer alguma coisa com o seu Lucrécio, já tem uma pessoa pra assumir o lugar dele? A senhora acha que tem alguém na casa preparado?

N: (Não responde)

E você, Maria Alice? Você acha que tem uma pessoa que possa substituir?

N: Só se ela substituir...

M: Ah, eu acho que tem...

L: E é o que vai acontecer, né? Se caso... se caso não, porque isso é verdade sabida, né? Um dia vai. Pode até ser que ela vá primeiro, mas não acredito, né. Pela lógica... inclusive a diferença de idade é bastante grande, então....o certo é que ela tenha que assumir, né?

Então no caso, se acontecer, quem vai assumir a casa vai ser a Maria Alice?

L: Provavelmente.

M: Eu e Marcos Timóteo...ele tá sendo preparado pra assumir o lugar...

L: É, tô tentando, mas ele tá difícil, né, de acertar a situação dele. Porque ele é tropeiro, e agora começou com... comprou...comprou arquibancada, comprou arena, e...agora tá envolvido com...

Ele tem uma ranger ? Não, então não é...

M: Não, ele é de Águas de São Pedro.

É que eu conheço um Marquinhos que é tropeiro também...

M: Mas numa conversa que o Pai tava passando o terreiro pra mim, eu falei pra ele: eu não tenho condições sozinha. Eu acho que eu como mulher, assim, tem muitas coisas que eu não vou poder fazer. Aí ele pegou e falou assim: ele falou não, o Marcos tava aqui. Aí o Marcos prometeu pra ele, que na falta do Lú, ele vai cuidar daqui.

L: Então tá bom. Se ele já prometeu. Tomara que cumpra, né? Só que vai demorar pra pôr um de vocês. (risos)

Eu tenho... tenho muito anzol, muita linha, muita vara pra estragar ainda na beira de rio.

Você tem medo de assumir, Maria Alice?

M: Ah, eu tenho. Claro, né?

Você assumiria, Nair?

N: O que?

A casa?, Não?

L: Ela não sai da casa, mas ela não assume a casa.

Por que você não assumiria? Posso chamar você de você?

N: Pode. Eu não assumiria por causa que falta leitura...

L: Isso não quer dizer nada, meu pai-de-santo era analfabeto.

Você acha que a leitura é importante?

N: É importante!

L: Meu pai-de-santo era analfabeto, nem por isso ele deixou cair a casa. Pelo contrário.

N: Agora pra controlar a turma, assim, eu controlo muito bem. Mais...cabeça de terreiro,não.

Perde os cabelos, né... perde os cabelos... (risos)

Mais alguma coisa que vocês acham relevante falar da época do seu Benedito..., de como era a casa..,se tinha alguma diferença do que tem hoje...,alguma coisa que vocês acham interessante que conste, que faça parte...

M: Aí quem tem que falar é a Naia... a Naia, quantas gerações ela não pegou aqui...

N: Não! mudar nada, não mudou, né?

Não.

N: Não.

Os pontos continuam os mesmos, os toques continuam os mesmos, a abertura, tudo a mesma coisa?

N: Os mesmos. Os mesmos. Os mesmos.

L: Fora os que eu fiz, né?

As roupas?

N: As mesmas.

Legal. Isso é legal, né? Porque realmente conservou a essência.

L: É, tá conservado isso. O catecismo é o mesmo...

Nunca foi trocado nada, aqui

M: Como assim?

Porque hoje, a gente houve falar muito de Umbanda cruzada com Candomblé, Umbanda cruzada..

L: Não!!!

L: Não. É estritamente Umbanda. É uma banda. Umbanda só.

N: Nada de cruzamento (risos)

L: Não tem nada de... não tem nada de mesa branca, ou kardecismo, como queira falar, porque os kardecistas eles falam que é mesa branca, né? Kardecismo...não tem nada a ver com kardecismo, não tem nada a ver com Candomblé, não tem nada a ver com quimbanda, nós temos Umbanda, uma banda só.

De qual gira a senhora gosta mais, dona Nair?

N: Eu?

É. De qual gira a senhora gosta mais?

N: Das duas.

Mas tem uma em específico, que a senhora prefere?

N: Pra mim tanto faz...

Tanto faz?

N: Tanto faz...

E você, Maria Alice?

M: Eu? Eu gosto de Oxossi.

E você, Lucrécio. Tem alguma preferência?

L: Eu não tenho preferência. Eu todas elas pra mim são excelentes, porque eu tenho um conceito de, das entidades, cada uma tem um poder. Só que o poder deles são iguais. Todos têm o mesmo poder.

M: Até aí tudo bem...

L: Depende da concentração do médium, depende da criatividade do pai-de-santo, da firmeza dos pontos, da confiança do consulente, então tudo isso faz o trabalho ser mais bonito. A soma de tudo isso enriquece e enobrece o trabalho. Agora, pode ser de preto velho, preto velho é gostoso, porque é bastante humilde, né; de Oxossi, caboclo, ibeji, né, que a criança é uma gira bastante inocente, né, bem, bem...

O que mais que a gente podia falar...vai, dona Nair, solta uma história boa aí pra nós... um fato, alguma coisa assim...que a senhora possa contar...

M: Uma coisa que marcou, heim, Ná? No primeiro dia que você entrou no terreiro, o que você viu?

N: Tudo mundo...

M: Então, eu sei, mais ás vezes uma coisa marca o terreiro pra gente.

N: Agora eu não me lembro...o que marcou, o que marcou...

Mais alguém da família da senhora freqüenta? Ninguém?

N: Não.

O marido da senhora?

N: Não tenho marido.

Nunca teve? A senhora não casou?Ah...casou? Mas ele não vinha? Não gostava?

N: Não. Nós não vivemos juntos este negócio, este negócio de espiritismo.

A família da senhora é contra, dona Nair, ou foi?

N: Não. Os meus pais eram Alan Kardec, né. Faleceram os dois. Meus outros, meus parentes são, que estão vivos, são crente.

E eles visitam a senhora?

N: Não, porque eu nem sei porque, sabe? O negócio é assim: é que a gente quando é mais pobrinha, né, pai, que fala?

L: Fica marginalizado.

N: É, a gente fica mais...

L: Quando tem menos poder aquisitivo, fica marginalizado dos parentes.

N: É, não procuram a gente. Eles moram em Santa Bárbara, e não vem me ver. Também não vou...

Voltando naquela época, né? Que vocês falaram, o Lucrécio e a mãe da senhora, que a Maria Alice é nova, né, na casa, se for comparar com vocês; quais pais-de-santo que faziam visita na casa? A senhora lembra de algum? Ou em que época, se tinha uma data especial que se reuniam aqui, ou era esporádico?

A senhora lembra de algum?

N: Por nome, já não lembro mais.

Não lembra mais?

Você lembra de algum, Lucrécio, que vinha?

L: Não, também. O único que...que eu lembro o nome, é aquele lá de Santo Amaro, o Mané pomba gira, que chamava, o Mané pomba gira. Aquele lá inclusive nós fomos no terreiro dele uma vez, também.Fui convidado, e nós fomos lá. Foi o único que eu...como é que chama aquele... como é que chamava aquele...barbicha, lá? Que morreu, lá? Que morava no Caiuby, não, não, no Tupy?

N: O Sr. sabe que não lembro mais desse homem.

L: Aquele barbichinha , lá.

N: Eu não alembro desse homem, mais, pai.

L: Eu não lembro o nome dele. E o padre, né?

N: É.

L: O padre você lembra o nome?

N: Não, também não.

M: Que padre?

L: O padre que vinha aqui.

M: Não é Maurício?

M: Não é Maurício, o nome dele?

L: Maurício?

Ah, não! Esse é outro padre. Esse é meu irmão de santo. Esse é o... Marcílio Simões Romiro. Dr. Marcílio Simões Romiro. Mas esse é meu irmão-de-santo. Meu filho de criação, também. Só que ele em vez de, ele em vez de abrir um centro normal, ele abriu uma igreja, e ele faz a celebração do ato religioso, é tudo de maneira, dentro do estilo do padre da igreja católica. Então, ele celebra missa, celebração da hóstia...

M: E aquela igreja, como é que chama? Como é que chama aquela igreja do Bom Jesus dos milagre?

L: Católica brasileira? Mas a dele não é, a dele é... ela tem o nome de espírita, também.

N: Que era do padre Marcelo?

M: Carismática.

L: Carismática.

N: Carismática.

Tinha um padre que freqüentava aqui? Tinha um padre que freqüentou aqui, então?

L: Tinha, tinha...

N: Ele fez o casamento da Sueli, pai.

L: É. O casamento da Sueli foi esse padre que, que..

Fez aqui no terreiro?

L: Que fez aqui dentro do terreiro.

E ele fez no rito católico?

L: Ele fez no ritual católico, só que meu pai-de-santo, lógico, né, Xangô não deixa barato, né, foram os dois: o padre e o pai xangô.

É feito casamento, aqui, Lucrécio?

L: Faz.

Batizado?

L: Também.

De criança?

E ritual de morte, tem algum?

L: Até hoje não teve. Só bati o elogum do meu pai-de-santo.

N: O padrinho fez da Bela, pai.

L: Elegum. Elegum. Não é elogum, tonto.

N: O padrinho fez da Bela.

L: Ah é! o pai fez o da Bela, é isso mesmo.Uma irmã de santo, ele bateu o elegum dela.

M: Como que era o nome daquela que faleceu, aqui?

N: Bela.

L: Bela.

M: Bela.

L: Bela, que morreu dentro do terreiro.

N: Ela sempre falava pra ele; eu quero morrer aqui, perto do senhor...

L: Ela queria morrer dentro do terreiro.

N: Aqui perto do senhor.

L: E morreu mesmo...

N: Morreu. Perto dele.

L: Morreu dentro do terreiro, do meu terreiro, uma filha de santo.

Uma filha da Ditinha, morreu na porta do terreiro dela.

L: Mas a Bela, ela tinha problema de coração. E ela, E ela sempre falava pra gente: eu sei que eu vou morrer, mas eu quero morrer aqui dentro do terreiro.

N: Perto do senhor.

L: Quero morrer perto do senhor. E aconteceu que ela morreu na mão dele, dentro do terreiro.

Dona Nair, a senhora tem alguma distinção entre a espiritualidade devido a cor do Lucrécio ser? Loiro, né. Branco, o seu Benedito. A senhora acha que muda, por causa da coloração da pele, o poder, o axé da pessoa, ou não? Ou é a mesma coisa?

N: Eu acho que não. Eu acho que quem é, é. Pode ser branco, pode ser preto, pode ser azul. Quem é, é; e quem tem, tem.

É porque a gente ouve muita gente falar que não aceita, né...

L: Ele não perguntou isso, Ná.

N: Perguntou.

L: Ele não perguntou isso. Ele perguntou se você acha, que eu por ser branco, e o pai por ser de cor, se eu tenho menos capacidade no santo do que o pai. Isso que ele perguntou pra você.

N: Então, é o que eu falei, pai...

A senhora acha que a força dos dois, pela cor, não muda nada.

N: Não muda. Pelo menos pra mim não mudou.

Tanto é que a senhora foi iniciada pelo Lucrécio, e não pelo seu Benedito.

L: É, a particularidade maior tá aí. Porque ela ficou, ela ficou trinta e poucos anos junto com meu pai-de-santo, mais de trinta anos, e só fez uma lavagem de cabeça. Depois que meu pai-de-santo morreu, primeiro camarim que teve, ela quis fazer o santo dela comigo. Eu até fiquei bravo, né...porque.. falei, pô, trinta e tantos anos com o pai, você deixou de fazer o camarim com o pai , pra fazer comigo? Ela falou: mas eu quero com o senhor. Tá bom, eu vou fazer. Foi a primeira, né. Foi o primeiro barco, é... foi o primeiro barco que eu levantei depois que o meu pai-de-santo faleceu, foi da Nair, do Jair, quem mais que tinha?

M: Quem que fez a Neide?

L: Nair...

M: Quem que fez a Neide?

L: Jair Braga...quem que foi, mais...Serginho...Serginho não é, ele é do mesmo barco?, não, ele é mais novo que você.

N: É mais novo do que eu.

L: Mais novo. O Serginho. Quem mais que era? Não era só vocês dois?

M: O Serginho faz quatro anos que fechou.

L: É, então, é bem mais.

N: A Lourdes do Dija não é do mesmo tempo?

L: A Lourdes do Dija, não. A Lourdes do Dija quem deu o Decá pra ela foi o pai.

Ah, eu não lembro mais. Tinha bastante.

Tinha ?

L: Eu sei que eram dez. Eu sei que eram dez...

A senhora faria o santo de novo, hoje, dona Nair?

L: Faria de novo, o santo, hoje?

Ela não dá, nó sem ponta

N: Faria

E você, Maria Alice?

M: Se eu faria? Faria. Tudo de novo.

Nas obrigações, Lucrécio, tem algum... alguma pessoa que participa além de você, assim,tipo padrinho...

L: Tem, participa, tem. Tem a mãe pequena, tem a decano, que é ela, que é a vó Nair, que participa, do tratamento, da criação. Porque nós usamos o termo criação. Tá recolhido no roncó, então, quem cuidou? Foi a Maria Alice. Quem mais? Foi a Nair. Quem mais? Foi a Dalva. Então elas são mães de criação daqueles médiuns que estão recolhidos.

Certo.

L: Porque elas deram comida, elas acompanharam, elas...sabe, deram remédio, se for o caso, deram bebida, entendeu?

No caso, essa madrinha, e padrinho que tem, é fora isso, então? Fora isso tem a madrinha e o padrinho, ou não?

L: Não. Não. É considerado madrinha, padrinho, todos que estão num grau maior, né?

Ah, tá. Mas não tem uma pessoa específica?

L: Específico, não...só no batismo de Exu.

Aí tem?

L: Tem. Aí tem padrinho e madrinha.

E tem que ser da casa?

L: É, normalmente é um Yaô, um Oyabá, ou um Babalaô, um bababá, né. Sempre os mais velhos, é que vão batizar. É que tem padrinho, madrinha, tem Exu, tem...aqui em casa tem.

Certo.

L: Inclusive tem aqueles velhos, tem aquele velho...

M: E que por sinal quem me fez foi a Nair. A Nair já é Yalorixá, né, a Nair?

L: É, é Yalorixá. Porque a Nair é mãe-de-santo da Maria Alice. Porque eu não podia ser pai-de-santo da Maria Alice, entendeu?

Então essa questão, é... de vocês serem casados, impede que você...

L: Impede de eu ser o pai-de-santo dela.

Certo.

L: Eles falam...o que que eles falam? Que a gente canta assim: Levanta Exu, Exu não é judeu, padrinho, madrinha, foi Deus quem me deu...

Eu me lembro disso...

L: Tá sabendo desse refrão? E esse é exatamente o, a iniciação que a gente faz pra exú ser batizado. Então não se deixa exú nenhum com o nariz no chão. Tem que levantar todos, de cabeça.

M: Não, isso aí me marcou. Foi logo quando eu comecei, já tinha, acho que tava no segundo preceito, terceiro, da dona, da mulher do sr. João Azanha, que tinha uma menina no terreiro, que recebeu a filha dela.

N: A Margarida.

L: A Margarida. A Margarida é lá de Santo Amaro.

M: E a filha dela morreu queimada.

L: Filha do...

M: E a “Ramiossí”, né, que recebe a filha dela no terreiro. A Nair que contou pra mim, né, Nair?

L: Então, Não é Ramiossí é Ginalopé.

M: Não, a menina que recebe....a...

N: Margarida.

M: É a Margarida que recebe? Não é a Ramiossí?

L: Não, “Ginalopé”, Margarida.

M: Ah, eu achei que era a Ramiossí.

L: Não, Ramiossí, não. É a Ginalopé.

Que recebe a...

M: Que recebe a filha dessa aí...

L: Como é que ela chama? Como é que ela chama, a menina?

M: E a menina morreu queimada.

Madalena.

L: Madalena. Era Madalena.

Mais isso é uma outra história.

Esses nomes que vocês dão, né, aos seguidores, quem que escolhe?

L: Como é que é?

Esses nomes ? As diginas ?

L: As diginas é o pai-de-santo.

É o pai-de-santo?

L: É. Só que é através dos búzios, gritando pro orixá da coroa do médium. Quer dizer: O orixá da coroa do médium que dá o nome, né? Quer dizer, então o pai-de-santo fala com o orixá... eu falo com o orixá dela, da coroa dela, jogo o búzio, enquanto ela tá recolhida. Então o orixá dela que é vai gritar no búzio pra mim qual a digina dela. Isso já no camarim, né. No primeiro preceito do santo.

E essa digina tem que ter inter-relação com o orixá, ou não necessariamente?

L: Normalmente ela tem inter-relação com o orixá

Certo.

L: Porque o orixá sempre puxa o nome dele, né? Da falange dele, da como é que a gente fala? É, Falange.

É falange, linha...

M: Vamos, Naia.

N: Aonde?

L: Conta a história da menina, Naia.

N: Ah, mas a Maria Alice já contou.

L: Não.

M: Conta em suas palavras, aí.

L: Ela lembrou você da menina, mas não contou a história. Como é que foi, como é que aconteceu.

Vai, mana. Vamos, mana...

N: Como é que é mesmo?

M: A Senhora que tava lá na hora.

N: Como é que chama a mãe da menina?

M: Aí não sabemos, mas chamamos de Azanha.

Como que chama a mulher do seu João?

A Margarida recebeu a Madalena, e a mulher do seu João tava ali perto. Aí ela começou a contar fatos, que aí a mulher do seu João...

N: Achou que era ela.

M: Achou que era ela. Aí ela... aí a Madalena provocou...

N: Pera aí. A mulher do..., a mãe da Madalena, a Margarida recebeu a Madalena. Daí a mãe da Madalena tava doente, foi consultar com a Madalena..., com a Madalena.

M: E essa senhora é a mulher do seu João.

N: Isso, a mulher do seu João. A mãe da criança. E quando ela chegou na criança pra consultar com a criança, ela olhou na criança assim, ela já teve um...sabe como é?

M: Já sentiu.

N: Já sentiu, qualquer coisa. Daí ela começou a conversar, e a menininha curando a mãe, benzendo a mãe, então, foi contando o causo: como que ela foi morta, porque...foi queimada com fogo...com álcool, tudo... que o nome dela não era aquele, que ela falava aquele nome dela para a mãe não conhecer ela, porque a mãe dela tava alí.

Ah,...que interessante...

N: Daí que a mulher disse, então: essa aí é minha filha.

L: Mas ela apontou a mãe.

N: Apontou. Ela apontou a mãe.

Que coisa...

N: Ela disse assim: Você é a minha mãe. Falou pra ela, pra mulher lá.

A mulher deve ter quase morrido.

N: Nossa! E você vai sarar, ela falou pra ela. E você é minha mãe. E você ainda tem o meu pé de rosa branca na sua casa, né? Falou pra mãe dela.

Alguma história assim, do padrinho, que a senhora lembra, de algum guia do padrinho...do Xangô...nada, assim?

M: Como não, Naia?

M: Ela conta tanto aqui pra gente, tudo...

N: Não lembro.

Não lembra?

O que Xangô do padrinho gostava?

N: Quem?

Do que o Xangô do padrinho gostava?

Não sabe?

L: Do que?

Nada, assim, nada, assim, especial ?

M: Ah, tem uns fatos, sim. Que ele chegava aí no terreiro e subia no camarim das mulher, olhava nas roupas e jogava embora, né Naia ? Aí ele olhava pra médium, a Nair que conta pra mim, olhava na médium, e costurava a roupa com as mãos, pros médium.

L: A Dinha que tinha isso, né? Ele olhava pra você, fazia a roupa pra elas vestir. Ele fazia. Ele cortava e costurava. E nunca pegou uma tesoura...nunca entrou numa escola pra aprender cortar uma ...

O meu pai-de-santo que me iniciou na Umbanda, chamava Bento Fernandes. Quando ele começou a desenvolver a preta velha dele, ele nunca tinha costurado... Ela chegou e disse que queria uma saia. Daí o meu pai-de-santo falou, não isso aí não tem como. Aí ela falou assim: então pelo menos um avental. Que ela queria botar. Era Maria Conga e ela colocava na frente, assim, né. Queriam puxar um preto velho pra ele, mas ela não arredou o pé. Ela falou: não, ele vai ser meu cavalo, acabou. Eu vou trabalhar com ele. Aí ele pediu uma agulha de crochê e barbante. Linha cléa, acho que é isso. Essas finas... Ele fez um avental de crochê e ele nunca tinha pego em agulha...

Entrevista realizada em 14/04/2005 com Leocrécio Rosso

LEGENDA DAS FALAS

L: LEOCRÉCIO

Quando é feito o batismo? Existe o batistério? Se existir, quando é entregue?

L: Não existe batistério, ainda não foi normalizada esta situação de batistério, existe o batismo natural. É feito o batismo, é feita todas as obrigações do batismo, mas não tem documento.

Batismo é a primeira obrigação?

L: É a primeira obrigação.

E o que é usado no Batismo?

L: No batismo é usado a bebida do Santo, é usado pemba, é usado sabão da costa, uma toalha virgem, e o alguidar.

Existe alguma cantiga própria para o Batismo?

L: A cantiga é de acordo com o Santo que vai ser batizado o médium.

A pessoa tem que saber o santo para fazer o Batismo?

L: Tem que saber o Santo pra fazer o Batismo.

Certo. Criança pode ser batizado?

L: Pode. Pode, mas eu não deixo por uma questão de empolgação. Criança se empolga vai a escola e eu não deixo que saia da escola para vir ao terreiro. A não ser que haja uma constância de mãe e pai juntos, aí é uma responsabilidade dos pais.

Agora vamos falar sobre os camarins. O camarim, são quantos dias?

L: Três dias.

Quantos preceitos têm que ser feitos?

L: Sete.

Sete preceitos. E quantos dias os médiuns ficam recolhidos, nos preceitos?

L: 12 horas no mínimo.

Pode ser pulado algum ano ou tem que ser seqüencial?

L: Pode. Pode ser pulado isso é de acordo com a disponibilidade do médium. As vezes o médium não pode fazer, está trabalhando, trabalha de rodízio e não pode parar, trabalha na fábrica..., então ele não pode, tem que esperar a férias dele pra fazer.

Quando que é feito o batismo de Exu?

L: O Batismo de Exu é feito na primeira sexta feira Santa após o camarim. Após o primeiro preceito.

Existe alguma cantiga própria para este batismo?

L: Para o Batismo de Exu existe.

Você pode falar pra gente?

L: Cantiga: Nós somos pretos da catinga de aruanda e os Barás nós vamos louvar, maculele eh eh eh, maculele eh eh aaa.

Vai repetindo até o final do batismo. E todos é o mesmo ponto. Pra todos os Exus é o mesmo ponto.

Qual é o material que é utilizado no batismo?

L: Alguidar, pinga, um pedaço de fumo, uma toalha vermelha e a vela.

E como que é feito isso? É lavado....

L: Lava as mãos do médium, o médium lava as mãos do padrinho e da madrinha.

Então, tem que ter um padrinho e uma madrinha?

L: Tem que ter um padrinho e uma madrinha.

E esse padrinho e essa madrinha é escolhido por quem?

L: É a escolha do médium.

O sacerdote no caso, não interfere?

L: Não. O sacerdote é alheio a tudo isso.

No caso do batismo existe padrinho também, ou não?

L: Não, no batismo não.

No batismo comum não existe.

L: No batismo de Exú existe, no batismo do Santo no Orixá, não.

E esse alguidar, essas coisas....

L: Fica tudo a disposição do médium, o médium é que vai usar de acordo com a necessidade dele. Os pedidos que ele vai fazer para a entidade dele, pra o Exu dele..., vai acender a vela, vai molhar a mão com a pinga, vai urgir dentro do alguidar, vai enxugar a mão e vai rezar ao coração.

Quando que o médium recebe o deká?

L: Depois do sétimo ano do preceito.

Certo, se ele completar os preceitos antes, ele recebe?

L: Não.

Não recebe?

L: Não, no sétimo ano.

O pai de Santo, no caso você, se fosse uma mãe de santo da casa, pode dar obrigação para esposa, filhos, ou não?

L: Pra esposa não, pra filhos sim.

Por que para esposa não?

L: Porque para esposa há uma divergência de Orixás, então não pode.

Pessoas casadas podem ser filhas do mesmo pai de santo?

L: Podem.

Elas têm que casar dentro da religião ou não necessariamente?

L: Não, isso aí é critério de cada um. Se quiser faz o casamento também, mas não existe documento, infelizmente ainda não fizemos estes documentos, precisamos fazer, mandar imprimir. Porque agora a nossa seita é conhecida, então, nós temos que documentar isto.

Certo. As pessoas podem fazer mais que um preceito por ano?

L: Pode fazer a todos os preceitos por ano, apesar de que a gente não faz, né, a gente só faz uma vez por ano, ou no máximo duas, ele pode fazer todos, mas só vai receber o deká depois do sétimo ano.

Existe a possibilidade de uma pessoa ser feita num período menor?

L: Não. Dentro do nosso ritual, não.

Ela pode cumprir todos os preceitos...

L: Ela cumpri todos os preceitos, mas ele vai ter que esperar o sétimo ano. Porque estes sete anos... Por que estes sete anos? Porque sete anos é um período de aprendizado. Porque o período mínimo pra você ser Babalaô dentro da nossa casa,. você tem que aprender e para você aprender leva sete anos. Porque cada ano que passa tem um ritual diferente, tem um aprendizado diferente e isso você vai ter que ter na sua bagagem.

Como é feita a cerimônia do estouro da panela?

L: A cerimônia do estouro da panela é feita na sexta feira santa, que é a continuação do batismo de Exu. Esse estouro de panela na realidade ele significa uma crisma, entendeu? Ela é feita com panela de ferro, com peteca de pólvora e alpister na peteca e depois é feito o estouro com álcool, que são as bombas que a gente faz, que derruba até a casa (risos).

A finalidade você já falou, que é como se fosse uma crisma...a data também, sexta feira santa...e todas as pessoas passam por este ritual?

L: Opa!

Você teve que alterar alguma coisa deixada pelo Dito, pai Bene, após a morte dele?

L: Não, a cartilha é a mesma, a cartilha que seguimos é a mesma coisa.

Mesmo com essa, entre aspas pressão que está tendo pelas igrejas neopentecostais, este crentes que estão agredindo, que estão denegrindo a imagem, você manteve o ritual da mesma forma?

L: A mesma coisa, da mesma forma. Nosso ritual, dentro da nossa seita, o nosso ritual, não agride ninguém e não ofende ninguém e não denigre ninguém,

então nós não temos que modificar nada, então nós temos que continuar fazendo o que nós fazíamos e vamos continuar fazendo.

Você acha que isso aí trouxe algum prejuízo pra você? Certa perseguição?

L: Não, não.

Não teve baixa de filhos, nada?

L: Não, não. Os freqüentadores são os mesmos, continua modificando, um sai, vai pra outra cidade, outro lugar, demora mais pra vir, de vez em quando aparece e vem outras pessoas, né e a gente tem sempre gente nova aí também, então não alterou nada isso pra gente.

Gente nova que você fala, é gente nova de idade?

L: Não, novas no santo.

E gente jovem?

L: Vem também, vem também. (risos)

Qual a maior diferença entre você e o pai Benê?

L: Qual a diferença que eu acho?

Em termos do sacerdócio?

L: Muito grande. Ele é inigualável, é inigualável, eu posso fazer tudo que ele fazia, mas como ele fazia e da maneira com que ele fazia não existe pai de santo nenhum, pra mim ele foi o Papa e o Papa é insubstituível, dentro da Umbanda é, não existe outro Papa.

Na época do Pai Benê, ele morava no terreiro, ou não?

L: Não. Ele morava em São Paulo. Primeiro ele morou na Rua dos Clérigos, depois foi morar na Rua João Augusto, ele morreu lá. Só que ele vinha de terça e sexta pra Americana.

Naquela época, as pessoas comentam que vinham muitas pessoas famosas, você se lembra o nome destas pessoas?

L: Marlene França, que era filha de santo dele, Ronie Von, como chama aquele do filme Janaína, Raul Cortez...

Estas pessoas eram consulentes dele?

L: Eram consulentes dele, inclusive o Ronie Von teve, na época, uma doença muito grave e ele conseguiu fazer um trabalho, que o Ronie Von saiu desta situação difícil.

Ele atendia gente do Brasil inteiro?

L: Atendia gente até dos Estados Unidos.

Políticos?

L: Políticos também.

E da cidade, de Americana?

L: Abdo Najar, como chama aquele que eu falei para você? Mario Ponsenti, Mario Posenti era um dos fundadores do centro.

Então ele morava em São Paulo e vinha pra cá?

L: Terça e Sexta feiras.

O que mais, daquela época, que você lembra, que ele conseguia fazer e que hoje é difícil a gente fazer? Agregar número de filhos de Santo...

L: Ele conseguia mais do que a gente consegue hoje variar o número de adeptos da casa. Porque naquela época além de ele ter o pessoal daqui, ele trazia o pessoal de São Paulo, às vezes vinha ônibus lotado de lá.

Ele tinha amizade com outros pais e mães de Santo?

L: Tinha, mas ele não ia na casa de ninguém. Como eu, também não tenho mania de fazer isso. As minhas visitas são restritas, são poucos, poucos, aliás, nenhum, mais é na sua casa que eu vou. Não gosto muito de ficar...sabe, porque sempre tem uma critica, eu não gosto de critica, se fosse construtiva, mas normalmente é crítica, sempre no sentido pejorativo.

Você se lembra do nome de alguma mãe de santo, que ele tinha amizade?

L: Olga de Alaketo. Aquele pai de Santo que é o Papa do Candomblé, como é o nome dele? Que eu contei pra você que morou como indigente, que ele foi vestido de Oxum no Carnaval? Ah! Meu Deus...

Não devo ter gravado o nome...

O pai de santo do Dito, você lembra o nome?

L: Mãe de Santo. A mãe de Santo dele chamava-se...Mariana, era do Rio de Janeiro.

E é Umbanda?

L: É Umbanda.

O Dito teve algum cruzamento com Candomblé?

L: Não, não.

Sempre tocou Umbanda?

L: Foi feito o Santo errado nele, uma vez. Fizeram ele pra Ogum e ele era de Xangô. Aí essa mãe de santo, lavou ele, limpou ele e puxou Xangô na coroa dele e fez o santo dele. E ele viveu a vida inteira, depois disso, viveu somente do clero, não tinha profissão, ele trabalhava de cozinheiro antes, era cozinheiro, trabalhava com serviços domésticos, aí depois ele começou a jogar búzios e viver de búzios.

E você lembra antes da chegada dele aqui, você deve ter ouvido comentários, como que era o templo antes do Dito?

L: Antes do Dito era um quartinho de 3 X 4, era a Nheta, Antonieta Fratucello que era a Mãe de Santo, chefe do Terreiro, e ele quando chegou pra fazer uma visita, ela percebeu, o pai Timbira que era o caboclo dela, sem ela perguntar nada, entregou o terreiro na mão dele, e a partir dali ele tomou conta, tomou frente do terreiro. Aí depois venderam a chácara, porque aqui era tudo uma chácara, né, aí venderam parte da chácara para construir o prédio, e construíram tudo isso aqui.

O prédio é da casa, então?

L: É do Templo.

Você falou pra mim que as sessões, na época dele, eram de terça e sexta, hoje é só na sexta, porque você mudou?

L: Porque pra mim é cansativo, apesar de eu morar aqui dentro, hoje, mas pra mim é cansativo, minha saúde não dá pra mim puxar, é muito desgaste. Duas vezes por semana pra mim, desgasta muito. Não ia agüentar muito tempo, não.

Existe alguma norma pra sucessão, estabelecida na casa, ou não?

L: Se existe uma norma? Existe, só que eu tenho procurado preparar, mas todos aqueles que eu vou preparando, começam e já desistem, eu tenho um ainda, parece que este vai dar certo. Que é o Serginho, este parece que ta mais firme agora , tá mais consciente, tá tendo mais responsabilidade nas coisas do Santo, então, parece que vamos ter um sucessor.

Então, isso é construído, é preparado?

L: É construído ao longo do tempo, né.

E ele pode não querer assumir?

L: Pode, aí a gente já vai conscientizando da responsabilidade, normalmente ele assume.

No seu caso, foi mais ou menos assim também, o Pai Benê que passou e disse que você ia assumir.

L: Quando eu cheguei, no primeiro dia que eu vim no terreiro, ele já falou pro pessoal: este vai ser o meu sucessor. Naquele tempo não tinha nem noção do que era ser o sucessor dele, eu não sabia o porte do era o Benedito Minarelli, achava que ele era uma pessoa comum como os outros e não era, porque a responsabilidade que ele tinha e a capacidade de administrar, a capacidade sacerdotal dele era extraordinariamente grande. E não tem, igual a ele... não tem e não vai ter.

Você pode me dizer qual a imagem mais forte ou a coisa que mais te gravou do teu pai de santo?

L: A personalidade dele como pai de santo era inigualável, tudo que ele fazia dentro do santo era importante, era bonito e era bem feito, e ele tinha uma percepção extraordinária. Você chegava... ele, as vezes, nem precisava de búzios, nem de santo, ele contava a tua vida inteirinha e falava o que você tinha que mudar, ou que é que você tinha que procurar.

O pessoal fala muito que ele luxava no Santo, isso é uma verdade?

L: Luxar no Santo, fazia mesmo.Isso é uma verdade. Eu nunca vi nenhum pai de santo, nenhuma mãe de santo, luxar tanto pro santo, cada preceito que ele fazia ele fazia uma roupa diferente.

E as roupas...

L: As roupas,era tudo ele que fazia, confeccionava.

E era tudo artigos...

L: Tudo artigo de primeiríssima qualidade, a base de paetês, de plumas, de veludos, e essas roupas caríssimas, brocados, se não via ele com uma roupinha simples, a não ser gira normal, né? Roupa branca, ou roupa preta e branca.

Antes dele vir, pelo que o pessoal comenta, era usado só o branco, ele que trouxe as cores?

L: Ele que trouxe as cores do santo na Umbanda.

E comida também, né?

L: As comidas tudo. Era só..., acendia vela, concentrava pro santo e acabou.

Tinha atabaque antes dele?

L: Não, não tinha.

Ele que trouxe o ritual?

L: Ele que trouxe o ritual verdadeiro da Umbanda, porque isso ele adquiriu com conhecimento dele, através da mãe de santo dele.

Com quem, hoje, você pode contar na casa? No caso do Pai Benê ele teve você, com quem você pode contar?

L: Com o Serginho só.

Com o Serginho, certo. Mais alguma pessoa, no terreiro, pode dar obrigação para os filhos de Santo, fora você?

L: A Nair e o Serginho.

Já estão preparados pra isso?

L: Já estão preparados pra isso.

Entrevista realizada em 17/11/2005 com Leocrécio Rosso

LEGENDA DAS FALAS

L: LEOCRÉCIO

L: Bom...O estouro da panela, ele é uma confirmação do Batismo, uma Crisma. Porque o Batismo propriamente dito é feito lá dentro no Batismo do Exu. É feito através do alguidar, com a pinga, com a toalha, com fumo, com vela; o médium tem que escolher um padrinho e uma madrinha. E a panela, quando ocorre o estouro da panela, ele é a confirmação do Batismo, é uma crisma, é feito um estouro de panela de Exu, então pra cada Exu é uma panela, pra cada Exu é um Angoroci, aí é que é a maior dificuldade, tem que ter muita filigrana, pra poder fazer uma crisma de Exu. Porque pra cada Exu tem que fazer um Angoroci diferente.

Conta como você faz.

L: A panela é colocada no fogo, depois você coloca..., faz uma peteca de pólvora; então, cada panela corresponde a uma peteca, ali você cruza o médium ou cruza a mão do médium com aquela peteca, você faz o médium colocar a peteca na panela, com muito cuidado, pois aquilo é uma situação muito perigosa, eu normalmente fico em cima de todos, porque eu não confio muito não, sabe, eu confio em mim. A partir daí, então esse médium tá confirmado o Batismo dele, que é a crisma.

L: Depois disso a gente faz a panela grande, daí a panela grande é uma peteca maior, que é a confirmação de todos; com essa peteca, a gente faz com pólvora também, azougue ou alpiste, dependendo do tipo de ritual que você vai fazer. Após este estouro desta peteca, aí você coloca o dendê, esse dendê ele vai ferver, quando chegar a ponto de incandescer, daí você faz o estouro, que é com álcool; é uma situação muito delicada e muito perigosa, já tive problemas na casa, quase que eu derrubo a casa (risos), sou meio doidão; é isso aí, o estouro da panela é exatamente isso aí, é a confirmação do Batismo.

Isso é feito antes da sessão ou durante a sessão?

L: Essa confirmação do Batismo, ela é feita antes da sessão, durante o dia, normalmente as sextas-feiras santas, após as três horas da tarde.

Alguém te ajuda?

L: Tem o pai pequeno que me ajuda agora, só um pai pequeno agora, a outra desistiu, parece que já se afastou, sabia que não ia dar em nada, mas em todo caso, paciência.....

São panelas de ferro?

L: São panelas de ferro fundido.

Você aquece ela no fogo?

L: Ela é aquecida até ficar quase que brasa. A partir daí é que você começa a estourar as petecas.

É colocada acesa essa peteca lá dentro?

L: Está incandescendo a panela, então você coloca a peteca lá dentro, faz uma peteca bem feita, com jornal, bem grossa pra não estourar de imediato, pois pode se queimar ou queimar alguém, daí você deixa, ela vai incandescer e vai explodir, uma bombinha que a gente faz, uma bombinha manual.

Existe alguma cantiga pra isso, ou não?

L: Existe o Angorosi, você tem que ir falando com Exu. Com o Exu do médium; você tem que conhecer, saber quem é o Exu, pra confirmar aquele Exu para o médium, que aquele é o catiço, o Orixá, aquele Exu é que você deve saber falar com ele, saber fazer a sua reza, seu Angorosi para ele.

Você vai pedindo coisas pro médium?

L: Pro médium, só bem, só bem, só bem...

L: Sempre pedindo a Exu que a partir dali ele está Batizado e confirmado, e que ele não tem mais o direito de fazer maldade, então é uma doutrina, que a partir daí ele começa obedecer a uma doutrina, que só faz aquilo que o Orixá determina, ou quando ele quer fazer alguma outra coisa, ele tem que pedir licença ao Orixá para fazer.

Não existe incorporação?

L: Até aí neste momento não, só apepois normalmente o Sete, Seu Sete Capote vem.

L: Depois disso também na panela grande você vai por uma quantidade de pinga na boca, na panela grande, não nas panelas pequenas, na panela grande você vai por um pouco de pinga na boca e vai cuspir dentro daquela panela.

Com o dendê quente?

Com o dendê quente. Daí todos os médiuns que estão ali participam.

E pede-se alguma coisa na hora que cospe?

L: Pede. Sempre pedindo benefícios, benefícios espirituais, defesa, pede progresso no trabalho, progresso de maneira geral na vida espiritual e vida material.

Acho que é isso. Já deu pra entender como funciona. Você se lembra de mais alguma coisa?

L: O batismo de Exu você já sabe, você já viu, já participou. E a cantiga é aquela.

Então, aqui no estouro de panela não existe cantiga específica?

L: Não, existe o Angorosi que a gente faz de acordo com o Exu.

Cada Exu tem uma panelinha?

L: Cada médium tem uma panela para o seu Exu.

Cada médium não, cada Iaô, aí ele já está em outro grau na hierarquia do Santo, aí ele já é um Iaô.

E depois dessa panela pequena é feito o estouro da panela grande?

L: É pra confirmação de todos.

Daí é que todos que estão presentes participam, independente quem são?

L: Independente, pode ter visitas, assistência, estando aí participam.

Entrevista realizada em 18/01/2006 com Leocrécio Rosso

LEGENDA DAS FALAS

L: LEOCRÉCIO

L: O alguidar do batismo de Exu, ele deve ficar na casa do médium que esse é um ponto de confirmação pra ele, de afirmação, então o que ele vai fazer, na hora que ele precisa procurar um emprego ou resolver um negócio qualquer, que ele fica em dúvida, que ele precisa de algum auxilio, então ele vai pegar aquela vela do alguidar, descobre, porque fica normalmente coberto pela toalha, ele vai ascender a vela ao lado do alguidar, vai pegar a pinga, a pinga do batismo de Exu, vai lavar as mãos e vai espargir em cima daquele fumo, que fica no alguidar, aquele pedaço de fumo, faz o pedido, normalmente ele tem por obrigação fazer o pedido para padrinho e madrinha de Exu, isso normalmente se faz, daí ele fez o pedido, fez a oração dele ali com Exu, apaga a vela, coloca de novo no alguidar, cobre, tampa a pinga e põe no canto pra outra vez que ele precisar. Isso aí é uma situação que ele vai ter que fazer adi eterno, sempre que ele tiver que fazer, ou achar necessidade de fazer, ou que ele precisar fazer alguma coisa pra alguém, ele não precisa concentrar, ele vai naquele alguidar, acende aquela vela, não só pra ele, mas eu fazer ou pra você fazer, ou pra qualquer outra pessoa, vai ali, faz aquele pedido, sem precisar concentrar, sem Exu. Ele pode fazer isso também, não só pra ele, mas para os outros também, mas principalmente para ele.

Fala então, no caso do alguidar do batismo do Santo

L: O alguidar do batismo do santo, ele é feito, não é propriamente um batismo, é um amaci, uma lavagem de cabeça, é a confirmação do Orixá da coroa do médium com seu anjo de guarda. Então, é feita essa lavagem de cabeça, fica sete dias assentado na casa do Orixá, depois você limpa esse alguidar, escorre todo aquele liquido das bebidas e você assenta ali a comida do santo da coroa daquele médium , se for Oxossi, pode assentar a moranga, pode fazer a canjica, pro Ogum, pode fazer uma rabada do Xangô, assim de acordo com o santo, de acordo com a coroa do médium, deixa assentado na casa do Orixá, porque aqui não se entrega comida nenhuma em encruzilhada, nem em rio, nem na rua, nem na estrada e nem no mato, aqui o santo como em casa, então você deixa assentado durante sete dias. A partir

dos sete dias a aí você pode despachar em qualquer lugar. Sempre, lógico, com o devido respeito, claro que aquilo o Orixá já extraiu toda a essência.

E isso pode ser jogado no lixo comum, ou não?

L: Normalmente a gente não joga no lixo, a gente coloca num lugar, pois mesmo sabendo que aquilo não tem mais valor nenhum espiritual, a gente tem um certo respeito, então coloca, numa beira de estrada ou joga no rio, nunca onde pode passar vândalos e fazer sargagados, porque abusados tá cheio, o que tem mais são abusados, a gente não quer; e outra coisa, denigre um pouco a imagem do espiritismo, por causa desses maus sacerdotes que não sabem dar uma comida, despacham em qualquer lugar. Despachar comida no asfalto, você já viu isso? Santo não como no asfalto, come dentro de casa, ou então, come na beira da estrada, ou no rio.

Deixa eu perguntar outra coisa, que você me lembrou: na roupa, na vestimenta, tem alguma diferença que dá para gente vê, a pessoa que é mais preparada, ou menos preparada, ou não? Assim pai de santo pode usar roupa até no pé, filho de santo, não pode.

L: Não, indistintamente, não tem. Pra nós cada um luxa no santo de acordo com suas posses. Dentro do critério que você obedece as cores do santo, você pode fazer uma roupa de ouro, não tem importância, você pode fazer, mas eu prefiro que tenha uma mente de ouro do que uma roupa de ouro.

Questionário

IDADE: _____ **SEXO**: ( ) M ( ) F DATA____/____/____

ESTADO CIVIL: ( ) CASADO ( ) SOLTEIRO

QUAL SUA RELIGIÃO ?

( ) CATÓLICO ( ) ESPÍRITA ( ) UMBANDISTA ( ) OUTROS

GRAU DE INSTRUÇÃO

( ) PRIMÁRIO (ENSINO FUNDAMENTAL) ( ) SUPERIOR

( ) GINASIAL (ENSINO MEDIO) ( ) OUTROS

RENDA SALÁRIAL (EM REAIS)

( ) 000,00 À 299,00 ( ) 300,00 À 900,00

( ) 901,00 À 1.800,00 ( ) 1.801,00 À 2.700,00

HÁ QUANTO TEMPO FREQUENTA O TERREIRO ? ___ ANOS OU ___ MESES

PARTICIPA QUANTAS VEZES POR MÊS

( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) AS VEZES

QUAL O MOTIVO QUE O FEZ FRENQUENTAR

( ) PROBLEMAS DE SAUDE ( ) PROBLEMAS AMOROSOS

( ) PROBLEMAS FINANCEIRO ( ) VEIO COM AMIGO E GOSTOU

( ) OUTROS

CALENDÁRIO DAS FESTAS COMEMORATIVAS

MÊS	ORIXÁS
JANEIRO	Festa de Oxossi Preceitos da Casa (Obrigações de Iniciações)
FEVEREIRO	Não tem nenhuma comemoração neste mês
MARÇO	Primeira Lua Nova do mês de março início do ano Litúrgico
ABRIL	Festa de Ogum Festa Comemorativa do aniversario de Batismo da Pomba Gira D Dada Rainha (Entidade do sacerdote fundador Pai Benê)
MAIO	Festa aos Pretos Velhos
JUNHO	Festa de Santo Antonio (Ogum de Ronda) Festa de Xangô Aboni Festa de Xangô Agodô e Xangô Aira
JULHO	Não tem nenhuma comemoração neste mês
AGOSTO	Festa de Nana. Festa comemorativa do aniversário de batismo do Exu Sete Encruzilhada e da Pomba Gira Rainha (entidades do atual sacerdote).
SETEMBRO	Festa de Oxum. Festa do Nascimento de Oxalá. Festa de Cosme Damião e Doum (Ibeji)
OUTUBRO	Festa de Xangô Kaô.
NOVEMBRO	Não tem nenhuma comemoração neste mês.
DEZEMBRO	Festa de Iansã. Festa N.S. da Conceição (Iemanjá) Festa de Santa Luzia (Oxum Opará). Festa de Nana Festa de Obaluaê Festa de Oxalá

OS ORIXÁS E SUAS CARACTERÍSTICAS

ORIXÁ	SINCRETISMO	COR
Oxóssi	São Sebastião	Verde e Penas coloridas
Obaluaê	São Lázaro	Amarelo e Palha da Costa
Ogum	São Jorge Guerreiro, Santo Expedito, Santo Antonio	Vermelho
Nanã	Sant'ana	Roxo ou lilás
Oxalá	Jesus Cristo	Branco Leitoso
Cosme e Damião ou Ibeji	Cosme,Damião e Doun Crispin e Crispiniano	Rosa e Azul
Iansã	Santa Bárbara	Amarelo Ouro
Xangô	São João Batista, São Pedro, São Paulo, São Judas Tadeu, São Cristóvão, São Jerônimo.	Marrom
Iemanjá	N. Senhora de Conceição N. Senhora dos Navegantes	Azul Claro
Omulu	São Roque	Palha
Oxum	Nossa Senhora Aparecida	Azul Royal
Ossain	Encanto (Cobra Verde)	Verde
Exu	Sr. da Limpeza	Vermelho e Preto
Pomba Gira	Encanto	Vermelho e Preto
Preto Velho	As Almas	Preto e Branco
Oxumaré	Encanto	Azul Escuro

Anexos

Ata de fundação do Centro Espirita Pac João", eleição e posse de sua primeira eleição.

Aos vinte e sete dias do mêz de Abril de 1955, nesta cidade de Americana, á Rua Comendador Morelli n.º 46 - as 20,30 horas, reuniu-se uma pleade de adeptos da doutrina da Terceira Revelação para tratarem da fundação do "Centro Espirita Pac João", bem como para a eleição e posse de sua primeira diretoria, com o fim de proporcionar aos seus sócios e demais interessados, a propaganda, estudo e pratica do Espiritismo, segundo as normas Kardecistas,

Pela assembléa foi designado o sr. Cristiano de Paula para presidir os trabalhos, e este escolheu para seu secretario o comprade José Cometti Pelo, que esta redige e assina com os demais.

Depois de lidos os estatutos e estes aprovados foi por um dos presentes aventada a idéa de se proceder a eleição da Diretoria por aclamação, para o que apresentou a seguinte chapa:

Presidente: Mario Possente
Vice Presidente Eduardo Chavel
1º Secretario Moacyr R. Go
2º Secretario Jose Mottola
1º Tesoureiro Francisco Carlos
2º Tesoureiro Jose Cometti
1 Bibliotecario - Alberto Gigeck

Tendo sido essa Diretoria achada de conformidade com a vontade de todos os presentes,

continua fls n.º 2

foi a mesma unanimemente aclamada, tomando posse imediata de seus cargos os respectivos diretores.

Nada mais havendo a tratar foi dado por finda a presente assembléa, fazendo o Presidente eleito a Prece de Encerramento.

Para constar lavrou-se a presente ata que vae devidamente assinada.

Americana 27 de Abril de 1955

Christiano de Paula
José Carlos
Issani Possenti
Edymundo Chaves
Noacyr Rigo
[illegible]
Francisco dos Santos
José Comello
Alberto Gigeck
Adelia de Paula
Maria Shereza Gigeck
Jenny Lygia Mottola
Helena Gratichelli Possenti
Maria Stella Gigeck
Ildefonso Decomandi
Alfredo Roberto Lippelm
Nair Bertie
Maria Tai Gigeck
Josefina Strumillo
Esmeralda Lude
João Strumillo

ORAÇÃO DE ABERTURA

Abrindo nossos trabalhos pedimos a todos uma firme concentração.

Com a graça de **ZAMBI** nosso Pai Maior, pedimos que as irradiações do Sol de **OXALÁ**, nos dê força para os trabalhos que vão ser efetuados ou que efetuados forem neste **TERREIRO**.

QUE DOLENTE XANGÔ, (KAÔ KABECILI) com seus inigualáveis ensinamentos de mística e magia nos dê forças para que nossos trabalhos sejam coroados de pleno êxito.

QUE NANÃ BUREQUE, (SALUBA NANÃ) a Mãe das Mães nos ajude a atravessar as ondas da vida.

QUE MAMÃE YEMANJÁ, (ADÔ FEABÁ) retire de nós toda sorte de perturbações levando para o fundo do mar.

QUE O SENHOR OXOSSI, (OKÊ ARO) das profundezas de suas matas nos envie com suas ervas o Bálsamo da purificação.

QUE IANSÃ, (E PARRELOIA) nos envie seus raios benéficos para iluminar nosso Pegí.

QUE O SENHOR OGUM, (PATACORI OGUM) com sua lança **invencível e sua espada** decepadoura, decepe a cabeça de todos os espiritos sofredores e zombeteiros que possam perturbar nossos trabalhos.

QUE ETIOFÁ, (É PRAS ALMAS) com a bondade e o carinho de seus velhos africanos nos dê a Santa Missão que a nós foi confiada, a missão de bem fazer ao próximo.

SALVE **COSME E DAMIÃO**, (AMIM IBEGI).

E finalmente a vós BARÁ, (ARARUE EXÚ) tome conta de nossa porteira para nos livrar dos inimigos.

"CENTRO ESPIRITA PAI JOÃO DO CONGO"

"PRRECE DE CARITAS"

DEUS NOSSO PAI, QUE SOIS TODO PODER E BONDADE. DAÍ A FORÇA AQUELE QUE PASSA PELA PROVAÇÃO, DAÍ A LUZ AQUELE QUE PROCURA A VERDADE, PONDO NO CORAÇÃO DO HOMEM A COMPAIXÃO E A CARIDADE.

DEUS! DAÍ AO VIAJOR A ESTRELA GUIA, AO AFLITO A COSOLAÇÃO E AO DOENTE O REPOUSO.

PAI! DAÍ AO CULPADO O ARREPENDIMENTO, AO ESPÍRITO A VERDADE, À CRIANÇA O GUIA E AO ORFÃO O PAI.

SENHOR! QUE VOSSA BONDADE SE ESTENDA SOBRE TUDO O QUE CRIASTE.

PIEDADE SENHOR PARA QUELES QUE NÃO VOS CONHECEM; ESPERANÇA PARA QUELES QUE SOFREM.

QUE VOSSA BONDADE PERMITA AOS ESPÍRITOS CONSOLADORES DERRAMAREM POR TODA A PARTE, APAZ, A ESPERANÇA E A FÉ.

DEUS! UM RAIO, UMA FAÍSCA DO VOSSO AMOR PODE ABRASAR A TERRA. DEIXAI-NOS BEBER DESSA BONDADE FECUNDA E INFINITA E TODAS AS LAGRIMAS SECARÃO... TODAS AS DORES SE ACALMARÃO!

UM SÓ CORAÇÃO! UM SÓ PENSAMENTO SUBIRÁ ATÉ VÓS, COMO UM GRITO DE RECONHECIMENTO E DE AMOR.

COMO MOISÉS SOBRE A MONTANHA, NÓS VOS ESPERAMOS COM OS BRAÇOS ABERTOS. Ó BONDADE! Ó BELEZA! Ó PERFEIÇÃO! E QUEREMOS DE ALGUMA SORTE ALÇAR A VOSSA MISERICORDIA.

DEUS! DAÍ-NOS A FORÇA DE AJUDAR O PROGRESSO AFIM DE SUBIRMOS ATÉ VÓS. DAÍ-NOS A CARIDADE PURA, A FÉ E A RAZÃO. DAÍ-NOS A SIMPLICIDADE DE QUE FARÁ DE NOSSAS ALMAS O ESPELHO ONDE SE DEVE REFLETIR VOSSA SANTA IMAGEM.

Tenda de Umbanda "Pai João do Congo"
Rua 13 de Maio, 597 -São domingos
Americana – SP- CEP:13471-030 Tel: (19)3461.4961

PESQUISA

1-Há quanto tempo você freqüenta o centro?

2- Você é um Médium assíduo (a)?

3- Qual é a sua opinião sobre os Médiuns de incorporação?

4- Qual é a sua opinião sobre os cambones?
( ) regular ( ) bom ( ) ótimo

5- O que você acha da atual Diretoria?

6- Do que você sente mais falta no centro?

7- O que você acha que poderia ser feito?

8-Qual é o seu conceito com relação a sua participação no centro?

9-Até que ponto o centro tem ajudado sua vida espiritualmente?

10- Seu cadastro está em dia?
( ) sim ( ) não

11- Você contribui com a mensalidade?
( ) sim ( ) não

Obs: Queremos que você seja o mais sincero possível respondendo esta pesquisa para que, através dela possamos atendê-lo melhor, e as pessoas que aqui vem nos procurar com seus problemas possam ser bem atendidas e encontre uma solução.

Tenda de Umbanda "Pai João do Congo"

Rua 13 de Maio, 597 São Domingos
Americana SP CEP 13471-030 Tel: (19) 3461.4961

PROPOSTA SOCIAL

Americana de de 2005

À
Diretoria da Tenda de Umbanda "Pai João do Congo"
Rua 13 de Maio, 597 Americana

Prezados Senhores,

Encaminho-lhes a presente proposta social, em atenção ao convite que me foi enviado, responsabilizando-me pelas declarações nela contida.

Nome: .....

Endereço: .....

Telefone: ..... Cel: ..... Email: .....

CEP: ..... Estado Civil: .....

Data Nascimento: ..... Naturalidade de: .....
(Município)

Profissão: .....

Estado das Convicções Doutrinarias: .....
(Espírita simpatizante ou militante)

Declaro contribuir com ***Mensalidade***, conforme Código Civil de 11/01/2003, com recursos para sua manutenção, da Tenda de Umbanda "Pai João do Congo"

Contribuição Mensal: Ajuda Espontânea R$..... R$ 5,00( ); R$ 10,00( ); R$ 15,00( )

Sem outro objetivo para o presente ensejo, subscreve-se fraternalmente o Sacerdote.

.....
(Assinatura)

Parecer da Diretoria: .....
Data: de de 2005. Sócio: Fundador ( ) Efetivo ( ) Colaborador ( )

PODERÃO SER SÓCIOS TODOS ADEPTOS MAIORES DE 16 ANOS.

Tenda de Umbanda "Pai João do Congo"

Rua 13 de Maio, 597 -São domingos
Americana – SP- CEP:13471-030 Tel: (19)3461.4961

Senhores (a) Médiuns, foram elaboradas pela Diretoria algumas regras e aprovadas por seus membros, visando o melhor andamento do centro, que deverão ser seguidas por todos!

1- Todos deverão chegar com 15 minutos de antecedência do início dos trabalhos.

2- Tomar banho de defesa nos dias de trabalhos.

3- Todos deverão estar prontos com 10 minutos que antecede o início dos trabalhos.

4- Médiuns deverão estar no centro até as 20:15 a partir deste horário é considerado atraso pela nova regra.

5- Evitar chegar atrasado nos trabalhos.

6- Não vir trocado de casa para centro, traga sua "roupa de trabalho" numa bolsa ou sacola.

7- Manter as roupas sempre limpas e bem passadas.

8- Não usar roupa de cor debaixo da roupa branca.

9- Não ficar batendo papo, nem fazer fofocas nos vestuários tanto os homens, bem como as mulheres.

10-Não pegar objetos que não lhe pertença.

11-Médiuns tem por obrigação manter sua matula em ordem "principalmente médium de incorporação".

12-Não fazer conversas paralelas durante os trabalhos, principalmente quando as Entidades estiverem em terra.

13-Manter a "Área ou Copa" disponível para que o Sacerdote, possa ter tempo para meditar, bem como atender os consulentes que precisam de sua orientação antes dos trabalhos.

14-Manter seu cadastro atualizado, bem como a mensalidade em dia com o centro.

15-"A manutenção da tenda é dever e obrigação de todos. Contribuir na limpeza e bem estar da casa, pelo menos com produtos de limpeza, e com maços de vela.

"ESPERAMOS QUE ESTAS NOVAS NORMAS SEJAM COMPRIDAS POR TODOS"

A DIRETORIA

Tenda de Umbanda "Pai João do Congo"

Rua 13 de Maio, 597 - São Domingos - Americana

Eu, OTIAMIÔ, Presidente e Chefe Espiritual da Tenda de Umbanda "PAI JOÃO DO CONGO", faço saber que, à vista da aprovação obtida pelo médium

_____

lhe confiro, no uso das Faculdades que me são conferida pelos Estatutos, o presente CERTIFICADO DE HABILITAÇÃO, visto haver recebido o seu decá em ..... de ..... de 19....., conforme se verifica a fls .....do livro competente.

_____

BABALORIXÁ

Americana, ... de ..... de 19.....

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo